



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP/UFAL

SOFIA UCHÔA CAVALCANTI PACHECO

**ARTE E O DESENVOLVIMENTO DAS EMOÇÕES: UMA INTERPRETAÇÃO
OBJETIVAMENTE ANALÍTICA DA OBRA LITERÁRIA *O LIVRO DOS ABRAÇOS*
DE EDUARDO GALEANO**

MACEIÓ

2023

SOFIA UCHÔA CAVALCANTI PACHECO

Arte e o desenvolvimento das emoções: uma interpretação objetivamente analítica da obra literária *O Livro dos Abraços* de Eduardo Galeano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas, como parte das exigências para obtenção do título de mestra em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dr^a Adélia Augusta Souto de Oliveira

Maceió

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

P116a Pacheco, Sofia Uchôa Cavalcanti.

Arte e o desenvolvimento das emoções : uma interpretação objetivamente analítica da obra literária *O livro dos abraços* de Eduardo Galeano / Sofia Uchôa Cavalcanti Pacheco. – 2023.

160 f. : il. color.

Orientadora: Adélia Augusta Souto de Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 151-159.

Anexo: f. 160.

1. Emoções. 2. Arte. 3. Teoria vigotskiana. 4. O livro dos abraços (Obra literária). I. Título.

CDU: 159.942



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP**


TERMO DE APROVAÇÃO

SOFIA UCHÔA CAVALCANTI PACHECO

Título do Trabalho: "ARTE E O DESENVOLVIMENTO DAS EMOÇÕES: UMA INTERPRETAÇÃO OBJETIVAMENTE ANALÍTICA DA OBRA 'O LIVRO DOS ABRAÇOS' DE EDUARDO GALEANO".

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:


 Documento assinado digitalmente
ADELIA AUGUSTA SOUTO DE OLIVEIRA
Data: 27/04/2023 14:14:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira (PPGP/UFAL)


Examinadoras:



Profa. Dra. Bader Burihan Sawaia (PUC/SP)

 Documento assinado digitalmente
LIVIA GOMES DOS SANTOS
Data: 28/04/2023 10:41:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lívia Gomes dos Santos (UFG)

 Documento assinado digitalmente
PAULA ORCHIUCCI MIURA
Data: 27/04/2023 16:50:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Paula Orchiucci Miura (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 27 de abril de 2023.

AGRADECIMENTOS

Sempre tive um grande encanto pela literatura, e pelas artes de forma geral, porque sempre senti que elas conseguiam expressar muito bem o que eu sentia, e expressavam muito melhor do que eu jamais conseguiria. Falavam daquilo que não cabia em mim, que não conseguia pôr em palavras. Sempre vi a arte como essa possibilidade de expansão da minha existência. Porém, nesse meu respeito e reverência pelos artistas que conseguiam me expressar melhor que eu mesma, fui acreditando que não possuía essa habilidade de expressão, que os outros que sabiam melhor que eu mesma. Que feliz encontro foi ver e sentir que encontrei essa minha forma de expressão na produção científica. Nessa contradição de sentir que consigo expressar os meus sentimentos e amores neste lugar que parece tão formal, tão dado às razões e à dureza das ciências. Bom, ao longo de meu trabalho, espero conseguir demonstrar a quem o encontra, que não devemos separar a razão das emoções, não devemos fazer da objetividade uma religião, assim, espero conseguir expressar essa unidade entre razão e emoção nesta minha produção.

Então, como a formalidade manda, agradeço primeiro à minha orientadora, **Adélia Oliveira**, obrigada por acolher essa forasteira na UFAL. Que feliz encontro foi este! Foi um encanto conhecer o seu jeito sereno, objetivo e leve de ensinar e orientar. Com toda a certeza, foi determinante para que a construção desta dissertação fosse sinônimo de alegria, feita, na maioria das vezes, com um sorriso no rosto. Obrigada pela liberdade teórica e de produção, agradeço pelo respeito e dedicação a mim e ao trabalho desenvolvido.

Agradeço às professoras que fizeram parte da minha banca de qualificação, e de defesa. À **Bader Sawaia**, pelas orientações precisas no momento da qualificação e pela gigantesca produção teórica em nossa área, ambos foram determinantes para a construção dessa dissertação. À **Livia Gomes dos Santos**, pelas orientações cuidadosas, carinhosas e dedicadas no momento da qualificação, com certeza deram mais brilho a esse trabalho. E a **Paula Miura**, pelos apontamentos na qualificação e pelas aulas ministradas com tanta maestria, suas contribuições expandiram minha forma de ver e compreender o mundo.

Agradeço aos **professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFAL**, sejam pelos ensinamentos diretos que tive em suas aulas. Seja por se colocarem como resistência, de continuar ensinando, defendendo a ciência e a aprendizagem, mesmo em momentos que as coisas parecem tão obscuras para o saber científico.

Agradeço o professor **António Duarte** da Universidade de Lisboa, por ter me acolhido no meu período de mobilidade. Viver em Portugal foi um momento de muita

aprendizagem e ampliação de conhecimentos. Experiência que levarei para a vida inteira, com certeza me transformou como pesquisadora e como pessoa. Obrigada por abrir as portas da Universidade de Lisboa para mim.

Com isso, não posso deixar de agradecer também aos amigos de Lisboa – os de longa data e os novos. À **Mari** e à **Lu**, que nesta amizade de longa data e neste reencontro nas terras lusitanas, permitiram que este lugar tivesse um gostinho de lar. Obrigada pelas conversas, saídas, acolhimentos e risadas, vocês são um descanso pra essa cansada da existência. Ao **Luciano** e ao **Miguel**, que me mostraram os diferentes significados do companheirismo. Ao **Danilo**, por trazer mais leveza aos meus dias. E à **Camila** e ao **Jones**, que me mostraram que podemos construir novas amizades e novas formas de ser no mundo, mesmo estando tão longe de casa. Vocês todos fizeram de Lisboa a minha morada.

Agradeço à **Maria** e ao **Marinho** e ao **Mario** e a **Ana**, por emprestarem a casa em Almada e terem deixado essa vida de imigrante um pouco mais fácil no começo.

Também não posso deixar de agradecer aos amigos que estiveram longe e perto. Que não fizeram da distância geográfica barreira para cultivar a nossa amizade. À **Roberta**, por essa imensa sensibilidade que você é como ser humano, obrigada pela escuta atenta em tantos momentos diferentes e ser esse encontro tão potente. Ao **Bruno**, que mesmo estando longe, sempre se faz presente, seja no ambiente virtual, ou nos afetos das saudades e boas lembranças, obrigada por fazer da vida mais gostosa de ser vivida. Ao meu irmão gêmeo, que também é amigo, **Theo**, obrigada por ser esse encontro sempre sereno, atento e cuidadoso. Acho que compartilhar a vida com você me faz entender, em toda a ampliação da teoria, que viver a vida compartilhada a gente expande a nossa própria existência, obrigada! E à minha irmã, também amiga, claro, **Marcela**, que tem um jeito tão singular e alegre de viver a vida. Precisamos desbloquear essas forças de existência, que sei que existem muitas e sempre têm a possibilidade de contagiar e encher de vida quem está por perto.

E já que entrei nos agradecimentos da família, misturado com as amizades, porque tenho a felicidade de ter na minha família também meus amigos de vida. Agradeço aos meus pais, **Ana** e **João**. Primeiro como dupla, porque acho vocês um casal incrível! Me ensinam todos os dias como se cuidar e se amar, com carinho, ternura e várias pitadas de divertimento. Mas também lhes agradeço como indivíduos, afinal, todos temos as nossas singularidades. À minha mãe, por esse seu jeito tão interessado, atento e cuidadoso, obrigada por querer fazer parte da minha vida, querer escutar as minhas angústias e as minhas alegrias, vibrar e chorar comigo. Ao meu pai, por esse jeito tão sereno de ser, me mostra que a leveza pode ser um norte para os jeitos de levar a vida. Essa conquista da dissertação, e tantas outras que vieram e

virão, com certeza também é mérito de vocês, obrigada por tudo e por tanto.

E falando em tudo e tanto, não posso deixar de agradecer ao **Rodrigo**, este meu Companheiro com C maiúsculo. Esse encontro de almas, “do alinhamento dos astros”, como costumávamos dizer. Obrigada por ter me acompanhado desde o início desta trajetória intensa que foi construir esta dissertação, que me apoiou desde o momento que decidi que gostaria de fazer o mestrado, vibrou comigo as minhas conquistas e me consolou nas derrotas. Que quando falei em mobilidade acadêmica, me incentivou neste sonho e, mais que isso, fez parte dele, largando tudo em Curitiba para vir viver comigo em Portugal. Você, com certeza, me fez entender o que é companheirismo, partilha e parceria em toda a amplitude dessas palavras. Só tenho a agradecer pela atenção, carinho, amor e dedicação que tem a mim.

Agradeço também à minha tia **Dudu**, por sempre ter me incentivado no hábito e no gosto pela leitura. E a minha avó **Lygia**, que deixou como maior ensinamento a mim esse gosto pela vida e pelos bons encontros.

Agradeço à **Barbara**, pela ajuda com o resumo em inglês.

E, pensando que somos tanta, muita, diferente gente, não posso deixar de agradecer aos companheiros de luta, que estão junto nesse nosso desejo de construir uma sociedade melhor. Aos companheiros de classe (profissional e social, claro), que possibilitam que a igualdade e a felicidade sejam vistas como horizonte. Com um especial agradecimento aos colegas do grupo de pesquisa *Epistemologia e Ciência Psicológica* da UFAL, aos colegas do grupo de estudos acerca da clínica em Psicologia Histórico-Cultural da UFPR e aos participantes do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural da UFPR, as nossas trocas alinham o meu agir, pensar e sentir.

Agradeço a todas as pessoas que me dedicaram, me dedicam e dedicarão suas histórias de vida em minha prática como psicóloga, admiro e compartilho da coragem de querer e poder ser a melhor versão de si mesmo.

Às minhas psicólogas, **Pati** e **Elis**. A Pati veio primeiro e me ajudou a superar momentos muito difíceis e me entender melhor. Elis, veio em seguida e me ajuda a tentar ser essa tal melhor versão de mim mesma, admiro muito o trabalho de vocês, vocês me inspiram!

E, por fim, tenho que agradecer ao povo de Alagoas, que mantém a **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL)**, que disponibilizou a bolsa para condução desta pesquisa.

Há muito tempo que eu saí de casa
Há muito tempo que eu caí na estrada
Há muito tempo que eu estou na vida
Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz

Principalmente por poder voltar
A todos os lugares onde já cheguei
Pois lá deixei um prato de comida
Um abraço amigo, um canto pra dormir e sonhar

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração

Gonzaguinha (Caminhos do Coração)

RESUMO

As emoções são entendidas, tradicionalmente em nossa sociedade, de forma negativa, como fruto da irracionalidade, de fórum íntimo, e que devem ser contidas a partir de uma capacidade individual das pessoas. Nesse estudo, as emoções se apresentam em uma direção radicalmente oposta, não devem ser contidas, mas sim, compreendidas, o que gera o autodomínio da conduta. Nessa perspectiva, esta pesquisa analisa as emoções, bem como o seu papel no desenvolvimento humano, mediadas pela arte. Objetiva-se sistematizar elementos teóricos da teoria vigotskiana que contribuam com o entendimento mais aprofundado sobre o papel das emoções em produzir desenvolvimento humano e o da arte em mediar esse desenvolvimento. Especificamente busca: 1) sistematizar os fundamentos da teoria da arte vigotskiana e seus possíveis desdobramentos na prática do psicólogo; 2) desenvolver teórico-metodologicamente o entendimento da teoria das emoções vigotskiana e seus interlocutores contemporâneos; 3) interpretar a obra literária *O Livro dos Abraços*, de Eduardo Galeano, pelos preceitos teóricos desenvolvidos anteriormente. Para tanto, sistematizam-se os fundamentos vigotskianos da teoria da arte a partir de nosso estudo teórico conceitual do livro *Psicologia da Arte* do autor, o que resultou na apresentação do método objetivamente analítico, que deu suporte à interpretação da obra escolhida, bem como o aprofundamento dos conceitos de catarse, da arte como o social em nós e da arte como técnica social dos sentimentos. Destaca-se a arte em seu caráter transformador, acompanhada de elaborações sobre as potencialidades do uso da arte no contexto da psicoterapia. A segunda etapa, sistematiza a teoria vigotskiana das emoções, com base em seu livro *Teoria das Emoções*, que resulta na identificação das emoções a partir da crítica à teoria organicista das emoções, que tem suas bases na filosofia cartesiana, propondo o caráter espinosano de desenvolvimento, transformação e motivação das emoções. Além disso, estabelece-se o diálogo com a literatura contemporânea, por meio da metassíntese de 17 artigos, sobre o conceito de emoção na teoria vigotskiana, que resultou em 7 subtemas conceituais: a) emoção como forma de comunicação; b) emoção em unidade com a razão (unidade afeto e intelecto); c) emoção em seu papel motivacional (base afetivo-volitiva das ações); d) as emoções se desenvolvem/transformam; e) emoções em relação com o meio social; f) emoção como Função Psicológica Superior; g) emoção como função que permeia as outras funções psicológicas. A última etapa, resulta na interpretação d'*O Livro dos Abraços*, adicionada ao conceito de fatalismo, cunhado por Martín-Baró. Observa-se assim uma forma de enfrentamento, por meio da recuperação da memória histórica da humanidade, ao sentimento de fatalismo que predomina na vivência do povo latino-americano. Verifica-se ainda, que *O Livro dos Abraços* é composto por fragmentos de memórias, os quais representam sentimentos universais do povo latino-americano, em que o autor evidencia compaixão com as vivências de seu povo, enformando-os esteticamente. Desse modo, o conteúdo da obra, a história do povo latino-americano, uma história de tantas injustiças, ganha a forma na vivência pessoal e coletiva representada poeticamente. Portanto, novos sentimentos e emoções podem ser desenvolvidos ao entrarmos em contato com a obra. O indivíduo pode entrar em contato com sentimentos que talvez não se apercebesse, transformando, com isso, a pessoa que os sente; o que gera um desenvolvimento humano na totalidade.

Palavras-chave: Emoções; Vigotski; Arte; Galeano.

ABSTRACT

Emotions are traditionally understood in our society as negative, as a result of irrationality, internal forum, and should be contained based on individual capacity. However, this study presents emotions in a radically opposite direction – they should not be contained but rather understood, which generates self-control of conduct. This research analyzes emotions and their role in human development mediated by art. The objective is to systematize theoretical elements of Vigotskian theory that contribute to a deeper understanding of the role of emotions in producing human development and the role of art in mediating that development. Specifically, the study seeks to: 1) systematize the fundamentals of Vigotskian art theory and their possible implications in the psychologist's practice; 2) develop a theoretical and methodological understanding of Vigotskian emotion theory and its contemporary interlocutors; 3) interpret Eduardo Galeano's literary work *The Book of Embraces* based on the theoretical precepts developed previously. The study systematizes Vigotskian art theory fundamentals based on a theoretical-conceptual study of the author's book *Psychology of Art*, resulting in the presentation of the objectively analytical method that supported the interpretation of the chosen work, as well as deepening the concepts of catharsis, art as the social in us, and art as a social technique of feelings. The transformative nature of art is highlighted, accompanied by elaborations on the potential uses of art in the context of psychotherapy. The second stage systematizes Vigotskian emotion theory based on his book *Theory of Emotions*, resulting in the identification of emotions based on a critique of the organic theory of emotions rooted in Cartesian philosophy and proposing Spinozan characteristics of development, transformation, and motivation of emotions. Additionally, the study engages in a dialogue with contemporary literature through the metasynthesis of 17 articles on the concept of emotion in Vigotskian theory, resulting in 7 conceptual sub-themes: a) emotion as a form of communication; b) emotion in unity with reason (affect and intellect unity); c) emotion in its motivational role (affective-volitional basis of actions); d) emotions develop/transform; e) emotions in relation to the social environment; f) emotion as a higher psychological function; g) emotion as a function that permeates other psychological functions. The final stage results in the interpretation of *The Book of Embraces* added to the concept of fatalism coined by Martín-Baró. The book represents a way of coping by recovering the historical memory of humanity, the feeling of fatalism that dominates the experience of Latin American people. It is composed of fragments of memories that represent universal feelings of the Latin American people, with the author demonstrating compassion for his people's experiences and shaping them aesthetically. Thus, the book's content, the history of the Latin American people, a history of so many injustices, takes shape in personal and collective experiences represented poetically. Therefore, new feelings and emotions can be developed by engaging with the work. The individual can connect with feelings that they may not have been aware of, transforming the person who feels them, resulting in human development in totality.

Keywords: Emotions; Vigotski; Art; Galeano.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paradoxos.....	104
----------------------------------	------------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição anual de publicações sobre a teoria das Emoções	83
Gráfico 2 – Instituições de vínculo dos autores.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultados buscas dos descritores no banco de dados	80
Quadro 2 – Resultados obtidos após procedimentos de refinamento	81
Quadro 3 – Artigos selecionados que abordam tema das emoções na teoria de Vigotski	82
Quadro 4 – Vinculação institucional e procedência geográfica dos autores	84
Quadro 5 – Quantidade de palavras-chaves	87
Quadro 6 – Classificação dos interlocutores	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	American Psychological Association
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IndexPsi	Index Psi Periódicos
MS	Ministério da Saúde
NASF	Núcleo Ampliado de Saúde da Família
OMS	Organização Mundial de Saúde
PePSIC	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNB	Universidade de Brasília
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A ARTE NA TEORIA DE VIGOTSKI.....	22
2.1 Arte como técnica social dos sentimentos	23
2.2 Arte como potencialidade na psicoterapia.....	43
3. TEORIA DAS EMOÇÕES COMO POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO DE DICOTOMIAS	52
3.1 O livro <i>Teoria das Emoções</i> de Vigotski.....	52
3.2 A teoria das emoções na contemporaneidade: uma metassíntese	78
4. O LIVRO DOS ABRAÇOS: POÉTICA TRANSFORMADORA.....	101
4.1 O Livro dos Abraços: memória viva do povo latino americano.....	102
4.2 As emoções suscitadas pelo <i>O Livro dos Abraços</i>: enfrentamento do fatalismo	109
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS	151
ANEXOS	160

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa *Subjetividades, Políticas e Processos Psicossociais* do Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), cujo objetivo consiste no estudo de modos de subjetivação, políticas e processos psicossociais a partir de diferentes abordagens teóricas, metodológicas e interdisciplinar. No recorte aqui proposto, objetiva-se entender de que forma as emoções e sentimentos que se desenvolvem na fruição artística produzem desenvolvimento humano. Fundamentada na compreensão desenvolvida por Lev Semenovitch Vigostki¹ (1896-1934) em seu livro *Psicologia da Arte* (1999) da “**arte como técnica social dos sentimentos**”. Discute-se a hipótese de que, na fruição artística, o indivíduo pode vivenciar as relações humanas e suas contradições essenciais, representadas artisticamente. Essa vivência permite que os indivíduos se reconheçam a si mesmos, ainda que nas obras do passado, reconhecendo seu próprio passado enquanto humanidade, o que amplia as possibilidades de significação do mundo e de si mesmos (LUKÁCS, 2012). Permitem, assim, novas formas de atuar na realidade concreta.

A fim de compreender como surge tal questão de pesquisa, faz-se necessário pontuar alguns aspectos da minha trajetória pessoal e profissional, como estudante de Psicologia e Psicóloga. Meus contatos iniciais com a temática aconteceram durante a graduação, cursada na Universidade Federal do Paraná (UFPR), particularmente na elaboração da monografia de conclusão de curso², orientada pela professora doutora Graziela Lucchesi Rosa da Silva. Trabalho que teve como objetivo analisar as possibilidades que a arte possui para o desenvolvimento da consciência e para o enfrentamento do pensamento fetichizado³, com foco na análise de obras muralistas do artista plástico brasileiro Cândido Portinari (1903-1962). No desenvolvimento do referido trabalho verificou-se que tais murais podem viabilizar

¹ Optamos por usar a grafia do nome “Vigotski” dessa forma, porém podem aparecer variações gráficas no texto para respeitar as referências adotadas.

² Intitulada “As Contribuições dos Murais de Cândido Portinari para a Humanização: uma Análise pela Estética Marxista e pela Psicologia Histórico-Cultural”, defendida no ano de 2017.

³ Não está inclusa na proposta do trabalho a exploração do termo apresentado, porém, a título de esclarecimento explicamos que o termo “pensamento fetichizado” advém do conceito de fetichismo elaborado por Marx, o fetiche constitui-se enquanto um elemento central na alienação dos sujeitos, pois não possibilita que as pessoas compreendam as relações que estabelecem enquanto relações humanas, histórica e socialmente localizadas. Devido ao fetichismo inerente à sociedade capitalista, a essência das coisas, na sua totalidade, não se mostra imediatamente ao ser humano (FERREIRA; SILVA; MACHADO, 2016). Os produtos da mão humana, assim, se apresentam no mundo das mercadorias, estando apartado de suas relações de produção humanas. A isso Marx (2013) chamou de fetichismo, que não permite que os humanos encontrem o elo entre o seu trabalho privado e as relações sociais e históricas que as produziram (MARX, 2013). Para entendimento do conceito de forma mais aprofundada recomendamos a leitura de Marx (2013).

o enfrentamento do pensamento fetichizado e a produção de novas emoções e sentimentos, podendo levar ao desenvolvimento do psiquismo. Concluímos que essas obras, enquanto técnicas sociais do sentimento, podem ser um instrumento bastante rico para intervenções psicológicas comprometidas com a superação da alienação e com a emancipação humana.

A partir dessa compreensão, de que a arte pode ser um importante instrumento em intervenções psicológicas com vistas para o desenvolvimento humano, a minha relação com a Psicologia da arte se desenvolveu ao longo de minha atuação profissional. Inicialmente no trabalho no sistema público de saúde e, posteriormente, na atuação clínica, com atendimentos particulares individuais.

Após me graduar, tive a felicidade de passar em uma residência em Saúde da Família e desenvolvi minha atuação como Psicóloga em um Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), que atendia três Unidades Básicas de Saúde (UBS) da região periférica de Curitiba. Quando iniciei meu trabalho logo me deparei com longas listas de espera com demanda de atendimento psicológico individual. Diante de tal realidade, apostei no trabalho de grupo, por meio de atendimentos à grupos psicoterapêuticos para os usuários das três UBS. O grupo não surge aqui como um elemento de uso meramente racionalizador (atender maior quantidade de usuários em menos tempo), mas como um importante espaço para o desenvolvimento da individualidade humana, promovendo uma maior interação dos participantes, a coletivização e o compartilhamento de sofrimentos e angústias vividas, bem como a busca de soluções coletivas⁴.

Nessas intervenções grupais tive a oportunidade de utilizar diversas expressões artísticas como mediação terapêutica (colagens, leituras, músicas, desenhos) verifiquei, na prática, a potencialidade das artes para o desenvolvimento das mais variadas funções humanas. Como a possibilidade de o paciente expressar as emoções por meio de uma colagem, trazendo essas emoções nas imagens, de maneira figurada, quando não estavam conseguindo verbalizar os sentimentos. Ou com a leitura de poemas, contos, trechos de romances, momentos em que os participantes se percebiam nas obras apresentadas e conseguiam perceber o próprio cotidiano de outra forma. Uma das obras que mais levou a reflexões e transformações importantes no grupo foi *O Livro dos Abraços*, essa experiência prática que me motivou a analisar essa obra neste trabalho. A título de exemplo, a leitura do conto “A função da arte/1” no grupo fez com que os participantes percebessem que poderiam utilizar a arte como mediação para ajudar as pessoas a entenderem a realidade vivida por eles,

⁴ Para um maior aprofundamento sobre o tema recomenda-se a leitura de Dalla Vecchia (2011) e Schühli (2020).

propiciando a produção de cartazes que explicassem um pouco sobre as condições de diversos transtornos mentais, sendo afixados na unidade de saúde a fim de mostrar para a comunidade um pouco da realidade dos participantes.

Após a residência comecei a trabalhar como autônoma, realizando atendimentos clínicos individuais. Ofertei esses atendimentos para um público adulto muito diversificado, com o auxílio da ferramenta de atendimentos na modalidade *online*, consegui realizar atendimentos com pessoas de diferentes partes do Brasil, tendo conhecimento de histórias e realidades com uma rica variedade. E mesmo diante de tanta diversidade uma constante se verificava nos atendimentos: a dificuldade que os pacientes tinham em lidar, elaborar e interpretar os próprios sentimentos e emoções.⁵ Partindo do entendimento da potencialidade da arte como mediadora no desenvolvimento das emoções, passei a usar vários recursos artísticos em meus atendimentos, como forma de ajudar os pacientes a desenvolverem e aprenderem a lidar com essas emoções. Obtive, nestas intervenções, resultados muito promissores de reelaboração e ressignificação dos sentimentos, o que levou ao desenvolvimento humano na totalidade. Podemos considerar, por exemplo, as sugestões de registro fotográfico como forma de expressão das emoções, utilizadas com pacientes que apresentam dificuldade em elaborar os próprios sentimentos. Tal recurso trouxe importantes elaborações para os pacientes, pois conseguiram colocar em imagens sentimentos que não estavam conseguindo dar vazão de forma verbalizada.

A partir de toda essa riqueza prática senti a necessidade de estruturar esse conhecimento e desenvolvê-lo teoricamente. Sendo assim, nosso problema de pesquisa foi

⁵ Não há um acordo referente à conceituação dos “sentimentos” e “emoções”. Há autores (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011) que entendem que as emoções corresponderiam à satisfação de necessidades mais orgânicas, relacionadas com as sensações, enquanto os sentimentos corresponderiam a necessidades culturais e espirituais. Outros (SANTOS, 2015), porém, parecem trazer uma conceituação oposta a esta. Compreendem que o sentimento se refere ao fato do corpo sentir, ou seja, passar por transformações eminentemente biológicas, orgânicas; e a emoção se apresentaria como a explicação daquelas alterações corporais, e, portanto, carrega características que sintetizam elementos culturais. E outros (COSTA; PASCUAL, 2012), ainda, se contrapõem a essa conceituação das emoções como orgânicas e os sentimentos como culturalizados e ligados ao pensamento – ou ao contrário. Porque entendem que tal conceituação contribui para legitimar a dicotomia mente/corpo, pois fragmenta os processos emocionais em inferiores e superiores, é possível identificar nela a essência dualista, isto é, a separação entre consciência (mente) e emoções (corpo) (COSTA; PASCUAL, 2012). E há também a distinção feita por Sawaia (1999, p. 08), com base em Espinosa. Que entende os sentimentos como “reações moderadas de prazer e desprazer, que não se refere a objetos específicos” e a emoção como um fenômeno afetivo muito intenso e breve, e diz respeito a um objeto específico. Ambos os processos são englobados, segundo a autora, na afetividade, que é entendida como a tonalidade e a cor emocional que impregna a existência do ser humano. Entrar no mérito de qual seria a conceituação mais adequada não está dentro da proposta de nosso trabalho, entendemos a importância da diferenciação e estudo destes termos para uma maior compreensão da teoria das emoções. Mas, neste trabalho adotamos os termos como sinônimos, assim, a referência ora do termo emoções, ora do termo sentimentos, deve ser compreendida, nesse trabalho, somente como recurso a diferentes opções semânticas visando expressar o mesmo processo. Ou seja, sentimentos e emoções irão corresponder às sensações do corpo e à explicação cultural e espiritual dessas sensações.

elaborado a partir do encontro entre minha perspectiva teórica e uma demanda apresentada em minha prática de trabalho: de que forma o desenvolvimento das emoções, por meio da arte, pode gerar desenvolvimento humano?

Para responder à pergunta de pesquisa, será realizada uma interpretação objetivamente analítica da obra literária *O Livro dos Abraços* de Eduardo Galeano⁶. Optamos pelo recorte da modalidade de arte na literatura, pois entendemos que a literatura carrega uma grande potencialidade para o desenvolvimento humano, uma vez que retrata artisticamente a expressão da realidade e seus conteúdos apresentam alto grau de elaboração social. E por conta das implicações do papel do signo e da linguagem escrita para o desenvolvimento do psiquismo, além do fato do próprio Vigotski (1999) ter exercitado o método objetivamente analítico em análises literárias.

Observamos que o referido método objetivamente analítico, aqui abordado, se configura como o método desenvolvido por Vigotski (1999) para analisar a obra de arte a partir da psicologia. Sendo assim, busca alcançar o que a obra de arte objetiva. Tal método parte da estrutura da obra de arte, a qual é composta pela síntese entre **forma** e **conteúdo**, ou seja, “É necessário tomar por base não o autor e o espectador, mas a própria obra de arte.” (VIGOTSKI, 1999, p. 25). Ao se investigar a obra deve-se tomar a mesma posição de um juiz que analisa um crime, que é um fato que existiu no passado e precisa ser recriado a partir das provas e vestígios do presente, seria um mau juiz aquele que construísse o crime só com base no acusado ou na vítima. Da mesma forma, o psicólogo da arte não deve tomar só o artista ou o espectador, embora não deva deixar de ouvi-los. “O sentido geral desse método pode ser expresso na seguinte fórmula: da forma da obra de arte, passando pela análise funcional dos seus elementos e da estrutura, para a recriação da resposta estética e o estabelecimento das suas leis gerais.” (VIGOTSKI, 1999, p. 27). O autor postula então, este objeto para a Psicologia da arte, baseado na concepção de que a arte não é fruto de um só ser humano, mas de toda a história da humanidade.

A escolha da obra de arte selecionada foi pautada, sobretudo, devido a experiência prática da pesquisadora em utilizar essa obra como mediação em seus atendimentos individuais e grupais, verificando a potencialidade contida nessa obra na prática. Além da reconhecida qualidade literária do autor, que consegue expressar em suas palavras a realidade viva da América Latina. Para resumir em que consiste essa grande obra cito a sua sinopse, encontrada na contracapa da versão brasileira do livro, traduzida por Eric Nepomuceno:

⁶ Eduardo Galeano (1940-2015) foi um importante escritor e jornalista, que influenciou profundamente o pensamento de esquerda latino-americano. Seus escritos retratam a memória do povo latino-americano.

Tratar a memória como coisa viva, bicho inquieto: assim faz Eduardo Galeano quando escreve. Sua memória pessoal e a nossa memória coletiva, da América. Quando escreve, ele mostra que a história pode – e deve – ser contada a partir de pequenos momentos, aqueles que sacodem a alma da gente sem a grandiloquência dos heroísmos de gelo, mas com a grandeza da vida. Assim é este *O Livro dos abraços*. Em suas andanças incessantes de caçador de histórias, Galeano vai ouvindo tudo. O que de melhor ouviu ele transforma em livros como este, onde lembra como são grandes os pequenos momentos e como eles vão se abraçando, traçando a vida. (GALEANO, 2020 [1989]).

Salientamos, ainda, que o estilo da escrita do autor rompe as fronteiras que separam os gêneros literários. Em sua obra confluem narração e ensaio, poesia e crônica, seus livros recolhem as vozes da alma e da rua e oferecem uma síntese da realidade e sua memória (L&PM POCKET, 2020). Com isso, pretendemos investigar os recursos e as características literárias de tal obra para elucidar de que forma essa literatura se apresenta como uma potencialidade para o desenvolvimento das emoções e sentimentos, e, conseqüentemente, para o desenvolvimento humano.

Após essa exposição, apontamos que o objetivo geral da pesquisa consiste em sistematizar elementos teóricos da teoria vigotskiana que contribuam com o entendimento mais aprofundado sobre o papel das emoções em produzir desenvolvimento humano e o da arte em mediar esse desenvolvimento.

Com isso, foram delimitados alguns objetivos específicos: 1) sistematizar os fundamentos da teoria da arte de Vigotski e seus possíveis desdobramentos na prática do psicólogo; 2) desenvolver teórico-metodologicamente o entendimento da teoria das emoções de Vigotski e seus interlocutores contemporâneos; 3) analisar a obra literária *O Livro dos Abraços* pelos preceitos teóricos desenvolvidos anteriormente; a fim de compreender como se estabelece e quais os processos envolvidos quando a arte possibilita o desenvolvimento das emoções e, com isso, entender como esse desenvolvimento pode gerar o desenvolvimento humano na totalidade.

Para tanto, realizaremos um estudo teórico conceitual das obras de Vigotski *Psicologia da Arte e Teoria das Emoções*, sendo essas as bases de nosso estudo. Além disso, buscaremos um diálogo com a literatura contemporânea a partir de autores que investigam as emoções e a arte a partir dos referenciais da teoria vigotskiana. No que se refere aos autores que abordam o tema das artes, atualizaremos um diálogo realizado em estudo monográfico anterior, especialmente com Duarte (2010), Superti (2013), Barroco e Superti (2014) e Marques (2015). E, ainda, iremos elaborar uma reflexão sobre o uso da arte no contexto da psicoterapia, a fim de contextualizar na prática do psicólogo as potencialidades de nosso

estudo. Por sua vez, o tema das emoções se desenvolverá em diálogo com autores contemporâneos, por meio de realização de pesquisa bibliográfica do tipo metassíntese. Nosso intuito é o de estabelecer reflexões para o entendimento do desenvolvimento das emoções como potencializador do desenvolvimento humano na totalidade e apresentar as especificidades da literatura como recurso para esse desenvolvimento. O estudo destes autores propiciará um movimento teórico de ir para além da aparência, da imediaticidade dos fenômenos, chegando à essência destes.

Em nossos estudos, com base em Duarte (2010) e Marques (2015), observamos um elo entre as obras iniciais de Vigotski, sobre a Psicologia da arte, e a produção final do autor sobre a teoria das emoções. Com isso, entendemos a relevância de um aprofundamento no entendimento das teorias da Psicologia da arte para conseguirmos ter uma compreensão da teoria das emoções de Vigotski de forma mais totalizada.

Na Seção 2 deste trabalho apresentaremos a nossa análise da obra *Psicologia da Arte* de Vigotski (1999). Assim, busca-se compreender como se desenvolve a análise psicológica da arte para esta teoria, a fim de estabelecer as bases da análise sobre a arte que será empreendida e, com isso, apreender as possibilidades que a arte tem em propiciar desenvolvimento humano. Um dos primeiros estudos desenvolvidos por Vigotski foi a investigação psicológica acerca da arte, que foi uma etapa fundamental para a formulação de sua teoria, pautada na metodologia própria do Materialismo Histórico-Dialético, e entende a importância da arte como potencializadora do desenvolvimento humano. Segundo Superti (2013), a arte pode promover desenvolvimento psicológico e ampliação da consciência. No entanto, como aponta-nos Vigotski (1999), a análise dos processos de criação e recepção artística não pode ser embasada numa perspectiva individualista com foco na Psicologia do criador ou do espectador; ao contrário, deve-se levar em conta a totalidade das relações econômicas, sociais e históricas, determinantes não só na produção da arte como na formação do indivíduo. Entendemos, então, a arte como síntese dessas relações, trazendo à tona contradições: em meio a constantes transformações sociais, ela não só reproduz como antecipa tais mudanças. Consistindo numa forma de expressão das condições materiais de vida, a arte possibilita àquele que a frui lidar com emoções que são, antes de tudo, fruto dessas condições da vida material.

Assim, um indivíduo, inserido em determinado contexto histórico-cultural, ao entrar em contato com a obra de arte, pode ampliar suas possibilidades de significação não só da realidade que o rodeia como do que ele próprio possa estar sentindo sem que tenha conseguido nomear ou tomar consciência de seus sentimentos. Vigotski (1999) analisou a arte

como uma técnica criada pelo ser humano para dar existência social objetiva aos sentimentos. Possibilitou, assim, a compreensão de que os indivíduos se relacionam com esses sentimentos como objetos, como algo externo que se interioriza por meio da catarse, podendo gerar o desenvolvimento desses sentimentos (DUARTE, 2010; BARROCO; SUPERTI, 2014).

Vigotski (1999) considera que, desde sua gênese histórica a partir da atividade de trabalho e produção das condições materiais da existência humana até as formas mais desenvolvidas da prática social, a arte possui uma função que vai muito além de comunicar sentimentos. Para ele, a arte – seja na recepção ou na criação – possibilita aos indivíduos entrarem em contato com sentimentos que ultrapassam as experiências pessoais e se aproxima do gênero humano. (ASSUMPCÃO; DUARTE, 2015, p. 240).

De acordo com Vigotski (1999), a apropriação dos objetos estéticos é uma das formas pelas quais os sentidos e sentimentos construídos pela humanidade se tornam individuais, os sentimentos fazem o movimento de ir do social ao individual. Ou seja, o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social.

Desse modo, vemos que um estudo mais detalhado acerca da recepção artística pode trazer importantes acréscimos à Psicologia, uma vez que o contato com a obra de arte abriria possibilidades de o indivíduo promover um encontro com a realidade e consigo mesmo, tornar claros e explícitos seus próprios sentimentos e pensamentos e desenvolver novas formas de ser e agir no mundo. De acordo com Marques (2015), o elo encontrado entre os estudos da arte e a Psicologia está na investigação do campo das emoções humanas.

Na Seção 3 de nosso trabalho apresentaremos o nosso entendimento da teoria das emoções a partir da interpretação do manuscrito *Teoria das Emoções* de Vigotski (2004), acompanhado da metassíntese das produções de autores contemporâneos da referida teoria. Objetiva-se assim, entender o que são essas emoções que podem ser desenvolvidas por meio da arte, de que forma elas se desenvolvem. Na concepção da teoria vigotskiana, apontamos a importância das emoções para um desenvolvimento propriamente humanizado. Vigotski situa as emoções no mesmo plano das demais funções psicológicas – não estando nem abaixo, como faz a teoria organicista, e nem acima, como uma transcendência afetiva. Tradicionalmente, na investigação das emoções, é realizada uma cisão entre processos ditos naturais, tidos como inferiores (as emoções), e processos culturais, superiores (o pensamento e a razão), da qual resultaram os inúmeros impasses que marcaram (e ainda marcam) os estudos sobre o desenvolvimento das emoções e sentimentos humanos (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; MARTINS; CARVALHO, 2016).

Vigotski iniciou uma organização do que podemos chamar de uma teoria das emoções em seu livro *A Teoria das Emoções*, porém a obra ficou inacabada devido à morte precoce do autor. Apesar de não conseguir efetivamente concluir uma teoria completa das emoções, o autor forneceu as bases para tal estudo. Para Vigotski (2004), a primeira tarefa no estudo das emoções seria superar o enfoque dual, cartesiano, entre afeto e cognição, entendendo que é necessário compreender os dois como unidade, pois somente em conjunção os afetos e a razão modulam os comportamentos humanos. O estudo acerca das emoções deveria se configurar como um par com o estudo sobre o desenvolvimento intelectual humano, sendo, portanto, o estudo da unidade afetivo-cognitiva.

Destaca-se que a compreensão do psiquismo da teoria vigotskiana tem como base a relação ativa sujeito-objeto, sendo a dinâmica pela qual o objeto, existente fora e independentemente da consciência do sujeito, conquista também uma existência subjetiva. De acordo com Vigotski (2004), o sistema de conceitos inclui os sentimentos e vice-versa, uma vez que o ser humano não sente simplesmente, mas percebe o sentimento sob a forma de seu conteúdo. As emoções são fundamentais na relação da atividade e seu motivo, pois possuem o papel de confirmar o motivo da atividade ou não de acordo com o seu resultado, isto é, em face do atendimento às finalidades das ações que visam atender objetivamente a dada necessidade (MONTEIRO, 2015; MARTINS; CARVALHO, 2016).

Contrariando a visão do senso comum vigente em relação aos sentimentos, de que eles são fruto da irracionalidade e devem ser contidos, a visão aqui apresentada, entende que os sentimentos não devem ser contidos, mas compreendidos e regulados, gerando a autodomínio da conduta. Nessa perspectiva, compreende-se a arte como uma possibilitadora de produzir esse desenvolvimento dos sentimentos, engendrando, na totalidade, o desenvolvimento humano.

Com o presente projeto de pesquisa buscamos sistematizar as contribuições da teoria vigotskiana para superar a visão dicotômica entre cognição e afetos e, com isso, entender como a arte pode potencializar o desenvolvimento dessas funções psicológicas. Contudo, vale destacar, de acordo com Superti (2013), que a Psicologia como ciência não conta com uma metodologia unitária para análise da obra de arte. Percebe-se ainda que a função da arte, no âmbito da Psicologia, é minimizada, sendo utilizada em espaços educacionais e terapêuticos como forma de produzir interação entre os pares e desenvolver funções mentais específicas, como criatividade e gosto estético.

Após desenvolvermos nossa compreensão teórica acerca da teoria das artes e da teoria das emoções desenvolvidas por Vigotski, apresentamos a Seção 4, em que empreenderemos a

nossa interpretação da obra *O Livro dos Abraços*. O método objetivamente analítico dará suporte à interpretação da obra escolhida, em consonância com produções que empreendem a análise da obra de arte, com base nos pressupostos desenvolvidos na obra *Psicologia da Arte* de Vigotski (1999). Os estudos analisados (SUPERTI, 2013; ASSUMPCÃO; DUARTE, 2015) estão fundamentados no pressuposto vigotskiano da arte como técnica social dos sentimentos, trazendo o entendimento de que por meio da arte esses sentimentos se desenvolvem. Com isso, levantamos algumas questões: como são esses sentimentos, como se desenvolvem e como esse desenvolvimento é propiciado por meio da arte. Com o objetivo de responder a essas questões, propusemos este novo desafio: empreender uma interpretação objetivamente analítica da obra literária *O Livro dos Abraços* a partir de reflexões produzidas pela interpretação da teoria das emoções de Vigotski.

Além disso, também elegemos o conceito de fatalismo para subsidiar a nossa interpretação. Tal conceito foi desenvolvido pelo psicólogo social Ignacio Martín-Baró (1942-1989) e é definido como um conformismo que se relaciona com a ideia de um destino fatal. “Não se trata de um destino fatal em si, mas de uma posição derivada das relações sociais existentes e que contribuem para a marginalização dos povos latino-americanos.” (COSTA; MENDES, 2020, p. 684). O psicólogo analisou os cenários de ditaduras e guerras civis latino-americanas e, diante da realidade analisada, concluiu que não restaria perspectiva para as maiorias populares, a não ser a de aceitar a sua condição fatal (COSTA; MENDES, 2020). Tal conceito foi eleito, para a nossa análise, por entendermos que *O Livro dos Abraços* pode se configurar como uma forma de enfrentamento ao sentimento de fatalismo que predomina na vivência do povo latino-americano.

A partir de nossas interpretações, aqui propostas, esperamos contribuir com avanços para a psicologia. Desafiadores, no sentido de que o próprio Vigotski, em sua obra *Psicologia da Arte*, encerra seu texto com a inquietante frase: “Até hoje ninguém definiu aquilo de que o corpo é capaz.” (VIGOTSKI, 1999, p. 329). Não temos a pretensão de fazer elaboração tão ambiciosa de definir do que o corpo humano seria capaz. No entanto, intentamos realizar exercícios de reflexão sobre o processo de desenvolvimento da teoria das emoções e possíveis explicações do que esse corpo é capaz. Desse modo, enriquecer as interpretações da arte desenvolvidas nessa teoria. Com Vigotski (1999) já entendemos que a arte pode desenvolver os sentimentos, mas pretendemos entender o que são esses sentimentos e de forma eles se desenvolvem.

2. A ARTE NA TEORIA DE VIGOTSKI

Como apontamos na introdução, o objetivo deste trabalho é compreender, por meio da análise d'*O Livro dos Abraços*, como a arte pode produzir novos sentimentos e emoções e como, com isso, gerar desenvolvimento humano. Para tanto, faz-se necessário compreender como se dão essas possibilidades por meio da arte, com um exercício do uso do método objetivamente analítico, proposto por Vigotski. Dessa maneira, o foco dessa seção será a apresentação e interpretação da teoria da Psicologia da Arte de Vigotski com o objetivo de evidenciar as bases para a análise que pretendemos empreender.

Para cumprir com tal objetivo realizaremos uma análise do livro intitulado *Psicologia da Arte*, que constitui parte dos estudos de Vigotski sobre artes, literatura, crítica e estética, temáticas às quais o autor se dedicou de 1915 a 1925. Pelo período em que o elaborou, e pelo seu próprio conteúdo, observa-se que o autor ainda não havia desenvolvido os estudos sobre a base social da psique humana⁷. Apesar de ainda não ter desenvolvido a sua teoria sobre o psiquismo, o autor propõe uma nova explicação da Psicologia da arte vinculada às condições materiais postas à sua época, por isso as contribuições realizadas no livro se mantêm relevantes.

Após apresentar a nossa elaboração sobre a obra *Psicologia da Arte* de Vigotski, iremos trazer uma breve exposição sobre as potencialidades do uso da arte no contexto da psicoterapia, como o psicólogo pode utilizar a arte como mediação para o desenvolvimento humano. Para tanto, inicialmente apresentaremos nossa elaboração sobre a prática psicoterápica, com base na teoria de Vigotski, em que sua grande potencialidade reside na conscientização de conteúdos inconscientes. Com isso, faremos a exposição de nosso entendimento sobre o inconsciente na referida teoria, e, por fim, a compreensão dos modos que o psicólogo pode utilizar a arte como forma de mediação para potencializar o processo terapêutico. Entendemos que essa exposição é relevante para o nosso trabalho, pois a escrita dele foi motivada a partir de demandas práticas da pesquisadora em contexto clínico, portanto, consideramos que esse desenvolvimento teórico pode trazer importantes acréscimos para outros psicólogos que também estejam nessa prática. Além de lançar as bases para uma das

⁷ O estudo da Psicologia da Arte foi primeiro empreendido por Vigotski, porém, os problemas que para ele se colocavam no campo da Psicologia da arte e a impossibilidade de resolvê-los, tornam inevitável que Vigotski passe a se dedicar à Psicologia propriamente científica. Realizando estudos no campo da linguística, do desenvolvimento e da aprendizagem, das funções psicológicas superiores, da defectologia, entre muitos outros que contribuíram para a construção de sua teoria (LEONTIEV, 2004).

potencialidades de nosso estudo, que seria justamente o uso da obra que iremos analisar, *O Livro dos Abraços*, no contexto da prática do psicólogo.

2.1 Arte como técnica social dos sentimentos

Vigotski viveu e desenvolveu sua teoria no período da revolução russa, de 1917 a 1931, com isso, elaborou a sua teoria considerando os interesses da revolução, bem como com a produção científica e artística da época. A teoria de Vigotski está, então, intimamente relacionada às questões da sociedade revolucionária. Assim, o autor propõe a reestruturação da Psicologia sob nova base metodológica: o Materialismo Histórico-Dialético⁸ de Marx e Engels, expressando a defesa da nova sociedade socialista (LEONTIEV, 2004). Desenvolveu assim, tanto a Psicologia quanto a sua elaboração em relação à arte atrelado à construção do novo ser humano, o humano comunista (SUPERTI, 2013). Tal teoria se deparou com novos desafios, aos quais buscou responder com a formulação da tese da natureza social do psiquismo humano. Com críticas às expressões do idealismo e do biologicismo na Psicologia, os autores dessa teoria buscaram compreender como se dá o processo de formação do reflexo psíquico consciente. Introduzindo, assim, a Psicologia nas vias do materialismo, na busca de superar o hiato entre o interno e o externo, o subjetivo e o objetivo, o indivíduo e a sociedade.

É importante ressaltar, porém, que a obra de Vigotski não chegou ao conhecimento do público brasileiro sem dificuldades. Segundo Prestes (2010), a Rússia do final dos anos 1920 e início dos anos 1930 foi marcada por uma reviravolta na cultura, na ciência e na educação, mas para se fortalecer no poder, Stalin adotou a censura e a repressão como armas para atingir seus objetivos. Sendo alvo da censura, as obras de Vigotski, no período stalinista, não foram difundidas em seu próprio país. Assim sendo, não foi sem percalços que suas obras chegaram até os dias de hoje. A autonomia da produção científica de Vigotski em relação aos preceitos ditados pelo governo, instituído em seu país, acarretou em um desrespeito à integridade de suas obras (PRESTES, 2010).

Além da censura sofrida no período stalinista, Prestes (2010) ainda aponta para as dificuldades de tradução que a obra de Vigotski sofreu. A autora menciona que a primeira

⁸ O Materialista Histórico-Dialético se constitui como método, de base marxista, elaborado para compreender a realidade em sua totalidade. Podemos resumir os preceitos do Materialismo Histórico na compreensão da realidade como: material, ou seja, que existe objetivamente independentemente da intencionalidade das pessoas; histórica, sendo construída pelas relações sociais, de trabalho, dos humanos com a natureza, dependendo das determinações passadas e abrindo possibilidades para a constante construção de uma nova realidade (LENIN, 1982). Sendo a dialética a lógica pela qual o movimento da realidade objetiva deve ser compreendido (KONDER, 2012).

edição brasileira da obra *Pensamento e Linguagem* de Vigotski foi uma tradução da versão norte-americana, editada por E. Hanfmann e G. Vakar, e traduzida para o português por Jefferson Luiz Camargo. Na referida edição, evidencia-se uma ação de violência contra a produção científica do pensador, se configurando como uma das maiores agressões às obras de Vigotski, que não foram cometidas nem mesmo em seu país, onde ficou proibido durante muito tempo (PRESTES, 2010). Segundo a autora, as mudanças realizadas na tradução americana tinham o objetivo de descaracterizar a crítica de Vigotski ao pensamento de Piaget e ao idealismo das teorias psicológicas, tornando o pensamento de Vigotski mais agradável, menos marxista e mais adaptável ao pragmatismo norte-americano. À exemplo das mudanças graves cometidas na tradução, a autora menciona ainda a diferença gritante de páginas entre as edições de *Pensamento e Linguagem*, traduzida diretamente da versão norte-americana, que possui apenas 194, enquanto que a tradução de Paulo Bezerra, diretamente do russo, possui mais 300 páginas, o que indica que algo muito grave ocorreu nas primeiras traduções do autor. Prestes (2010) ainda aponta que as traduções de Paulo Bezerra tiveram algumas inconsistências, mas possuem um grande mérito, inaugurando uma nova era nas traduções de Vigotski no Brasil, com textos traduzidos diretamente do russo, sem cortes e condensações, com respeito às edições russas. Com isso, indicamos a importância de não perder de vista os preceitos do materialismo histórico que baseiam o desenvolvimento da obra de Vigotski, pois eles podem estar deturpados em sua obra devido a dificuldades com a censura e as traduções.

Em resgate histórico do estudo da *Psicologia da Arte* de Vigotski (1999), verifica-se que o autor vai à contramão do estudo tradicional da arte no âmbito da psicologia. Com base no Materialismo Histórico-Dialético, o teórico busca compreender a arte como produção social, superando o individualismo difundido na época (VIGOTSKI, 1999).

O primeiro tema ao qual Vigotski se dedica no livro vincula-se à estética, ou seja, identificar qual seria o problema psicológico da arte, como psicologia e arte se relacionam. Inicialmente, aborda o conflito entre duas correntes estéticas, dividindo-as em “estética de cima” (que trabalharia a “questão da alma” de forma mais metafísica e psicológica) e “estética de baixo” (que se dedicava a experimentos com objetos artísticos e com o receptor), e aponta essa divisão como uma crise. Propõe assim, um novo método para a análise da arte, a partir do Materialismo Histórico-Dialético.

Plekhanov e Lunartchanski são citados por Vigotski (1999) para ressaltar a importância da psicologia para essa nova estética materialista. Baseado nas ideias desses autores, Vigotski (1999) aponta que a natureza psicológica do humano faz com que ele possa ter gostos estéticos. “Assim, o psiquismo do homem social é visto como subsolo comum de

todas as ideologias de dada época, inclusive da arte. Com isto se está reconhecendo que a arte, no mais aproximado sentido, é determinada e condicionada pelo psiquismo do homem social.” (VIGOTSKI, 1999, p. 11). Concluindo, portanto, que para estudar a arte é necessário estudar o psiquismo e que “[...] o enfoque marxista da arte, sobretudo nas suas formas mais complexas, incorpora necessariamente o estudo da ação psicofísica da obra de arte.” (VIGOTSKI, 1999, p. 12).

Nesses apontamentos, já observamos o entendimento de Vigotski do psiquismo como social e histórico, teoria que o autor irá se aprofundar, posteriormente, e será desenvolvida por seus continuadores. Consideramos relevante abordar, ainda que brevemente, esse entendimento mais desenvolvido para enriquecer a nossa exposição sobre a Psicologia da arte. Leontiev (1978) aponta que é a partir das relações sociais humanas, mediadas pelo trabalho e pela linguagem, que surge o reflexo consciente humano, que é a forma superior do psiquismo. Entende-se o reflexo como o presente para o sujeito – consciência do objeto não se confunde com os sentimentos que temos deles. “A consciência humana distingue a realidade objetiva do seu reflexo, o que a leva a distinguir o mundo das impressões interiores e torna possível com isso o desenvolvimento da observação de si mesmo.” (LEONTIEV, 1978, p. 69). Ou seja, a consciência nada mais é do que a unidade dialética matéria/ideia, graças a qual se institui a imagem subjetiva da realidade objetiva por meio de um sistema interfuncional, altamente complexo (MARTINS, 2012).

Se considerarmos que as condições que levam ao aparecimento desta consciência, segundo Luria (1994), devem ser procuradas na forma histórico-social de atividade, que está relacionada com o **trabalho social**, com o **emprego de instrumentos** de trabalho e com o surgimento da **linguagem**, podemos asseverar, em consonância, que foi por meio do **trabalho**, atividade vital humana, que o ser humano “criou o próprio humano” e também a consciência de si (LEONTIEV, 1978). A partir da compreensão do trabalho como atividade vital humana entende-se que é por meio dessa atividade que os seres humanos se relacionam com a natureza, buscando satisfazer as suas necessidades, o que inclui àquelas criadas nesse mesmo processo (MARTINS, 2012). Assim, a compreensão do humano acerca da realidade, a sua consciência da realidade objetiva, é produto do desenvolvimento histórico da atividade humana, sendo esta, também, condição para sua efetivação (MARTINS, 2012). Para entender a importância do papel da arte no desenvolvimento da consciência, explicaremos, ainda de forma breve, cada um desses aspectos do aparecimento da consciência, sempre em relação com a arte.

No processo do trabalho a estrutura da atividade é transformada com o aparecimento e desenvolvimento dos instrumentos de trabalho, que são, de acordo com Marx (2013), algo que se interpõe entre o sujeito e o objeto do seu trabalho, como condutor da sua ação, sendo um objeto com qual se realiza uma ação. As especificidades funcionais dos instrumentos de trabalho se incluem no conceito mais geral de **atividade mediada**, sendo um tipo de atividade na qual se impõe uma influência recíproca entre sujeito e objeto, sendo o instrumento a mediação entre esse sujeito e o objeto, assim, essa relação depende, também, das finalidades da ação (MARTINS, 2012). Ao introduzir o conceito de mediação Vygotski (2000) não o tomou como simples ‘elo’ entre coisas, para ele, a mediação é interposição que provoca transformações, encerra intencionalidade socialmente construída e promove desenvolvimento, enfim, uma condição externa que, internalizada, potencializa o ato de trabalho. O instrumento é portador da primeira abstração consciente e racional, da primeira generalização, não basta possuí-lo, mas precisa ter o domínio da sua utilização social. O conhecimento humano, o contato com as propriedades objetivas do instrumento se dá de forma individual, mas a prática que leva a esse conhecimento advém de um processo social – práxis (LEONTIEV, 1978).

A partir da definição dos instrumentos de trabalho elaborada por Marx, Vigotski (1998) desenvolve o conceito dos instrumentos psicológicos, que são os *signos* – a linguagem. Sendo meios artificiais para a solução de tarefas psicológicas, possibilitam a mudança nas operações psicológicas, as orientando internamente, gerando o autodomínio da conduta de forma intencional e voluntária, regulando as ações sobre seu próprio psiquismo ou alheios. Assim, do mesmo modo que o fabrico de instrumentos técnicos potencializa a ação material dos humanos, os instrumentos psicológicos (*signos*) potencializam sua ação mental (VIGOTSKI, 1998). Neste ponto da teoria de Vigotski vemos a fundamental importância do papel da arte, pois ela também se configura como uma mediação do indivíduo com a realidade. Mediação que se interpõe entre o indivíduo e a realidade e pode trazer transformações, pois pode permitir que quem entre em contato com ela veja a realidade com outros olhos que não os da cotidianidade.

Vigotski (1991) aponta que a inclusão do instrumento psicológico no comportamento provoca: 1. A atividade de toda uma série de funções novas, relacionadas com a utilização do mencionado instrumento e de seu manejo; 2. Suprime e torna desnecessária toda uma série de processos naturais, cujo trabalho passa a ser efetuado pelo instrumento; 3. Modifica o curso e as diferentes características de todos os processos psíquicos que fazem parte do ato instrumental, substituindo certas funções por outras. Portanto, “No ato instrumental o homem domina a si mesmo a partir de fora, através de instrumentos psicológicos.” (VYGOTSKI,

1991, p. 68, tradução nossa). Entende-se, então, que o psiquismo humano surge a partir das relações sociais internalizadas, sendo esta a “lei genética do desenvolvimento” postulando que, primeiramente, o instrumento guia a atividade humana externamente, para, então, se tornar instrumento psicológico internalizado e guiar a sua atividade internamente (VIGOTSKI, 1991).

Nessa perspectiva, essa se tornou a lei geral da Psicologia, proposta por Vigotski, ou seja, a defesa da natureza social do psiquismo humano, entendendo que a dinâmica do desenvolvimento do psiquismo se dá no sentido que caminha do intersíquico ao intrapsíquico (MARTINS, 2013). Ou seja, primeiro os fenômenos são externos aos sujeitos e ao serem incorporados pelos indivíduos tornam-se objeto da sua consciência, constituindo parte do processo de formação da personalidade (ASSUMPCÃO; DUARTE, 2015).

Vigotski (1998) descreve o processo de internalização enquanto a reconstrução interna de uma operação externa, sendo que tal processo consiste numa série de transformações: 1. A atividade externa se transforma em interna (importante função dos signos); 2. Processo interpessoal é transformado em intrapessoal (primeiro o nível social e depois o individual, todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos). Entendendo que “a internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos.” (VIGOTSKI, 1998, p. 75). Consideramos de especial relevância expor as bases da lei genética do desenvolvimento, pois ela aponta para a importância das formas de cultura, dentre elas a arte, para o desenvolvimento humano. Ou seja, a pessoa que entra em contato com formas artísticas pode internalizá-las, o que gera a requalificação do psiquismo pelas novas vivências internalizadas.

Por meio da linguagem o ser humano vai superando os limites da representação imediata sensorial da realidade, passando a representá-la através de palavras (MARTINS, 2012). Leontiev (1978) assevera que a palavra é um dos signos mais importantes, e enquanto tal impulsiona o desenvolvimento psicológico, o pensamento e a maneira de se relacionar com o mundo. Os signos permitem ao ser humano se expressar de diversas maneiras, dentre elas a expressão por meio da arte.

Portanto, conclui-se que a atividade humana depende da ação dos grupos humanos desde seu início, ou seja, é social, sendo o psiquismo necessariamente histórico e social. Tais relações garantem que o ser humano ultrapasse os limites do aprendizado por tentativa e erro ou dependentes dos programas genéticos hereditários, desenvolvendo a possibilidade do acúmulo e transmissão da experiência histórica, o que coloca o plano da experiência histórico-

social predominante em relação ao biológico. “Conforme Vygotsky (1995), o desenvolvimento biológico torna-se historicamente condicionado, na medida em que se realizada em meio à cultura.” (PINHEIROS; BARROS; COLAÇO, 2012, p. 194). Os seres humanos tornam-se humanos, num processo educativo por meio do qual as gerações anteriores facilitam a apropriação das características humanas pelas gerações posteriores (LEONTIEV, 1978). Esse processo só é possível na atividade social, nas relações entre seres humanos mediados por objetos, dentre eles a arte, e entre seres humanos com objetos mediados por outros seres humanos.

Como a consciência surge das relações do humano com a natureza, particularmente nas relações de trabalho, conclui-se, segundo Martins (2016), que o psiquismo é formado a partir de determinadas condições sociais, que são historicamente constituídas e não proveniente de uma natureza humana. Sendo assim, o reflexo psíquico, a linguagem e os seus desdobramentos não nascem naturalmente no humano, pois as particularidades essencialmente humanas não são algo dado a priori nem legadas por hereditariedade biológica, mas sim transmitidas ao longo da vida por intermédio da cultura, também da arte, criada e transmitida pelas gerações precedentes (MARTINS, 2016). Após explicitar o entendimento sobre as características sociais do psiquismo, agora podemos retomar a nossa exposição da obra *Psicologia da Arte* de forma enriquecida. Desse modo, teremos o olhar da lei genética do desenvolvimento para as proposições sobre a arte elaboradas por Vigotski.

Depois de abordar a necessidade de se estudar o psiquismo do ser social para se compreender a arte, Vigotski (1999) ressalta a importância de diferenciar psicologia de ideologia, a fim de elucidar a singularidade da arte, aquilo que a distingue dentre todas as outras formas ideológicas. Para tanto, a análise psicológica será necessária, pois, a arte sistematiza um campo inteiramente específico do psiquismo do ser social, precisamente o campo do seu sentimento. A partir desse entendimento Vigotski (1999) tece uma crítica à psicologia social não marxista, pois essa psicologia entende o social de modo grosseiramente empírico, necessariamente como multidão, coletivo. “Esses psicólogos não admitem a idéia de que, no movimento mais íntimo e pessoal do pensamento, do sentimento, etc., o psiquismo de um indivíduo particular seja efetivamente social e socialmente condicionado.” (VIGOTSKI, 1999, p. 14). Observamos aqui as raízes do entendimento da “lei genética do desenvolvimento” trazida anteriormente. Com isso, Vigotski valoriza a arte como produção social.

Depois de abordar esse tema, Vigotski (1999) se dedica à temática da criação artística. E apresenta uma articulação entre os âmbitos individual e social ao identificar a importância

tanto da autoria individual quanto da tradição literária para esse processo. Nessa direção, aponta a questão da emoção estética e destaca seu caráter incompreensível, inconsciente e oculto para o receptor: “A própria emoção continua um enigma para nós.” (VIGOTSKI, 1999, p. 18). Podemos observar que o autor já nos indica a importância do estudo das emoções estéticas, como pretendemos empreender neste trabalho.

Com isso, Vigotski apresenta críticas às tentativas de explicação da Psicologia da arte e aponta que esta deve explicar os fatos artísticos e entender as leis que regem os sentimentos numa obra de arte. Mas também critica os métodos historicamente utilizados para analisar a arte, conforme pontua:

Até hoje o estudo psicológico da arte foi sempre desenvolvido em um dentre dois sentidos: ou se estudava a psicologia do criador na forma em que ela se manifestava nesse ou naquele sentido, ou se estudava a emoção do espectador, do leitor, receptor dessa obra. A imperfeição e a esterilidade desses dois métodos são bem evidentes. (VIGOTSKI, 1999, p. 24).

Com base nessas críticas, Vigotski (1999) elabora um novo método de análise da Psicologia da arte, que é o já mencionado aqui “método objetivamente analítico”, que toma por base a própria obra de arte, não o autor ou o espectador. A partir do exposto, pode-se considerar que o objeto da Psicologia da arte refere-se à análise dos mecanismos psicológicos que determinam o comportamento estético do humano (VIGOTSKI, 1999). A partir disso, de acordo com Barroco e Superti (2014), pode-se pensar que a Psicologia da arte pode ter dois objetivos essenciais: 1) revelar a vivência psicológica que a obra de arte objetiva; 2) explicar as consequências da resposta estética no psiquismo do humano.

Após apresentar esse novo método, Vigotski (1999) aponta o objetivo de seu estudo, que é a tentativa de aplicar tal método com um mínimo de detalhe e planejamento. Mas, antes de apresentar sua aplicação, o autor discute três importantes abordagens para a Psicologia da arte, sendo elas: arte como conhecimento, arte como procedimento e psicanálise, tais temas estão divididos em três diferentes capítulos de sua obra. Com o objetivo de compreender as produções mais avançadas sobre Psicologia da arte de sua época, aproveitar os avanços que tais teóricos trouxeram e, posteriormente, trazer suas críticas a tais concepções, apontando a importância do seu referencial e como ele supera as concepções vigentes, tais capítulos se encontram na seção intitulada “crítica”⁹.

⁹A apresentação e a crítica desenvolvida por Vigotski acerca das três concepções não cabe nos limites deste trabalho, para tanto recomenda-se a leitura de Marques (2015).

Após a apresentação de sua crítica Vigotski (1999) inicia “a parte positiva” do estudo, seção denominada “Análise da reação estética”, na qual o autor oferece exemplos de aplicação do método anteriormente abordado. Desse modo, apresenta o estudo “do simples para o mais complexo”, evidencia o uso do método dialético, apresenta análises dos gêneros literários fábula, novela e tragédia, como as três formas literárias que, gradualmente, se complexifica e se sobrepõem umas às outras.

Em seu estudo sobre a fábula Vigotski (1999) apresenta as ideias de dois teóricos, Lessing e Potiebnýá, considerando que ambos são os únicos que produziram sistemas psicológicos sobre fábulas que estejam minimamente acabadas. Após apresentar as ideias dos teóricos, que não veem a fábula como um gênero artístico, mas sim como um objeto da filosofia e da retórica, Vigotski (1999) refuta essa opinião, ressaltando o componente poético desse gênero. Oferta assim, uma análise inversa, “aplicando à fábula todas as observações psicológicas centradas nas formas superiores de poesia.” (VIGOTSKI, 1999, p. 108).

Por sua vez, em sua análise sobre a novela, apresenta o conto “Leve alento” de Ivan Búnin (1870-1953). Resumidamente, seu enredo trata sobre o assassinato de uma moça a sangue frio, em uma estação de trem em que há muitas outras pessoas por perto. Fato pesado e tenso, no entanto, a enformação¹⁰ que é dada pelo artista a este fato nega sua natureza tensa e constrói uma narrativa leve. Trazida tanto pela ordem inversa de apresentação dos fatos narrados, que se iniciam com a história no túmulo da jovem morta, quanto pela característica fútil da personagem que morre. Até o título da obra, segundo Vigotski (1999), contém a contradição principal do conto, que é mantida ao longo dele, gerando essas emoções opostas, entre a tensão do fato narrado, o horror da morte, e a leveza com que é apresentado, gerando um “leve alento” ao leitor. Assim, as duas emoções opostas geradas pelo conto encontram um ‘curto-circuito’ de emoções opostas, no final do conto, ou seja, o desfecho encerra a síntese psicológica da obra. Demonstra a utilização do seu método, da análise do conteúdo e da forma da obra de arte, o que leva ao entendimento de que o segredo do artista consiste em destruir o conteúdo pela forma.

Por fim, em sua exposição sobre a tragédia, Vigotski (1999) apresenta uma análise minuciosa da peça Hamlet de Shakespeare. Ao analisar essa obra o autor evidencia as contradições de sentimentos suscitadas na fruição estética. Indica ainda, a representação entre linha reta para o enredo (o **conteúdo** da peça) e curvas sinuosas para a **forma** que a peça se apresenta ao espectador, com o objetivo de descobrir a intencionalidade da **enformação**.

¹⁰ Neologismo utilizado por Vigotski (1999) para explicar a forma que o autor expressa determinado conteúdo da obra de arte, neste caso se trata da composição do enredo.

Assevera que é justamente nessas curvas, nesse constante enganar-se, na morosidade, essa frustração das expectativas criadas que conferem o caráter estético à obra¹¹.

Com a análise desenvolvida por Vigotski (1999) observa-se o uso do método objetivamente analítico, em sua concepção de arte como unidade entre conteúdo e forma, entendendo-os de forma dialeticamente opostas. Reconhecendo, portanto, a arte como síntese desses dois elementos opostos, dado pela superação do conteúdo e da forma em um produto novo.

Desse modo, compreende-se que a estrutura da obra de arte é composta por conteúdo e forma e a síntese entre forma e conteúdo revela a Psicologia da obra de arte. A partir disso pode-se entender o conteúdo como a realidade imediata, às situações da vida cotidiana que servem de base para a elaboração artística, enquanto a forma é o arranjo do material do conteúdo, conforme as leis da construção estética (VIGOTSKI, 1999). Com isso, o autor demonstra que o conteúdo representa as relações do cotidiano de modo linear, ao passo que a forma representa saltos, curvas e digressões, produzindo além do material, algo inteiramente novo.

A contradição entre forma e conteúdo é o fundamento da resposta estética. Em tal contradição estão expressas emoções antagônicas que vão se revelando na obra; descobrir esse movimento e sua intenção é tarefa da Psicologia da arte. Vigotski (1999), então, considera que o aspecto criador da arte está em transformar o material ordinário, comum, em nova forma, compondo uma síntese inédita entre forma e conteúdo. Nesta estão cristalizadas as funções psicológicas superiores empregadas e que passarão do plano individual, isto é, do artista que trabalhou a obra, para além da emoção inspiradora, para o plano social (BARROCO; SUPERTI, 2014).

Observamos que as “funções psicológicas superiores” são aquelas unicamente humanas, sendo intencionais e voluntárias, resultantes, sobretudo, da relação do indivíduo com o mundo. Elas rompem com a relação imediata indivíduo-mundo, tornando-as mediadas por processos simbólicos, permitindo, por exemplo, o desenvolvimento da atenção voluntária, do pensamento abstrato, da memória lógica, dentre outras funções psicológicas (MARTINS, 2012).

Ao analisar o papel dos signos, o autor [Vigotski] afirmou a existência de modos qualitativamente distintos de funcionamento psíquico. Um modo, advindo de condições biológicas, naturais; e outro, produzido em condições sociais de vida e de

¹¹ Para maior aprofundamento das análises desenvolvidas por Vigotski (1999) nesses capítulos recomenda-se a leitura de Superti (2013) e Assumpção e Duarte (2015).

educação. Às funções psíquicas consubstanciadas no primeiro modo, adjectivou como funções psíquicas elementares, primitivas e, às funções instituintes do segundo modo como funções psíquicas superiores. As primeiras, decorrentes do processo de evolução e comuns aos homens e aos animais superiores; às segundas, produtos da evolução histórica e especificamente humanas, ou seja, conquistas do desenvolvimento do ser social. (MARTINS, 2013, p. 132-133).

Isso significa que as funções psicológicas elementares, quando requalificadas pela cultura têm a possibilidade de serem elevadas à condição de funções psicológicas superiores, funções mediadas e de carácter voluntário que acabam por constituir sistemas psicológicos que se modificam ao longo do desenvolvimento (VIGOTSKI, 1998). Quer dizer, as funções psicológicas podem se desenvolver num processo mediado por outras pessoas e grupos humanos em direção ao desenvolvimento de um autodomínio da conduta. As funções psíquicas elementares (naturais) e superiores (culturais), por sua vez, “[...] fundem-se num sistema único, interfuncional, uma vez que nenhuma delas, isoladamente, se revela apta e suficiente à representação subjetiva do objeto, isto é, à estruturação da consciência.” (MARTINS, 2012, p. 02).

Nas palavras de Vigotski:

O domínio de um instrumento psicológico e, por seu intermédio, da correspondente função psíquica natural, eleva esta última a um nível superior, aumenta e amplia sua atividade e recria sua estrutura e seu mecanismo. Os processos psíquicos naturais não são eliminados com isso, mas entram em combinação com o ato instrumental e dependem funcionalmente, em sua estrutura, do instrumento utilizado. (1998, p. 100).

Ou seja, a partir dessa elaboração podemos compreender que, ao indivíduo entrar em contato com elementos culturais, dentre eles a arte, ele pode desenvolver as suas funções psicológicas e, conseqüentemente, desenvolver o seu psiquismo como um todo. Razão pela qual, as funções psicológicas são compreendidas como um sistema interfuncional (VYGOTSKI, 2006). Em síntese, as funções psicológicas superiores aqui apresentadas colocam-se diretamente a serviço da formação da imagem representativa do real existente – visam, pois, ao reflexo da realidade objetiva.

Após compreender o que são as “funções psicológicas superiores”, podemos passar para a análise da última seção do livro, que recebe o título de *Psicologia da arte*, que se divide em três capítulos: *A arte como catarse*; *Psicologia da arte* e *Arte e vida*. Em “A arte como catarse”, Vigotski (1999) aponta que toda teoria da Psicologia da arte depende do ponto de vista que se estabeleceu nas teorias da percepção, do sentimento e da imaginação. E ao estudar a arte no curso de psicologia, costuma-se abordar um dos referidos campos ou os três

simultaneamente. No entanto, deve-se considerar que o primeiro deles não é questão central, tendo um papel subordinado aos outros dois, em razão de a reação apenas começar pela percepção sensorial, mas, evidentemente, não se concluir nele. “[...] e por isto se faz necessário não iniciar a Psicologia da arte pelo campo que costuma operar com as emoções estéticas elementares, mas partindo de dois outros problemas: do sentimento e da imaginação” (VIGOTSKI, 1999, p. 249). Portanto, o autor aponta que a correta compreensão da Psicologia da arte só surgirá do cruzamento do entendimento dos sentimentos e da imaginação. Porém, Vigotski (1999) aponta que até hoje ainda não temos um sistema, minimamente, reconhecido e acabado de teoria do sentimento e da fantasia. Reside aqui, novamente, as motivações deste estudo, o de aprofundar o entendimento do papel dos sentimentos nessa reação estética.

Vigotski (1999) levanta contradições elaboradas por teóricos de sua época em relação aos sentimentos, uns dizem que ele é inconsciente, alguns dizem que ele não pode ser consciente e outros dizem que ele carece de clareza consciente. Para tentar superar essas contradições, inicialmente o autor irá caracterizar o sentimento como um processo nervoso, e reflete sobre que propriedades objetivas podemos atribuir a esse processo. A análise inicial dos sentimentos desenvolvida por Vigotski, na obra *Psicologia da Arte*, será desenvolvida em seu livro *Teoria das Emoções*, que nos dedicamos a estudar e exporemos na próxima seção de nosso trabalho, a fim de resolver essa questão da relação dos sentimentos com a arte.

Nessa exposição inicial, Vigotski (1999) aponta que muitos autores concordam que, partindo do referencial dos mecanismos nervosos, deve-se situar o sentimento nos processos de consumo ou descarga de energia nervosa. A partir desse entendimento, o autor expõe uma questão basilar para a psicologia da arte:

[...] como devemos considerar o sentimento apenas como dispêndio de energia psíquica ou lhe cabe o papel economizador e preservador na economia da vida do psiquismo? Considero esta questão central e importante para a psicologia do sentimento, porque da sua solução depende a resposta à outra questão central da estética psicológica: a lei do menor esforço. (VIGOTSKI, 1999, p. 254).

A lei do menor esforço consiste em entender que o mérito do estilo artístico consiste, precisamente, em compor o maior número de ideias com o menor número possível de palavras. Vigotski (1999) se contrapõe à essa lei, aponta que, ao contrário do que ela postula, o artista recorre ao dispêndio extremamente não econômico das nossas forças, que dificulta, artificialmente, o desenrolar da ação (como observado nas análises do conto e da tragédia). Reside nessa dificuldade a excitação de nossa curiosidade, joga com as nossas conjecturas, leva-nos a desdobrar a nossa atenção. “A nossa reação estética se nos revela antes de tudo não

como uma reação que economiza, mas como reação que destrói a nossa energia nervosa, lembrando mais uma explosão do que uma economia em centavos.” (VIGOTSKI, 1999, p. 257).

Vigotski (1999) aponta as dificuldades de compreender a reação estética, e explica os fatores sensoriais, motrizes, associativos, intelectuais e emocionais dessa reação, mas nada pode dizer das conexões em que eles se encontram, de como criar uma psicologia integral da arte – não é possível fazer uma síntese dessas reações.

Para tentar compreender a questão da reação estética, Vigotski (1999) apresenta duas teorias desenvolvidas em sua época, que tentam explicar essa reação, porém após explicar cada uma o autor refuta essas concepções. Aponta, por fim, que nenhuma das duas teorias está em condição de explicar a relação interna que existe entre o sentimento e os objetos suscetíveis da nossa percepção. Para conseguir desvelar essa relação, o autor destaca que temos de nos apoiar em sistemas psicológicos que baseiam as suas interpretações na relação existente entre fantasia e sentimento. Nessa direção, apresenta a “Lei da dupla expressão dos sentimentos”, que explica que toda emoção se serve da imaginação e se reflete numa série de representações e imagens fantásticas, que fazem as vezes de uma segunda expressão.

Assim, todas as nossas vivências fantásticas e irreais transcorrem, no fundo, numa base emocional absolutamente real. Deste modo, vemos que o sentimento e a fantasia não são dois processos separados entre si mas, essencialmente, o mesmo processo, e estamos autorizados a considerar a fantasia como expressão central da reação emocional. (VIGOTSKI, 1999, p. 264).

Com isso, Vigotski (1999) aponta que a arte suscita em nós emoções extraordinariamente fortes, porém, essas emoções não se manifestam objetivamente, sendo resolvidas pela fantasia. Indica assim, a diferença entre os sentimentos comuns e artísticos, como podemos observar a seguir:

Poderíamos demonstrar que a arte é uma emoção central, é uma emoção que se resolve predominantemente no córtex cerebral. As emoções da arte são emoções inteligentes. Em vez de se manifestarem de punhos cerrados e tremendo, resolvem-se principalmente em imagens da fantasia. Diderot teve plena razão ao dizer que o ator chora lágrimas de verdade, mas essas lágrimas correm do cérebro, e com isso expressou a própria essência da reação artística como tal. (VIGOTSKI, 1999, p. 267).

Com base nesses princípios, pode-se afirmar que **a arte não só exprime as emoções, mas as resolve**. A apropriação da arte não é mecânica ou passiva, é necessário que se dê a mediação das relações sociais junto ao fruidor, de modo que nele sejam projetados os movimentos que a arte suscita (BARROCO; SUPERTI, 2014). Ou seja, a arte mobiliza as

funções psíquicas do indivíduo, obrigando-o a que se implique como gênero humano, superando a sua individualidade. Aí está “a diferença da emoção causada pela arte, além de ser suscitada por uma estrutura específica, pela oposição entre forma e conteúdo, a sua superação, a sua transformação, envolve outras funções psíquicas, sobretudo a imaginação.” (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 28).

De acordo com Barroco e Superti (2014), a percepção da obra de arte exige humanização dos sentidos, exige que os sentimentos sejam desenvolvidos para compreendê-la em sua totalidade, ao mesmo tempo em que a própria arte tem impacto sobre eles. Assim, as demais funções psicológicas superiores, também são colocadas em movimento, possibilitando essa apreensão da arte como produção da humanidade. Isso pode suscitar uma nova organização das funções psicológicas superiores e da consciência.

A partir disso, Vigotski (1999) apresenta a constatação de que a arte opera com sentimentos contraditórios. A impressão artística suscita emoções opostas ao mesmo tempo e provoca seu curto-circuito e destruição. “A isto podemos chamar o verdadeiro efeito da obra de arte, e com isto nos aproximamos em cheio do conceito de catarse, que Aristóteles tomou como base da explicação da tragédia e mencionou reiteradamente a respeito de outras artes.” (VIGOTSKI, 1999, p. 269).

Vigotski (1999) utiliza o termo “catarse” a partir dos estudos de Aristóteles, e admite que, apesar da imprecisão do seu conteúdo e da manifesta recusa à tentativa de esclarecer o seu significado, no texto de Aristóteles, ainda assim considera que nenhum outro termo traduz com tanta plenitude e clareza,

[...] o fato, central para a reação estética, de que as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se reduz, no fundo, a essa catarse, ou seja, à complexa transformação dos sentimentos (VIGOTSKI, 1999, p. 270).

A arte, por sua estrutura objetiva e essencialmente contraditória, impulsiona o desenvolvimento das emoções. Ela mobiliza os sentimentos do sujeito e, pela reação estética fundamental (catarse), eles ganham nova qualidade. Portanto, Vigotski (1999) postula que a lei da reação estética “*encerra em si a emoção que se desenvolve em dois sentidos opostos e encontra sua destruição no ponto culminante, como uma espécie de curto-circuito*” (VIGOTSKI, 1999, p. 270, grifo do autor). O autor destaca que o ponto culminante, este curto-circuito, define o termo catarse. Demonstra assim, que o artista sempre destrói o seu conteúdo pela forma.

Portanto, a base da reação estética pode ser compreendida a partir das emoções suscitadas pela arte e vivenciadas com toda realidade e força, que encontram a sua descarga naquela atividade da fantasia (VIGOTSKI, 1999). “É nessa transformação das emoções, nessa sua autocombustão, nessa reação explosiva que acarreta a descarga das emoções imediatamente suscitadas, que consiste a catarse da reação estética.” (VIGOTSKI, 1999, p. 272).

A partir disso, compreende-se que a estrutura da obra de arte a ser revelada pela psicologia é revelada nos recursos estilísticos que expressam a oposição entre forma e conteúdo, de modo que a síntese dessa contradição objetiva um sentimento, ou demais características humanas. Ambos, conteúdo e forma, entram em conflito, e essa contradição é o fundamento do efeito catártico da reação estética, resultando numa complexa descarga de sentimentos, responsável por transformar as emoções (VIGOTSKI, 1999).

A arte não desencadeia uma ação, um comportamento, mas uma **transformação** das emoções determinada pela estrutura da obra; e tomando o psiquismo como unidade, pode-se entender que tal transformação não se restringe aos aspectos da emoção, mas à totalidade do funcionamento psicológico (BARROCO; SUPERTI, 2014). De acordo com Vigotski (1999), a arte suscitaria emoções contraditórias, e que a sua superação provoca um salto qualitativo, gerando uma nova organização psicológica, tornando as emoções mais complexas e conscientes, o que no mesmo movimento, altera a própria estrutura da consciência. A catarse possibilita um processo de generalização que amplia o domínio do sujeito sobre si e o mundo. Observamos que, segundo Vigotski (2001), o momento central do significado é a generalização. Entendendo que o significado da palavra é a unidade indecomponível dos processos de pensamento e linguagem, sendo essa relação a chave para a compreensão da consciência humana¹².

Então, para Vigotski a catarse pode ser compreendida como componente necessário da vivência artística, porque a arte sempre é “[...] portadora desse comportamento dialético que reconstrói a emoção e, por isso, sempre envolve a mais complexa atividade de uma luta interna que é resolvida pela catarse.” (VIGOTSKI, 2003, p. 235). Conclui-se, então, que para Vigotski (1999) a arte, por sua estrutura contraditória específica e pelos processos criativos e de catarse implicados nela, tem a possibilidade de gerar uma nova organização psíquica,

¹² Para compreender a importância de encontrar a “unidade indecomponível” é necessário entender o método de análise por unidades elaborado por Vigotski para se contrapor ao método tradicional de pesquisa em Psicologia, que é o método de decomposição em elementos – decomposição dos processos a serem estudados em elementos autônomos e independentes. No método de análise por unidades, a unidade contém, de forma primária e simples, as propriedades do todo, assim, a partir de cada unidade indecomponível de um processo é possível compreendê-lo em sua totalidade (ASBAHR, 2011).

gerando desenvolvimento humano. Portanto, podemos concluir que a arte tem o significado de resistência à homogeneização ideológica do ser humano e ao tolhimento de sua capacidade de criação e de ação transformadora.

O capítulo seguinte da obra *Psicologia da arte* busca analisar a aplicação da fórmula da reação estética em diferentes modalidades artísticas, estabelecendo o ciclo de fenômenos que ela abrange e explica. Analisa de forma minuciosa a poesia, o romance e o drama. E analisa de modo breve o teatro, depois a pintura e por último a escultura e a arquitetura.

Por sua vez, o último capítulo da obra, intitulado *Arte e vida*, Vigotski (1999) se questiona: qual é a relação da reação estética com todas as outras reações do ser humano, ou seja, como elucidam-se o papel e o significado da arte no sistema geral do comportamento humano? Aponta que para poder responder essa questão é necessário estar munido de uma concepção teórica geral que permita uma base sólida para a solução dessa questão. Para iniciar sua resposta, o autor faz um movimento que se tornou clássico em suas elaborações teóricas: expor teorias vigentes na época, para posteriormente contrapô-las com o seu entendimento sobre o assunto. Desse modo, apresenta a teoria do contágio, que postula que a função da arte é a de atingir as pessoas por meio do contágio daquilo que expressa.

Em realidade, como seria desolador o problema da arte na vida se ela não tivesse outro fim senão o de contagiar muitas pessoas com os sentimentos de uma. Seu significado e seu papel seriam extremamente insignificantes, porque em arte acabaríamos sem ter qualquer outra saída desses limites do sentimento único, exceto a ampliação quantitativa desse sentimento. Neste caso o milagre da arte lembraria o desolador milagre do Evangelho, em que cinco ou seis pães e uma dúzia de peixes alimentam mil pessoas, todas comem até saciar a fome e os ossos restantes são recolhidos em doze cestas. Aqui o milagre é apenas quantitativo: mil pessoas que se saciaram, mas cada uma comeu apenas peixe e pão, pão e peixe. Não seria isto o mesmo que cada uma delas comia cada dia em sua casa e sem qualquer milagre? (VIGOTSKI, 1999, p. 307).

Aponta ainda que seria muito triste para a arte, se um poema que trata da tristeza não tivesse nenhum outro fim senão contagiar-nos com a tristeza do autor. Para contrapor essa teoria Vigotski evoca outro milagre bíblico, o da transformação da água em vinho, mostrando que a verdadeira natureza da arte sempre implica em algo que transforma. O autor conclui que “A arte está para a vida como o vinho para a uva disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material” (VIGOTSKI, 1999, p. 307-308).

Ou seja, Vigotski (1999) estuda a arte em permanente relação com a realidade objetiva, portanto, a arte está intrinsecamente ligada à vida. Estar ligada à vida significa dizer

que ela está ligada às relações sociais de determinada época. O material para a produção artística é apreendido da realidade social e seu resultado não é cópia fiel da objetividade, mas algo novo, fruto de ação criativa.

Com isso, conclui-se que o sentimento é inicialmente individual, e por meio da obra de arte torna-se social ou generaliza-se. Assim, na arte superam-se aspectos do psiquismo que não encontram vazão na nossa vida cotidiana, não se pode falar, portanto, do simples contágio, reduzida ao papel de comunicar sentimentos, pois o efeito da arte é bem mais complexo e diverso. A arte resolve e elabora aspirações extremamente complexas do organismo, para confirmar essa concepção Vigotski recorre aos estudos de Bücher sobre a origem da arte, “Como se sabe, Bücher estabeleceu que a música e a poesia surgem de um princípio geral, do pesado trabalho físico, e que têm como meta resolver pela catarse a pesada tensão do trabalho.” (VIGOTSKI, 1999, p. 309). Ou seja, a arte surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência (VIGOTSKI, 1999). Trazendo, então, que a verdadeira função da arte, mesmo já separada do trabalho e tendo perdido a relação direta com ele, é a de sistematizar ou organizar o sentido social e dar solução e vazão a uma tensão angustiante.

Vigotski (1999) aponta que a arte surge dessa necessidade de descarregar a energia que não conseguimos converter em “trabalho útil”, pois, como aponta, nem mesmo uma máquina jamais conseguirá funcionar até o fim, usando toda a energia, exclusivamente, em ações úteis. Dando uma vazão livre para essa energia, a fim de equilibrar a nossa balança com o mundo.

A arte pode ser considerada tão antiga quanto o humano porque ela figura no desenvolvimento do trabalho, na dominação do mundo natural e na necessidade criada de expressar a experiência humana (BARROCO; SUPERTI, 2014). Assim, por meio da arte, o ser humano pode se apropriar do que já foi vivido, vivenciando o seu passado como humanidade. Carrega um legado humano; por meio dela o sujeito vivencia experiências alheias, que não seriam possíveis na sua vida particular, o que enriquece seu próprio repertório, sua visão de mundo e humanidade (BARROCO; SUPERTI, 2014).

Compreendemos perfeitamente que, se consideramos a arte como catarse, é porque a arte não pode surgir onde existe simplesmente o sentimento vivo e intenso. Por si só, nem o mais sincero sentimento é capaz de criar arte. Para tanto não lhe falta apenas técnica e maestria, porque nem o sentimento expresso em técnica jamais consegue produzir uma obra lírica ou uma sinfonia; para ambas as coisas se faz necessário ainda o ato criador de *superação* desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então *esse* ato aparece, *só então* a arte se realiza. Eis por que a percepção da arte também exige criação, porque para essa percepção não basta simplesmente

vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender da estrutura da própria obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude. (VIGOTSKI, 1999, p. 313-314, grifo do autor).

A partir do posicionamento teórico aqui delineado, Vigotski (1999) afirma que o efeito da arte não tem nada de misterioso, de místico ou de qualquer outra ordem além de humana, reforçando as premissas do materialismo histórico, e seus efeitos, também, só podem ser processados ou elaborados no próprio corpo humano. Sob a concepção da natureza essencialmente social e histórica do psiquismo, o autor concebe a arte como ação humana intencional que recria a realidade material e transforma o próprio sujeito. Por isso, a arte se constitui como objeto cultural da sociedade, o que leva o autor afirmar que **“a arte é o social em nós”**. Em vista de ela expressar, no indivíduo, sua constituição como ser social.

A arte é o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essência sejam individuais. [...] O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções. [...] A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade (VIGOTSKI, 1999, p. 315).

Neste ponto, Vigotski (1999) analisa a arte como uma técnica criada pelo ser humano para dar existência social objetiva aos sentimentos, possibilitando que os indivíduos se relacionem com esses sentimentos como objetos, como algo externo que se interioriza por meio da catarse. Assim, a definição da arte é compreendida como **“técnica social do sentimento”**. Ao defini-la desta maneira, o autor revela que há um mundo de sentimentos contidos na obra de arte, e que eles são expressos por meio desta. Sendo que essa expressão é, também, reflexo das formas históricas concretas de uma dada época, manifestadas afetivamente. Assim sendo, pode-se afirmar que a arte, como produção da humanidade, contém as relações sociais nas quais se concretizam os sentimentos, que permite apreensão e evidencia questões subjetivas, conectadas às situações sociais.

Pode-se entender, então, que a obra de arte é uma objetivação dos sentimentos humanos. Ou seja, ela é uma técnica elaborada pelos seres humanos que permite aos indivíduos socializar determinado sentimento, tornando-os objetos, e, ao mesmo tempo, a arte torna os sentimentos pessoais, sendo parte do psiquismo de um indivíduo. “Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social.” (VIGOTSKI, 1999, p. 315).

Ao elaborar sua reflexão sobre a arte como uma “técnica social do sentimento”, Vigotski (1999) revela a capacidade da arte de mobilizar sentimentos conhecidos, e também de apresentar ao indivíduo novos sentimentos. A arte não influencia apenas os nossos sentimentos como também a nossa vontade, “porque no sentimento existe um embrião de vontade” (GUYEAU apud VIGOTSKI, 1999, p. 316). Ela carrega consigo a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, podendo colocar o indivíduo num estado sensível para posteriores atitudes, como se acumulasse energia para ação, dando-lhe nova direção. Esses fatores fazem com que o mundo seja visto com outros olhos, em razão da arte formular para a mente e reviver para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel (VIGOTSKI, 1999). Os sentimentos humanos não são apenas expressos pela obra de arte, mas também se desenvolvem, e desenvolvem um sujeito capaz de senti-los (DUARTE, 2010). Propiciam assim, o desenvolvimento humano em sua totalidade.

Fundamentado nessa concepção, Vigotski (1999) dialoga com Marx (2013), quando esse afirma que é somente por meio dos objetos culturais, no caso também a arte, que o humano tem seus sentidos plenamente desenvolvidos, e, assim, sua ação livre das necessidades orgânicas e estritamente práticas ligadas ao contexto imediato. Além de possibilitar a humanização dos cinco sentidos, permitindo que o humano se supere como ser apenas biológico, a arte, ainda, permite o desenvolvimento dos sentimentos (SUPERTI, 2013).

Deste modo, a arte e os instrumentos culturais servem à humanização dos homens e ao desenvolvimento de sentimentos tipicamente humanos, como os amores, as paixões, a amizade, portanto, somente com a objetivação e apropriação dos objetos culturais que ficam afirmadas as características estritamente humanas, com necessidades além das naturais. (SUPERTI, 2013, p. 93).

Diante do exposto, Vigotski (1999) defende que a natureza social da arte traz em si a relação com a psicologia. A arte exprime a sociedade que lhe deu origem “[...] e objetiva na obra, objeto cultural, características psicológicas complexas, assim, ao mesmo tempo, possibilita a apropriação de tais características humanas pelos indivíduos.” (SUPERTI, 2013, p. 87). Barroco e Superti (2014) observam que, ao se produzir arte e ao dela se apropriar, as funções psicológicas dos sujeitos também são formadas e desenvolvidas. A relação da psicologia com a estética está baseada na função de revelar as condições sociais (materiais) que determinam dialeticamente a obra e estão contidas nela.

A arte provoca alterações no psiquismo dos sujeitos, gera nova organização psíquica, eleva o indivíduo da condição de indivíduo particular à de gênero humano universal (BARROCO; SUPERTI, 2014). A arte é entendida, então, como condicionadora da síntese entre o biológico e o cultural. Mediadora entre o indivíduo e o gênero humano. A arte é o meio indispensável para a união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias (SUPERTI, 2013).

Vigotski (1999) cita os processos psicológicos de percepção, emoção, criatividade e imaginação como processos psicológicos em estreita relação com a arte. A obra de arte é uma síntese, uma unidade, composta por elementos específicos que, para sua apreensão faz-se necessário compreendê-los em relação dialética, contando com atividade, tanto do pensamento como das emoções (BARROCO; SUPERTI, 2014). Na mesma direção, se colocam as ideias de Marx (2013), em que afirma que só por meio dos objetos culturais é que o humano tem seus sentidos plenamente desenvolvidos. Assim, a arte e os instrumentos culturais servem à humanização e ao desenvolvimento de sentidos novos como os amores, as paixões, a amizade.

Vigotski (1999) considera, então, que a arte proporciona um refinamento dos sentidos, que permite o desenvolvimento dos sentimentos e torna o humano mais livre. Ainda ressalta a importância de nos atentarmos para a explicação desses efeitos produzidos pela arte, pois “[...] o nosso comportamento se organiza segundo o princípio da unidade, e essa unidade se realiza principalmente através da nossa consciência, na qual deve estar forçosamente representada de alguma maneira toda inquietação à procura de vazão.” (VIGOTSKI, 1999, p. 322). Aqui Vigotski expõe suas bases no pensamento monista de Espinosa, que será mais aprofundado na seção seguinte de nossa pesquisa.

O autor conclui que a função da arte, em nossa sociedade, é a de superação do sentimento individual e o aspecto criativo da arte está no fato de possibilitar a transferência de uma vivência em comum. Ressalta ainda que esse ato criador artístico não pode ser recriado por meio de operações puramente conscientes. Porém, se questiona: se o mais importante na arte se reduz ao momento inconsciente e criador, isto significaria que todos os momentos e forças conscientes foram inteiramente suprimidos desse momento?

Para responder essa questão, Vigotski (1999) aponta que por meio da consciência penetramos no inconsciente, pois podemos organizar os processos conscientes de maneira a expressar através deles os processos inconscientes. E o ato artístico incorpora os atos de conhecimento racional precedentes, as concepções, identificações, associações. A partir desse entendimento da relação dialética entre o consciente e o inconsciente, Vigotski (1999) aponta

que podemos ver como a arte se desdobra, pois para conseguirmos percebê-la é necessário observar ao mesmo tempo “o verdadeiro estado de coisas e o desvio desse estado de coisas” (p. 328). Ou seja, para entendermos a arte é necessário ter um conhecimento seguro do verdadeiro estado das coisas, da realidade, para, com isso, entender como ela se transforma na arte. E a partir dessa contradição entre o real e o irreal é que surge o efeito da arte, com isso Vigotski (1999) aponta que começamos a entender por que os “extremistas de esquerda na nossa arte” lançam a fórmula: “a arte como método de construção da vida”. Criticando a ideia da arte como conhecimento, a entendendo como essa criação e recriação do real, do consciente e inconsciente.

Desse modo, a síntese das funções psíquicas superiores se manifesta, na compreensão de Vigotski, na consciência, sendo esta pautada em vínculos hierárquicos semânticos, construídos com base na apropriação dos significados das palavras (BARROCO; SUPERTI, 2014). Portanto, se configura em algo que demanda o funcionamento além do fisiológico, diz respeito à atividade propriamente humana; que caracteriza e diferencia o humano no mundo (SUPERTI, 2013).

A consciência é formada por meio da mediação do signo (da palavra), em sua complexidade, a partir da ação do humano sobre o mundo, e das respostas que ele recebe do mundo de acordo com a sua atuação. A consciência, assim, se manifesta e se forma, contando com diferentes elaborações, sendo a arte uma delas (SUPERTI, 2013). A generalização pode ser compreendida como processo de organização da consciência a partir de leis extraídas de dadas situações ou experiências. O processo de generalização altera toda a relação do indivíduo com o mundo (BARROCO; SUPERTI, 2014). Além disso, “na obra de arte são utilizados signos, compondo uma estrutura, criada com a intenção de suscitar emoção estética, estes aspectos explicitam que a arte contém e opera por meio de conteúdos e processos psicológicos.” (SUPERTI, 2013, p. 92).

Assim sendo, pode-se pensar que a arte é capaz de provocar novas generalizações nos sujeitos que apreendem a síntese, entre forma e conteúdo, expressa na obra, atingindo, principalmente, os sentimentos (BARROCO; SUPERTI, 2014). “Isto é, a arte poderia provocar uma nova organização psíquica mais elaborada, por ser instrumento cultural, o qual objetiva, em sua forma e conteúdo, elevadas forças humanas como: abstração, criatividade, percepção, emoção e imaginação” (SUPERTI, 2013, p. 92).

O autor conclui, portanto, que a “[...] arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida.” (VIGOTSKI,

1999, p. 328-329). Rejeita a ideia da arte como ornamento. Aponta que, na construção do novo humano, também se mudará o papel da arte e que sem a nova arte não haverá o novo humano. No entanto, sem conseguir prever essas possibilidades do futuro nem para a arte, nem para a vida pois, como disse Espinosa (apud VIGOTSKI, 1999): “Até hoje ninguém definiu aquilo de que o corpo é capaz.” (p. 329).

Na presente subseção tivemos a pretensão de apresentar a nossa síntese da obra *Psicologia da Arte* de Vigotski, em articulação com teóricos contemporâneos da Psicologia da arte e com a própria teoria que o autor elaborou posteriormente. Com isso, apresentamos inicialmente o contexto em que a obra de Vigotski foi elaborada, sendo este o período pré e pós revolução Russa. Após contextualização abordamos sobre o tema da constituição social do psiquismo, trazendo articulações com a teoria posterior de Vigotski. Depois, nos dedicamos à exposição do livro propriamente. Inicialmente apresentamos o método objetivamente analítico elaborado por Vigotski. Tal método analisa a estrutura da obra de arte, a qual é composta pela síntese entre forma e conteúdo. E, após acompanharmos as análises literárias empreendidas por Vigotski (1999), utilizando o referido método, pudemos compreender que a síntese entre forma e conteúdo revela a Psicologia da obra de arte. A contradição entre forma e conteúdo é o fundamento da resposta estética suscitada pela arte. A seguir, abordamos três conceitos considerados por nós fundamentais para compreender a teoria psicológica da arte de Vigotski, sendo eles: a catarse, a arte como o social em nós e a arte como técnica social dos sentimentos. Nessa direção, intencionamos, por fim, compreender a arte em seu caráter transformador. Desse modo, com a presente síntese, lançamos as bases necessárias para a análise d’*O Livro dos Abraços* que pretendemos empreender. Mas, antes de avançarmos para a nossa exposição sobre a teoria das emoções, trataremos nossas elaborações sobre as potencialidades do uso da arte no contexto da psicoterapia.

2.2 Arte como potencialidade na psicoterapia

Entendemos que a psicoterapia se apresenta como um dos campos mais clássicos de atuação da psicologia. Ela teve um crescente desenvolvimento no século XX, e sofreu diversas mudanças no curso deste século e no início do XXI (CLARINDO, 2020). E, ao

pensarmos na psicoterapia, com base nos preceitos da teoria de Vigotski, ela, segundo Clarindo (2020), certamente estaria na esteira dos movimentos de mudanças dessa prática¹³.

Segundo Aita (2020), a psicoterapia pode atuar como promotora do desenvolvimento da consciência do sujeito, pois, nesse processo se tem a externalização da fala interior, que viabiliza uma nova organização do pensamento, tendo em vista que a fala organiza o pensamento. Assim, o sujeito desenvolve o seu entendimento da realidade (individual e social) e de seu sofrimento psíquico. Aita (2020) nos aponta as potencialidades da psicoterapia:

A partir de nosso estudo, entendemos que a psicoterapia pode agir sobre o processo de formação e tomada de consciência, se constituindo como um processo, mediado pela linguagem, pelo qual o sujeito analisa seus próprios entendimentos, suas próprias ações e sentimentos. O processo psicoterápico possibilita que o sujeito tome consciência dos significados que foram sendo construídos ao longo de sua vida; bem como construa novos sistemas de significações, novos sentidos pessoais e novos recursos simbólicos sobre sua própria realidade individual e social. A reflexão externa, que vai sendo interiorizada, se constituindo como linguagem interna, atua sobre o controle voluntário do comportamento. (AITA, 2020, p. 86).

Podemos observar que a clínica, com base na teoria de Vigotski, traz a centralidade da linguagem no desenvolvimento do psiquismo e a compreensão de que as formas mais complexas de pensamento se desenvolvem a partir das relações sociais (CLARINDO, 2020). Estes pressupostos estão presentes na “lei genética do desenvolvimento” já comentada neste trabalho. Lembramos, ainda, que toda função psíquica superior foi antes externa, social, para depois tornar-se interna, individual, ou seja, o psiquismo humano surge a partir das relações sociais internalizadas. As funções psicológicas superiores aparecem em dois planos: são primeiramente intersíquicas, presente nas atividades coletivas e sociais; depois tornam-se intrapsíquicas, como propriedade interna do psiquismo. “Cabe dizer, portanto, que passamos a ser nós mesmos através dos outros.” (VYGOTSKI, 2000, p. 149, tradução nossa).

Com isso, entende-se que, para Vigotski, segundo Delari Jr. (2013), a consciência é conhecimento compartilhado. O sujeito primeiro conhece algo com alguém, para então, conhecê-lo consigo mesmo. Neste processo, a reflexão sobre realidade social surge primeiro; depois, por meio da influência mediadora, surge a autoconsciência (AITA, 2014). O germe da

¹³ Embora tal campo ainda não se configure como um dos mais desenvolvidos na abordagem, tem ganhado importante visibilidade e estudos, como exemplo podemos citar as teses de doutorado “Clínica Histórico-Cultural: Caracterizando um Método de Atuação em Psicoterapia” de Janailson Monteiro Clarindo e “Psicoterapia enquanto possibilidade de intervenção sobre o processo de formação de consciência: uma análise histórico-cultural” de Elis Bertozzi Aita, ambas publicadas em 2020. Além desses estudos recentes, já podemos identificar profissionais que usam essa teoria como base de sua prática clínica, a título de ilustração, o grupo de estudos acerca da clínica em Psicologia Histórico-Cultural do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural da UFPR conta com aproximadamente 47 participantes, sendo que a maioria já atua na área.

iniciativa de querer colaborar consigo mesmo vem da colaboração dos outros consigo, assim, se reconhecer como um outro faz parte do desenvolvimento de constituição do sujeito. Entendemos que primeiro o sujeito realiza julgamentos sobre os outros, depois passa a entender o que os outros julgam dele mesmo, e, por fim, passa a conseguir formular julgamentos sobre si mesmo (AITA, 2020). Essa dimensão interspíquica, do conhecer-se com alguém, alcança uma maior potencialidade no processo psicoterapêutico.

No contexto da psicoterapia o psicólogo, segundo Kahhale e Montreozol (2019), assume o papel de mediador, pois facilita, a partir da escuta reflexiva, a apropriação dos processos vividos pelo sujeito, ao proporcionar a gradual decodificação do seu mundo, com o desvelo das múltiplas e contraditórias determinações da existência singular de cada sujeito. Com isso, há a possibilidade da conversão de aspectos inconscientes em conscientes, os integrando às configurações de sentido, superando as contradições das vivências fragmentadas (KAHHALE; MONTREOZOL, 2019).

Observamos que a compreensão dos processos inconscientes, elaborada na teoria de Vigotski, é diferente da elaborada em outras teorias, como nos aponta Santos (2015): “O inconsciente é um conceito importante para a Psicologia, mas é necessário retirar dele o véu místico que o caracteriza como algo absolutamente idealista e imutável.” (p. 136). Com isso, consideramos relevante abordar o entendimento deste conceito para a nossa teoria. Pois, compreendemos que uma das maiores potencialidades da psicoterapia é a conscientização de processos inconscientes, afinal consideramos que não existe uma barreira intransponível que separe os conteúdos conscientes dos conteúdos inconscientes, sendo os conteúdos inconscientes potencialmente conscientes (AITA, 2014). Com isso, entendemos ser importante primeiro entender o que são esses processos inconscientes para então entender como a arte pode ser usada para que eles se tornem mais conscientes.

Em sua conceituação sobre o inconsciente para a teoria de Vigotski, Santos (2015) nos aponta que podemos compreender o inconsciente como “[...] aquelas zonas de sentido desprovidos de significados.” (p. 153). Diante dessa elaboração, vemos os conceitos “sentido” e “significado” como privilegiados para o entendimento do inconsciente, portanto iremos apresenta-los brevemente.

Em sua análise sobre a relação do pensamento e da linguagem Vigotski (2001) busca distinguir e analisar as linguagens externa, egocêntrica e interna. É nessa discussão que o autor apresenta os conceitos de sentido e significado. Ele compreende que o sentido estabelece distinções e relações entre a linguagem externa e interna, isto é, a fala para o outro e para si. Pautado nos trabalhos de Paulham, Vigotski (2001) afirmou que o sentido tem

predomínio sobre o significado na linguagem interior, é mais amplo que o significado, sendo a soma de todos os fatos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. Portanto, o sentido é uma formação dinâmica e variável, determinado por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados àquilo que está expresso por uma determinada palavra, e por isso, é mais instável. Deste modo, o sentido da palavra é inesgotável. Já o significado é uma formação socialmente estabelecida, sendo assim, mais estável e preciso.

Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Foi essa mudança de sentido que conseguimos estabelecer como fato fundamental na análise semântica da linguagem. O sentido real de uma palavra é inconstante. Em uma operação ela aparece com um sentido, em outra, adquire outro. Esse dinamismo do sentido é o que nos leva ao problema de Paulham, ao problema da correlação entre significado e sentido. Tomada isoladamente no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido. (VIGOTSKI, 2001, 465).

A partir dessas análises, podemos entender que o conceito de significado na obra de Vigotski (2001) é apresentado como o produto de objetivações do gênero humano, ao longo da história. O autor situa a significação no âmbito do significado da palavra, compreendendo-a, como já observado aqui, como uma unidade de análise da relação pensamento e linguagem. E a forma com a qual os sujeitos vão lidar individualmente com essas generalizações, objetivadas e cristalizadas, ao longo da história configura o sentido pessoal, que varia de indivíduo para indivíduo, sendo produto da consciência humana.

Com base nessas elaborações de Vigotski, Leontiev (1978) avança na conceituação do sentido pessoal, qual seja, o autor aponta que o indivíduo cria na sua atividade um sentido para ela e estabelece a relação entre aquilo que o faz agir e aquilo que orienta sua ação final, ou seja, um motivo e um fim. Esse sentido se expressa nas significações, assim como o motivo se exprime nos fins. O conteúdo refletido não se reduz apenas ao sentido, mas à relação do sujeito com os objetivos conscientes. “A essa relação entre o motivo da atividade e o objetivo ou objeto da ação, Leontiev (1978b) chama de **sentido**. Toda ação é captada e dirigida pela consciência, através de uma **relação entre o sentido e o significado**.” (DUARTE, 1999, p. 86, grifo do autor).

Vigotski (2001) aponta também que o sentido pode ser separado da palavra que o expressa, assim como pode ser facilmente fixado em outra palavra. Assim, uma palavra pode

às vezes ser substituída por outra sem que haja nenhuma alteração de sentido. O sentido se separa da palavra e assim se preserva. “Mas, se as palavras podem existir sem sentido, de igual maneira o sentido pode existir sem palavras.” (VIGOTSKI, 2001, p. 467). Com isso, podemos compreender que na linguagem interior, há uma primazia do sentido da palavra, pois é uma linguagem para si mesmo, com uma estrutura semântica própria. Podemos observar nessa conceituação o germe da compreensão do inconsciente na teoria de Vigotski, retomando as investigações de Santos (2015), o inconsciente estaria relacionado com essas zonas de sentido que não encontram significação nas palavras.

Ao trazer o conceito de sentido na investigação da relação entre pensamento e linguagem, Vigotski (2001) pode concluir que o pensamento não coincide absolutamente com a linguagem e que o caminho entre o pensamento e a palavra é indireto, internamente mediado, “por isso o pensamento nunca é igual ao significado direto das palavras” (p. 479). Diante destas conclusões, o autor ressalta uma questão central na construção de sua teoria psicológica, que é o papel dos motivos e dos afetos na formação do pensamento humano.

Por trás do pensamento existe uma tendência afetivo e volitiva. Só ela pode dar resposta ao último *porquê* na análise do pensamento. Se antes comparamos o pensamento a uma nuvem pairada que derrama uma chuva de palavras, a continuar essa comparação figurada teríamos de assemelhar a motivação do pensamento ao vento que movimentava as nuvens. A compreensão efetiva e plena do pensamento alheio só se torna possível quando descobrimos a sua eficaz causa profunda afetivo-volitiva. (VIGOTSKI, 2001, p. 479-480, grifo do autor).

Assim, podemos afirmar que o indivíduo sempre age por um determinado motivo, e ao Vigotski retomar Espinosa, lembramos que a liberdade é a consciência das causas que nos levam a agir (SANTOS, 2015). E, é por meio do pensamento por conceitos que podemos compreender a realidade e as nossas necessidades de forma ampla. Em outras palavras, por meio do pensamento por conceitos podemos tomar consciência de nosso próprio pensamento, de nossos motivos, de nossas ações, de nossa história pessoal e social, para que, assim, possamos decidir livremente o curso que desejamos imprimir às nossas vidas (AITA, 2014).

Concluimos que ao compreendermos os motivos que levam o sujeito a dizer determinada palavra podemos alcançar algum aspecto da linguagem interior, que estava condensado no pensamento antes que pudesse converter-se em linguagem exterior (SANTOS, 2015). Após essa exposição, Vigotski (2001) avança em sua discussão, anunciando o problema da consciência humana, que, segundo o autor, é mais vasto e profundo que o pensamento. “A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana.” (VIGOTSKI,

2001, p.486). Pensamento e linguagem são compreendidos como a chave para a compreensão da consciência, conseqüentemente, também do inconsciente.

Ao pensar nessa relação entre a linguagem e o inconsciente, Santos (2015) aponta um aspecto a ser considerado: “[...] o fato da linguagem interior, sempre que não consegue converter-se em significados que poderiam ser passíveis de representa-la em sua completude, é inconsciente.” (SANTOS, 2015, p. 153). Além disso, podemos compreender que o comportamento consciente se apresenta como a indissociável relação entre os processos de pensamento, sentimento e ação, isto é, o sentir-pensar-agir é a caracterização da consciência, logo, a quebra de algum desses processos seria a manifestação do inconsciente (SANTOS, 2015).

Santos (2015) nos lembra da importância de, ao assumirmos um aspecto como característico do inconsciente, devemos encontrar seu correspondente nas relações reais concretas que são anteriores a ele. A autora aponta que, a partir da concepção do inconsciente como aquilo que nos falta, que está oculto, podemos encontrar essas relações reais que sustentam o inconsciente, sendo elas a própria força produtiva. “A divisão do trabalho é reproduzida em nosso psiquismo e isso dificulta que a unidade que existe entre pensar, sentir e agir, que caracteriza a consciência, seja efetiva.” (SANTOS, 2015, p. 168). Portanto, para compreender o inconsciente é necessário compreender a categoria marxista da alienação¹⁴. Sendo essa uma categoria que permite compreender como o trabalho perde o seu caráter de constituinte do ser humano e ganha um aspecto estranho ao trabalhador. A alienação representa um distanciamento, um hiato entre o enriquecimento do gênero humano e a vida concreta dos indivíduos (MARTINS, 2011). Essa quebra na unidade pensar-agir-sentir é, portanto, resultado da organização social alienada, que rouba do indivíduo a sua humanidade, negando a possibilidade de reconhecer-se no outro (SANTOS, 2015).

Ora, compreendemos que é pela mediação da cultura que os aspectos inconscientes podem vir a tornarem-se conscientes; e a ausência dessa mediação faz justamente com que o conflito permaneça sem a resolução. Isso não encerra o conflito, pelo contrário: intensifica-o, cristalizando conteúdos inconscientes que resultam em uma forma de ser marcada pela restrição da capacidade de ação, pela limitação da potência de vida. É, portanto, somente pelo acesso aos bens coletivos que podemos superar essa situação. (SANTOS, 2015, p. 198).

¹⁴ Explicar esses conceitos em toda a sua profundidade não cabe nos limites desse trabalho. Para tanto se recomenda a leitura das obras: Konder (1965), Marx (2015) e Mezáros (2006).

Acreditamos que uma potente mediação da cultura para tornar os aspectos inconscientes em conscientes é a arte, portanto apresentaremos agora essa potencialidade utilizada no contexto da psicoterapia.

Vimos que uma das potencialidades do trabalho clínico está em analisar e compreender os motivos das ações do sujeito, ampliando sua consciência sobre o mundo e sobre si mesmo. A partir do conhecimento dos motivos de suas ações, o sujeito tem condição de agir com mais liberdade e autodomínio. O processo de tomar consciência de seu próprio pensamento e de suas próprias ações, de sua história pessoal e social, permite ao sujeito decidir com mais liberdade os rumos de sua própria vida (AITA, 2014). Nesse processo que vemos a arte como uma mediação privilegiada para potencializar o desenvolvimento humano.

Vigotski (1999) afirma que há muito mais estímulos que chegam ao nosso organismo do que a possibilidade de darmos vazão a eles, ou seja, há muito mais estímulos que chegam ao sistema nervoso central do que esse sistema é capaz de converter em aspectos conscientes, com significado. É nessa relação que Vigotski aponta a potencialidade da arte: ela pode dar vazão a esses conteúdos que não são significados, que afetaram o sujeito, mas que não se converteram em sentimentos e emoções passíveis de serem compreendidos pelo sujeito (SANTOS, 2015). Como já observamos em Vigotski (1999), a arte surge dessa necessidade de descarregar a energia que não conseguimos converter em “trabalho útil”, ou seja, essas afetações que não são convertidas em significados. A arte permite dar uma vazão livre para essa energia, a fim de equilibrar a nossa balança com o mundo.

Nesse sentido que vemos a arte como uma grande potencialidade no contexto da psicoterapia. O indivíduo busca a terapia muitas vezes para tentar lidar de uma forma mais saudável e autônoma com questões que lhe afligem e geram sofrimento, porém, muitas vezes, as palavras não permitem traduzir esses sentimentos incômodos. Nesse contexto que o psicólogo pode utilizar a arte para auxiliar nesse processo. Não à toa que Vigotski afirma que ao assistirmos uma peça temos a impressão que vivemos mil vidas, essa ampliação da vivência permite que o sujeito se veja em outras situações, outras vivências, e com isso possa encontrar soluções e vazões para as suas questões que antes não tinha consciência. Pois, “[...] da mesma forma que uma palavra evoca na minha consciência uma enorme gama de sentidos, uma obra de arte também é passível de fazê-lo.” (SANTOS, 2015, p. 191).

Essa relação da arte com o inconsciente e a psicoterapia, por sua vez, é indissociável das discussões acerca das emoções, tema que exploraremos com maior profundidade em nossa próxima seção. Mas, já adiantamos que compreender a temática das emoções nos permite

compreender como o inconsciente configura-se e atua no psiquismo. Por isso, consideramos relevantes trazer uma breve passagem sobre essa relação das emoções com o inconsciente.

Baseado em Freud, Vigotski (1999) afirma que o sentimento é sempre consciente, porque a essência do sentimento é justamente ele ser experimentado, logo, conhecido pela consciência, o sujeito percebe as alterações que são vivenciadas em seu corpo. Compreendemos, portanto, que sempre nos apercebemos de nossos sentimentos e afetações, o que é inconsciente é a significação, a ideia, dessa afetação. As representações que estão ligadas a esse sentimento podem ser inconscientes: é possível que exista sentidos sem significados correspondentes. Não são as emoções que são inconscientes, mas as suas representações capazes de explicar as sensações que sentimos. Aqui vemos a potencialidade da arte, que pode trazer uma outra forma de representar essas emoções para além da fala.

Nessa relação do inconsciente com a arte podemos ver como ele é eminentemente social, sem que com isso deixe de ser individual. Ao considerarmos que a arte é uma forma do sujeito expressar os seus sentimentos, dar uma significação e vazão para eles, e que essa produção é recebida como passível de explicar a realidade e de afetar também outros sujeitos, que também passam a ter uma significação e vazão para os próprios sentimentos, compreende-se, com isso, que o inconsciente de ambos os sujeitos contém elementos semelhantes, isto é, a base social (SANTOS, 2015).

Nesse sentido que vemos a potencialidade da arte no contexto da psicoterapia, pois vemos que ao entrar em contato com a obra de arte o sujeito pode trazer novas significações para a própria vida e que não estava conseguindo traduzir em palavras. Pois, conforme ampliamos o universo simbólico do sujeito, modificamos também a maneira como ele se relaciona com a realidade, provocando até mudanças na constituição de sua personalidade (AITA, 2020). Propiciando, com isso, uma mediação entre a vivência do sujeito e sua tomada de consciência sobre ela, levando a um processo de autoconhecimento e desenvolvimento de autonomia do sujeito.

Nesta subseção tivemos por objetivo apresentar as potencialidades do uso da arte no contexto da psicoterapia. Para atender tal objetivo, inicialmente apresentamos uma elaboração sobre a psicoterapia com base na teoria de Vigotski, a compreendendo como uma promotora do desenvolvimento da consciência. Com a possibilidade da conversão de aspectos inconscientes em conscientes. A partir daí, trouxemos também uma elaboração sobre o que seria o inconsciente na teoria de Vigotski: uma zona de sentido desprovida de significado. Para compreender essa elaboração, também abordamos os conceitos de significado e sentido, apresentando o primeiro como o significado mais geral e estável da palavra e o segundo como

a forma com que o sujeito lida individualmente com esse significado. Após essas formulações, pudemos compreender a importância das mediações para a conversão de aspectos inconscientes em conscientes, dentre elas, a arte. Que pode ser utilizada no contexto da psicoterapia para dar vazão e significado para aspectos da vida do indivíduo aos quais ele não encontrava significação nas palavras de seu cotidiano, permitindo que o indivíduo vislumbre novas formas de se atuar na realidade e de lidar com o próprio sofrimento. Essa relação da arte com o inconsciente e a psicoterapia, por sua vez, é indissociável das discussões acerca das emoções. Compreender o tema das emoções nos permite perceber como a arte propicia o desenvolvimento do psiquismo. Com isso, passaremos para a apresentação de nossa próxima seção, que objetiva trazer uma elaboração sobre o conceito das emoções na teoria de Vigotski.

3. TEORIA DAS EMOÇÕES COMO POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO DE DICOTOMIAS

Esta seção apresentará uma análise sobre a função psicológica da emoção na teoria de Vigotski. Inicialmente será realizada uma exposição e análise do manuscrito *Teoría de las Emociones – estudio histórico-psicológico*, escrito entre 1931 e 1933, em que traremos alguns significados apreendidos da obra. Nesse trabalho Vigotski tinha por objetivo elaborar as bases filosóficas de sua teoria científica dos afetos, para tanto, pretendia formular o conceito de afeto na obra de Espinosa no âmbito da ciência neuropsicológica de sua época. Porém, esta obra ficou inacabada, devido ao falecimento precoce do autor. Segundo Toassa (2009), o estudo das emoções perpassa todo o desenvolvimento da teoria de Vigotski, podemos observar desde o início de sua obra a questão da unidade entre a emoção e as demais funções psíquicas. No entanto, o livro em que Vigotski trata do tema diretamente é o *Teoria das Emoções*, portanto, consideramos relevante realizar esta nossa exposição dos argumentos utilizados pelo autor nesta obra, bem como de nossas interpretações sobre ela.

A seguir, apresentamos os resultados de uma pesquisa bibliográfica, do tipo metassíntese, empreendida a fim de verificar como a função da emoção vem sendo compreendida na teoria vigotskiana na atualidade. Tal discussão incorpora as elaborações posteriores, realizadas por seus continuadores e estudiosos, para, com isso, trazer as nossas considerações e análises sobre o tema apoiadas no referencial teórico contemporâneo.

3.1 O livro *Teoria das Emoções de Vigotski*

Seguindo a tradição vigotskiana, o autor inicia o seu manuscrito com uma análise crítica das principais teorias que, na época, abordavam o tema das emoções, especialmente as teorias de William James e Carl Lange. Considera que, embora tenham se desenvolvido de forma independente, sem se corresponderem, ambas chegaram a conclusões semelhantes, se configurando como teorias, em sua essência, iguais. Tais teorias foram desenvolvidas na mesma época e ficaram conhecidas como teoria organicista das emoções.

Vigotski (2004) aponta que James e Lange destacaram as raízes materiais, puramente fisiológicas dos estados psíquicos. A novidade que tal teoria trazia na época foi a de considerar as reações fisiológicas que acompanham os estados emocionais, o choro, o tremor, a palpitação, como fonte das emoções. Desse modo, esses autores propõem como causa das emoções, o que antes era considerado sua consequência. James chega a afirmar que “estamos

angustiados porque choramos” (apud VIGOTSKY, 2004, p. 22, tradução nossa). Ao que Vigotski (2004) se contrapõe frontalmente, afirmando que choramos de tristeza ou de alegria, ou devido a uma grande raiva ou um sentimento de ternura. Com isso, aponta que tal teoria reduz as emoções a uma sensação vaga, indiferenciada e global de um estado orgânico geral.

A fim de contrapor a teoria organicista, Vigotski (2004) apresenta pesquisas desenvolvidas por Cannon: por mais profundas e importantes que sejam as modificações orgânicas no plano biológico, elas são notavelmente semelhantes nas mais diversas emoções e mesmo nas mais contrárias do ponto de vista da experiência – podemos chorar de tristeza ou de alegria. Outra questão observada é que as reações orgânicas não dependem do tipo de emoção que se está sentido, mas sim da intensidade destas. Conclui, assim, que a “reação orgânica” apontada por James como o núcleo das emoções, muitas vezes pode não ter nada a ver com uma emoção. Como a reação de um exercício físico intenso, por exemplo, pode ser muito semelhante à reação da irritação.

Após trazer esses apontamentos Vigotski (2004) se fez dois questionamentos: 1) existe a possibilidade de uma emoção aparecer sem suas manifestações corporais? 2) É possível aparecer uma emoção unicamente provocada por suas manifestações corporais artificiais?

Para responder a primeira questão Vigotski (2004) recorre a estudos desenvolvidos por Sherrington em cachorros de laboratório, em que o pesquisador eliminou cirurgicamente as reações orgânicas das emoções, seccionando as conexões do cérebro com os órgãos internos e concluiu que: “o cérebro continua a produzir reações emocionais, mesmo depois de ter sido separado dos órgãos internos e dos principais grupos musculares do esqueleto” (VIGOTSKY, 2004, p. 31, tradução nossa). Desse modo, pois, observou-se que não se modificaram os comportamentos dos animais, que a reação emocional não deixou de aparecer, demonstrando que as manifestações orgânicas não são suficientes para o surgimento das emoções.

Para responder a segunda questão, Vigotski (2004) recorreu aos experimentos de Maraño, que realizou suas investigações em humanos, que, diferentemente dos animais, poderiam comentar como estavam se sentindo durante os experimentos. Maraño aplicava uma injeção de adrenalina na corrente sanguínea das pessoas, a fim de produzir os mesmos fenômenos orgânicos característicos das emoções intensas, porém, verificou que não se provocou nos sujeitos a experiência emocional. Pela característica propriamente humana da introspecção, o investigador pode verificar características objetivas e subjetivas, ao que os sujeitos investigados constataram a ausência de emoção com a injeção de adrenalina, apesar das modificações orgânicas terem se evidenciado. Assevera, assim, que essas manifestações

se experimentavam como sensações, os sujeitos percebiam as modificações corporais, mas não como emoções.

A partir desses experimentos Vigotski (2004) apontou que há uma associação entre os aspectos psíquicos e somáticos da reação emocional, pois um aspecto, psíquico ou somático, poderia propiciar ou facilitar o desenvolvimento do outro. Isso levaria a produção do afeto integral e, aponta, com isso, que os aspectos psíquicos e somáticos das emoções mantêm uma estreita relação. Com isso, podemos chegar ao conceito que Vigotski (2004) denominou de **afeto íntegro**, que seria a união dos aspectos psíquico e somático, sendo na intersecção desses dois aspectos que nasce o verdadeiro fenômeno emocional. Enfatiza assim, a percepção monista de unidade entre mente e corpo, pois, o fato das emoções se manifestarem corporalmente nos mostra que a unidade entre esses dois aspectos é indiscutível.

A partir desses experimentos Vigotski (2004) aponta uma inconsistência na teoria de James e Lange, que talvez seja o único elemento seguro de toda a teoria, pois ela aponta que a emoção não é uma soma de sensações das reações orgânicas, mas, principalmente, uma tendência a atuar em uma direção determinada. Observamos aqui o germe da teoria das emoções de Vigotski, em que o autor aponta que as emoções têm esse papel de direcionar nossas ações, trazendo o papel motivacional fundamental das emoções.

Se nos lembrarmos da definição de afetos, citada acima, que aparece na *Ética* [teoria das paixões de Espinosa], é inevitável ver que a evidência experimental dessa influência dinâmica das emoções, que leva o indivíduo a um nível superior de atividade, constitui, por outro lado, a prova empírica da ideia de Espinosa; ideia que entende por afeto os estados corporais que aumentam ou diminuem a capacidade de ação do corpo, a favorecendo ou a limitando, bem como as ideias que se tem desses estados. (VIGOTSKY, 2004, p. 16, tradução nossa).

Para colocar um ponto nessa controvérsia da teoria James-Lange é necessário observar os estudos clínicos da psicopatologia. Vigotski (2004) apresenta, então, casos de manifestações patológicas de risadas e choros, as manifestações eram o contrário das emoções sentidas pelos pacientes, observando, com isso, a falta de relação entre as manifestações orgânicas e as emoções sentidas.

Após essa exposição, Vigotski (2004) indica a impossibilidade de continuar apresentando críticas à teoria de James e Lange, pois confirmar ou rechaçar essa teoria se mostrou insuficiente e aponta o caminho de criar uma nova teoria para os novos fatos, de modo a incorporar os fatos reais da teoria James-Lange e superar os erros. Nessa direção, Vigotski (2004) afirma que, ao longo da história, nenhuma teoria conseguiu refutar completamente a teoria organicista de James e Lange.

Um ponto de reflexão se apresenta, a nosso ver: fazemos coro com essa percepção de Vigotski, embora hoje nos pareça um tanto absurda a afirmação de que estamos tristes porque choramos, ao mesmo tempo afirma-se que estamos tristes, ou com depressão, porque nos falta serotonina no cérebro, não seria essa a mesma lógica da teoria organicista? Esse entendimento de que a depressão estaria associada à baixos níveis metabólicos de serotonina surge com as teses que entendem os transtornos mentais como desequilíbrios químicos no sistema nervoso central, que podem ser corrigidos pelo uso de medicamentos (ANGELL, 2011).

A nós, nos parece uma tese semelhante a organicista, pois coloca que a questão orgânica antecede o sujeito, pontua uma lógica de que temos depressão porque nos falta serotonina e que essa disfunção poderia ser corrigida com o uso de medicamentos. Aqui, defendemos o entendimento da lógica oposta, primeiro ficamos tristes ou temos depressão, para, em consequência, talvez nos faltar a serotonina no cérebro. Pontuamos, porém, que ainda que não se resumam ou limitem aos aspectos biológicos, as emoções não prescindem dele.

Whitaker (2017) elabora um estudo muito interessante sobre o assunto, em que mostra a forma como essas teorias do desequilíbrio químico foram desenvolvidas. Nos anos 1950 começou-se a descobrir diversos medicamentos capazes de alterar comportamentos tidos como sintomas de transtornos mentais, a partir desses efeitos práticos verificados iniciaram-se pesquisas para explicar a reação neurobiológica de seu funcionamento (WHITAKER, 2017). Poderíamos afirmar que a depressão e os efeitos de suas medicações foram explicados de forma análoga a afirmar que a dor de cabeça seria falta de aspirina no cérebro. Com isso, hoje encontramos estudos que questionam esse papel atribuído à medicação e as próprias teses que a fundamentam, inclusive indicando o papel iatrogênico para os usuários, o que contribui com a cronicidade e a dependência desses medicamentos, que muitas vezes apenas “abafam” as manifestações psíquicas alteradas, sem conseguir de fato trata-las (ANGELL, 2011; WHITAKER, 2017).

O tema da medicalização¹⁵ da vida e a tentativa de alteração exclusivamente biológica das emoções nos remete também à política da felicidade compulsória, hoje muito difundida pelas redes sociais. Tal prática tem como fundamento uma concepção idealista das emoções, que é expressa na ideia de que basta “querer” ou “pensar positivo” para ser feliz. Refuta assim, a expressão e a sensação de emoções consideradas desagradáveis, como a tristeza e a

¹⁵ Conceito definido como “processo de apropriação e normatização de crescentes aspectos da vida social pela medicina” (ALMEIDA; GOMES, 2014, p. 156-157). Ou seja, a medicalização transforma problemas sociais em biológicos e individuais, além de estender a normatização da vida, com padrões de normalidade do corpo e do comportamento (ALMEIDA; GOMES, 2014).

raiva. Observamos, com isso, a hipervalorização de algumas emoções, das entendidas como “positivas”, em detrimento das emoções “negativas”, e entendemos que essas diferentes valorizações tem um papel importante na manutenção do status quo.

Portanto, concluímos que as dificuldades em lidar com a questão das emoções, apontadas por Vigotski em seu manuscrito, há quase um século, continuam muito atuais. É fato que ainda hoje não sabemos lidar com as emoções, expressa em novas dificuldades contemporâneas, como a felicidade compulsória. Junto com Vigotski (2004) apostamos que essas dificuldades advêm justamente do potencial emancipador que as emoções têm. As emoções expressam a forma como a realidade nos afeta, portanto, compreender essas emoções é compreender como a realidade está nos afetando. E, a partir desse entendimento, podemos transformar a realidade que nos afeta. Negar a tristeza, trata-la com medicação, fazer de conta que estou feliz, são, portanto, instrumentos muito fortes de manutenção do status quo. Se me sinto triste e percebo que a causa real dessa tristeza é o contexto no qual estou inserido, devo modificar esse contexto para afastar essa emoção. Com isso, reforçamos aqui o objetivo de nosso trabalho: suscitar e trabalhar as emoções a partir da arte como possibilidade de tomada de consciência da própria realidade.

Vigotski (2004) já nos apontava os caminhos para lidar com tal situação. Inicialmente, o autor afirma que a teoria das emoções não avançou nas últimas décadas, e que tal problema não é encontrado nos estudos das outras funções psicológicas, como percepção, memória, pensamento, porque estes últimos traçaram uma via de estudo verdadeiramente científico e psicológico. Para Vigotski (2004) a forma de superar tal questão é descobrir o pensamento filosófico que embasa as investigações científicas da vida afetiva, e aponta que é importante ter consciência dessa base filosófica, sendo essa uma das tarefas fundamentais do estudo apresentado por ele.

Para falar com mais clareza, nosso objetivo é criar os primeiros fundamentos de uma teoria psicológica dos afetos que seja plenamente consciente de sua natureza filosófica, que não tenha medo de fazer as mais altas generalizações, adequadas à natureza psicológica das paixões, e que seja digno de se tornar um dos capítulos da psicologia humana, talvez até mesmo seu capítulo principal. (VIGOTSKY, 2004, p. 58, tradução nossa).

Com isso, Vigotski (2004), afirma que a teoria espinosana das paixões pode apresentar um real interesse histórico para a psicologia contemporânea, sendo essa marcadamente a base filosófica que Vigotski irá desenvolver em sua teoria das emoções. Tal filosofia irá ajudar a psicologia moderna “no que é mais fundamental e capital”, ou seja, a formação de uma ideia de ser humano que serve de modelo da natureza humana (VIGOTSKY, 2004, p. 59).

Porém, antes de apresentar as bases filosóficas da teoria de Espinosa, Vigotski (2004) propõe-se a apresentar a teoria das reações emocionais que ele considera ser a mais aceita atualmente, que é a teoria talâmica das emoções. Seu argumento reside na busca de verificar o que há de verdadeiro e falso na antiga (teoria organicista) e na nova (teoria talâmica) teoria das emoções. “A nova teoria, como a de James e Lange, parte do fato de que existe uma relação estreita entre sensações e emoções” (VIGOTSKY, 2004, p. 60, tradução nossa).

Para definir esta fusão da sensação e do sentimento vivida diretamente, K. Stumpf (apud VIGOTSKI, 2004) introduziu o termo de “sensação do sentimento”, e para explicá-lo Vigotski (2004) exemplifica a sensação de dor. Pode-se dizer de maneira falsa e lógica o seguinte: a dor é a sensação sensível (a), que é acompanhada de um afeto determinado, o sentimento da dor (b). No entanto, outra coisa muito diferente é a vivência real e efetiva: não é (b) que acompanha (a), se não que as vivências (b) e (a) são uma só e a mesma coisa.

Para a explicação neurológica da teoria talâmica, temos que: a região do tálamo no sistema nervoso é o centro principal das funções sensoriais e da vida afetiva elementar, indiscutivelmente associada às sensações, ou seja, esta região constitui o centro das reações viscerofetivas. “O que é fundamentalmente novo nesta variante da teoria talâmica das emoções é a ideia de uma interação do córtex cerebral e do tálamo óptico como um substrato fisiológico real dos processos emocionais.” (VIGOTSKY, 2004, p. 63, tradução nossa). Aponta assim, para a unidade dessas sensações fisiológicas/corpóreas/emocionais e a vivência psicológica dessas.

O autor apresenta ainda as críticas que essa teoria recebeu, com o intuito de revelar a verdadeira capacidade de convicção desse argumento em comparação com a força dos argumentos opostos. Assim, a primeira objeção consiste em mostrar que a teoria talâmica não apresenta qualquer análise psicológica das emoções.

A resposta a essa objeção permite, de fato, por um lado, explicar o ponto essencial da nova teoria e, por outro, consolidar melhor sua argumentação factual. A nova teoria aceita plenamente a definição de emoção dada por James, ou seja, uma certa tonalidade sensível associada à mera percepção. O único tópico de discussão é a fonte das emoções. A velha teoria situa essa fonte na sensação das manifestações corporais, a nova teoria considera que essa qualidade específica está associada à percepção como resultado da atividade do tálamo óptico. (VIGOTSKY, 2004, p. 71, tradução nossa).

A nova teoria não defende que o tálamo óptico é o centro das experiências afetivas, mas que ele deve ser considerado como a fonte dessas experiências, assim como as alterações na retina são a fonte das sensações visuais. O que diferencia a nova teoria da antiga é que esta admitia a localização das experiências afetivas no nível cortical, enquanto que a nova as

colocava no nível subcortical. Porém, Vigotski aponta que essa diferença só pode ser imputada aos adeptos mais exagerados da teoria talâmica, mencionados acima. Na versão da nova teoria desenvolvida por Cannon, Bard, etc. (apud VIGOTSKI, 2004), é precisamente neste ponto que ambas as teorias convergem totalmente. Em ambos estão implicados processos emocionais como o substrato fisiológico da consciência emocional, mas sua causa específica, sua fonte específica, é o substrato das operações intelectuais, e ambas as teorias os localizam distintamente. Uma vê essa fonte nas mudanças periféricas e a outra nos processos centrais. “Assim, na nova teoria, as interações entre os centros corticais e subcorticais são consideradas a base real da emoção.” (VIGOTSKY, 2004, p. 72, tradução nossa). Aqui já observamos a posição unitária de Vigotski em relação aos processos intelectuais e afetivos, os considerando como uma unidade.

Na polêmica que opõe os adeptos da velha e da nova teoria, essa questão apareceu como um problema relacionado à correlação entre o comportamento emocional e a experiência emocional, ou seja, entre os aspectos subjetivos e objetivos da emoção. Segunda a teoria de James-Lange, esses dois aspectos são sempre inseparáveis. Já a nova teoria explica a existência de uma ligação entre eles e a possibilidade da existência separada de elementos periféricos e centrais das emoções.

Vigotski (2004) apresenta alguns aspectos de vantagem da nova teoria, o primeiro refere-se à explicação dada para as chamadas emoções superiores ou mais refinadas. A antiga teoria só se detinha a estudar as “emoções inferiores”, aquelas semelhantes às dos animais e que têm manifestações fisiológicas mais fortes. O próprio James concorda que a sua teoria não pode explicar adequadamente as emoções superiores. Porém, ele nega essa afirmação ao relacionar as emoções superiores aos estados de consciência intelectuais, e não emocionais, afirmando que as emoções só o são quando revelam os sinais obrigatórios de emoções grosseiras, ou seja, uma excitação corporal e uma origem periférica. Com isso, James se recusa a ver uma diferença de princípio entre emoções inferiores e superiores, revelando o dualismo na interpretação de James das emoções, as considerando como um processo passivo.

Vigotski refuta essa concepção de James ao evidenciar que os elementos do processo emocional são justamente a motivação, a tendência para a ação, o impulso. Assim, as nossas emoções são motivações muito fortes que influenciam o nosso comportamento.

A presença de impulsos potentes que aparecem na parte do cérebro que não está vinculada à consciência cognitiva, e que, graças a eles, suscitam, por um meio cego e autônomo, uma forte emoção, explica que esse tipo de emoção não pode estar contida na sensação. Ao experienciar as emoções, parecemos submetidos a uma

força externa que nos obriga a atuar sem que meçamos as consequências da nossa conduta. (VIGOTSKY, 2004, p.77, tradução nossa).

Evidencia-se aqui os elementos da unidade afetivo-volitiva já abordada por Vigotski em sua obra *Psicologia da Arte*, lembrando, que “no sentimento existe o embrião da vontade”. Observa-se, com isso, que a teoria organicista, por ter reduzido as emoções a processos periféricos refletidos no cérebro, criou um abismo entre as emoções e o resto da consciência. Separação que Vigotski almeja superar. Para tanto, o autor apresenta a “teoria do duplo controle”, que pressupõe a existência de um duplo controle – cortical e talâmico – dos processos corporais.

Para aumentar a credibilidade da nova teoria, Vigotski (2004) analisa duas objeções à teoria organicista que James tentou examinar e refutar. Aponta que James dá uma resposta contraditória, ambígua e, em última análise, insatisfatória a eventuais objeções. A primeira objeção se refere ao problema da representação cênica, da encenação das emoções: James reconhece que “[...] certas pessoas são capazes de dissociar totalmente as emoções de suas expressões” (VIGOTSKI, 2004, p. 79). E a outra objeção se refere ao fato de que, às vezes, ao reprimir a manifestação de uma emoção, a reforçamos. “A raiva sufocada pelo medo se transforma em ódio dos mais intensos. Pelo contrário, a expressão livre das emoções traz alívio”. (JAMES apud VIGOTSKI, 2004, p. 79). Ao tentar refutar essas objeções, Vigotski (2004) observa que James, por um lado, nega a manifestação das emoções, por outro, aponta que durante sua repressão voluntária a expressão das emoções não pode acabar e encontra saída por outras vias, o que prova a transformação de uma emoção em outra.

A partir dessas objeções podemos chegar aos fundamentos da teoria do duplo controle:

Os músculos esqueléticos são governados por duas instâncias – a cortical e a talâmica. Por exemplo, podemos rir espontaneamente de uma situação engraçada (riso talâmico), mas também podemos rir como consequência de um ato voluntário (riso cortical). Também está claro que os órgãos internos dependem exclusivamente do manejo talâmico. Por um ato direto da vontade, não podemos fazer com que o açúcar no sangue aumente, a frequência cardíaca acelere ou interromper a digestão. (VIGOTSKY, 2004, p. 80, tradução nossa).

Assim, a partir do entendimento do “duplo controle”, Vigotski aponta que os neurônios corticais, em condições normais, podem dominar e não dar aos neurônios ativados do tálamo óptica liberdade para agir. Por isso, é possível um conflito entre os controles superiores e inferiores das funções corporais, como quando rimos e choramos ao nosso pesar. Vigotski aponta ainda, que o córtex só pode inibir funções corporais que, em condições normais, estão sob o controle da vontade. Com isso, Vigotski explica a segunda objeção

apresentada por James, ao afirmar que a repressão pelo córtex da manifestação externa pode levar a um enfraquecimento das alterações internas, que seriam mais fortes se fossem acompanhadas por uma manifestação livre de emoções. “No entanto, no caso de um conflito entre o controle cortical e a atividade dos centros talâmicos independentes do córtex, as manifestações internas podem atingir uma força considerável.” (VIGOTSKY, 2004, p. 80, tradução nossa).

A partir da explicação da teoria do duplo controle podemos elaborar uma importante explicação para situações verificadas nos atendimentos psicoterápicos, situações em que os pacientes possuem emoções, aparentemente, autônomas que tomam o controle de seu comportamento, como, por exemplo, em crises de ansiedade. Entendemos que essas emoções que não possuem “vazão no córtex”, quer dizer, que não possuem uma “explicação”, uma inteligibilidade, não entram no campo da cognição do sujeito, ficando apenas nessa “sensação sem explicação” da excitação talâmica. Com isso, é gerada uma inibição cortical dessa emoção, gerando um conflito interno nos sentidos da pessoa. E quando essa “inibição cortical” é suspensa, ou seja, quando encontramos a inteligibilidade da sensação, quando conseguimos trazer para o campo da cognição, quando conseguimos explicar tal sensação, esse conflito é resolvido rapidamente. Podemos observar casos assim em nossos atendimentos clínicos, o paciente possui uma ansiedade difusa, que não consegue explicar, apenas tem as sensações autônomas e desagradáveis de aceleração do coração, sudorese, tremores, e quando ele consegue explicar porque está tendo essas reações, quando encontra a inteligibilidade dessas reações, quando elas entram no campo da cognição, a inibição do córtex se dissolve e o conflito é resolvido. “As duas instâncias de controle que até então se opunham passam a colaborar.” (VIGOTSKY, 2004, p. 81, tradução nossa).

Em nossa experiência, de atendimento psicológico clínico, também observamos uma importante relação entre os conceitos de “sentido” e “significado”, elaborados por Vigotski e já abordados aqui anteriormente¹⁶. Como Vigotski apontou, as emoções não são inconscientes, pois sempre às experimentamos, o que pode ser inconsciente é a significação dessa afetação. Ou seja, lembrando, é possível que existam sentidos sem significados correspondentes. Nos parece adequado relacionar esses sentidos sem significados às excitações talâmicas, e a integração do sentido com o significado corresponde ao domínio cortical¹⁷.

¹⁶ Discussão sobre “sentido” e “significado” abordada na seção 2.2, pp. 41-41.

¹⁷ Parece-nos que, ao paciente conseguir encontrar o significado para a situação em que está vivendo, ou seja, quando o sentido pessoal e o significado se encontram, ele toma consciência verdadeiramente da situação em que

Após essa exposição sobre as teorias talâmica e do duplo controle, Vigotski (2004) retoma a questão das bases filosóficas da teoria das emoções, e, infelizmente, não retoma em seu manuscrito, a abordagem dessas duas teorias tão importantes e, brevemente, abordadas. A fim de explicitar a base filosófica de Espinosa, em sua própria teoria, Vigotski (2004), inicialmente, delimita qual é a base filosófica da teoria organicista de James e Lange, se contrapondo a ideia de que a base dessa teoria seria a filosofia de Espinosa. Ideia esta que se baseia em um erro anterior, a ideia de um parentesco interno e de uma herança histórica entre a teoria das paixões de Descartes e a de Espinosa.

Vigotski (2004) aponta que é certamente um fato que, historicamente, a visão de mundo de Espinosa se desenvolveu na dependência direta da filosofia de Descartes, porém a visão de Espinosa se contrapõe à de Descartes e a supera. Assim, a teoria de Espinosa não é uma evolução da teoria de Descartes, mas sim uma revolução. Vigotski (2004) defenderá que Espinosa não é um autêntico cartesiano. Na história da teoria das paixões de Espinosa, ele produziu duas obras, o *Tratado Breve* e a *Ética*, a primeira é de bases cartesianas, já a segunda revela originalidade absoluta. Porém, Vigotski (2004) discorda que o primeiro livro concorde com as ideias de Descartes, ainda que tenha mais semelhança com elas do que o segundo. Assim, pontua que já supera a filosofia cartesiana desde o primeiro livro: “[...] Espinosa não explica as paixões pela união da alma e do corpo, mas simplesmente as considera fenômenos psíquicos exclusivamente condicionado pelo modo de nosso conhecimento.” (VIGOTSKY, 2004, p. 88, tradução nossa). A partir de seus estudos, Vigotski afirma que Espinosa desenvolve, essencialmente, uma concepção materialista do mundo.

Se, em Descartes, o problema das paixões é antes de tudo um problema fisiológico, assim como o da interação da alma e do corpo, em Espinosa, por outro lado, esse mesmo problema é, desde o início, o da relação entre pensamento e afeto, conceito e paixão. No sentido absoluto do termo, é o outro lado da lua que não é visível na teoria de Descartes. (VIGOTSKY, 2004, p. 89, tradução nossa).

Vigotski (2004) aponta que Espinosa conseguiu superar as questões elaboradas por Descartes de uma forma materialista, lembrando que o objetivo do materialismo autêntico não é contornar os problemas colocados pelo pensamento idealista, mas resolver esses problemas

está vivendo, encontra sua inteligibilidade, e, com isso, pode desenvolver o seu autodomínio da própria conduta. Ou seja, consegue converter aspectos que antes eram inconscientes em conscientes. E, com isso, ter mais controle sobre as escolhas e situações vividas. Como, por exemplo, paciente que está passando por um relacionamento abusivo, e vai investigando essa questão em terapia, parece-nos que quando se apercebe do significado do que lhe ocorre – significação que vai para além de nomear a situação vivida, mas perpassa compreender as suas determinações e razão de ser – é que consegue ter maior autonomia de atuar sobre a situação.

de um ponto de vista materialista. Espinosa se opõe à teoria de Descartes no ponto sobre a teoria da natureza psicofísica do afeto, negando os dualismos cartesianos.

A partir da contraposição de Espinosa à Descartes, Vigotski (2004) afirma que a teoria de James-Lange não tem relação com a teoria das paixões de Espinosa, mas com as ideias de Descartes. Observa que “Ao elucidar os erros históricos do pensamento psicológico, abrimos o caminho que leva ao conhecimento da verdade sobre a natureza psicológica das paixões humanas.” (VIGOTSKY, 2004, p. 94, tradução nossa).

Com isso, Vigotski (2004) tenta demonstrar que a teoria das paixões de Descartes é realmente a fonte da teoria de James-Lange. Enfatiza que Descartes defendia a mesma posição de James e Lange, mas não se contenta em sustentar a opinião de que a emoção é causada por uma modificação física. A partir de sua teoria de que existem seis paixões primordiais, o filósofo tenta provar a existência de um conjunto particular de estados orgânicos que contribuem para o aparecimento de cada uma delas. Com isso, Vigotski (2004) afirma que Descartes é o verdadeiro pai da concepção mecanicista do mundo na ciência contemporânea e, em particular, na psicologia.

Neste momento do manuscrito Vigotski (2004) se detém em examinar a questão do fundamento cartesiano da teoria James-Lange – fundamento este ignorado pelos próprios autores da teoria. Observa assim, que a teoria das paixões de Descartes representa, em todo o seu sistema, o único ponto de intersecção da sua doutrina espiritualista a respeito do espírito e sua doutrina mecanicista a respeito dos corpos, pois as paixões são o único fenômeno em que somos capazes de conceber plenamente a dupla natureza do humano, a vida comum da alma e do corpo.

Para Descartes, o corpo humano é uma máquina articulada e nesta máquina existe um elemento de importância absolutamente excepcional. Esta é a sede da alma, ou seja, o órgão especialmente unido à alma, por meio do qual se comunica com todo o organismo. O órgão da alma de Descartes é a glândula pineal. Sendo o local onde existe uma verdadeira interação entre a alma e o corpo. Pontua aqui o primeiro dualismo fundamental da teoria de Descartes, da separação entre o corpo e a alma. E a partir desse entendimento Descartes formula a teoria de que a paixão nada mais é do que a percepção das modificações viscerais, sendo esta, uma coincidência impressionante entre as teses fundamentais da teoria cartesiana e a teoria organicista das emoções.

Vigotski (2004) apresenta uma objeção elaborada por Spranger para questionar as afirmações da teoria organicista das emoções e as explicações naturalistas das coisas: “Não é perfeitamente claro que, do ponto de vista de uma explicação real dos fatos psicológicos, esta

fórmula tem o mesmo valor cognitivo que a afirmação: Sócrates estava na prisão porque os músculos de suas pernas se contraíram e relaxaram e, portanto, eles o levaram lá?” (VIGOTSKY, 2004, p. 122, tradução nossa). Observamos, com isso, como as teorias organicistas matam a vontade dos sujeitos e, em última instância, a sua singularidade e intencionalidade.

Depois de abordar sobre o dualismo mente e corpo na teoria de Descartes, Vigotski (2004) apresentará outro dualismo famoso na teoria do filósofo, ao qual ele também se contrapõe, que é a separação entre razão e emoção, dualismo também evidente na teoria de James e Lange. Ambos veem as emoções como fenômenos rudimentares, patológicos, acidentais e inexplicáveis e acham que estas estão destinadas a acabar com a evolução da humanidade. Teoria anteriormente elaborada por Descartes, que entendia o humano como “o ser da razão” e que a evolução humana estava destinada a suprimir as emoções.

Assim, de acordo com o espírito da tese fundamental da teoria, as emoções devem ser referidas ao período pré-histórico mais distante, ao período pré-humano da evolução psíquica. No homem, eles desempenham apenas o papel de rudimentos, vestígios absurdos da herança sombria dos ancestrais animais. Na história da psique humana, não só é impossível qualquer perspectiva sobre o desenvolvimento das emoções, mas, ao contrário, elas estão condenadas à regressão contínua e, em última instância, à morte. (VIGOTSKY, 2004, p. 135, tradução nossa).

Fundamentado nessa concepção das emoções como funções a serem superadas pela razão, Lange teoriza que a função da educação é ensinar os seres humanos a dominarem os seus sentimentos: “‘A educação’, diz Lange, ‘funciona na mesma direção; o objetivo da educação é sempre ensinar o indivíduo a dominar, domar e aniquilar os impulsos que são o efeito imediato de sua organização física, mas inaceitáveis nas relações sociais.’” (VIGOTSKY, 2004, p. 130, tradução nossa). Assim, desde a infância, aprendemos a dominar nossos reflexos emocionais como aqueles que não são permitidos em uma sociedade educada. Lange opunha a emoção ao intelecto, considerando o último superior a primeira e que o desenvolvimento na sociedade implicaria no desaparecimento das emoções (VIGOTSKI, 2004). Aqui Vigotski (2004) apresenta o desenvolvimento de teorias machistas e racistas de Lange, em que este teórico entende que as mulheres e os povos considerados “menos civilizados” estariam mais sujeitos às emoções e suas descargas descontroladas que os homens ou as populações consideradas “mais civilizadas”.

Além de entenderem as emoções inferiores à razão, a teoria de James e Lange também separa as emoções de nossa consciência. Essa teoria separa as emoções do cérebro e as localiza na periferia, ligada às modificações periféricas dos órgãos internos e músculos,

criando para as emoções um substrato orgânico diferente, separado do substrato material do resto da consciência (VIGOTSKI, 2004).

Vigotski se contrapõe a essas duas concepções, pois entende que devemos ver **a emoção e a razão como uma unidade** e que as emoções não devem ser superadas, mas sim compreendidas e desenvolvidas. Na defesa dessas suas concepções Vigotski (2004) aponta que a relação entre a emoção e sua expressão se torna menos fixa e imutável à medida que o organismo se desenvolve, afastando-se de formas de reação instintivas e estereotipadas. Ou seja, em sua inserção na cultura, na linguagem, **a emoção se desenvolve**, pode se transformar nessas interações. Assim, as reações emocionais mais complexas (sendo essas as mais sutis), que não estão associadas a uma reação específica, admitem expressões diferentes, e, com isso, tal expressão perde sua relação direta com o elemento que desencadeou a emoção, circunstância que pode explicar por que choramos de alegria e de tristeza.

Além disso, Vigotski faz uma defesa de que **as emoções são fundamentais para a formação da imagem subjetiva**, pois ela só se forma mediante uma relação particular entre o sujeito e o objeto, isto é, somente sob a condição de que o objeto afete o sujeito. Então, a referida imagem conterá, além das propriedades do objeto, as singularidades da relação do sujeito com ele. Assim sendo, qualquer relação entre sujeito e objeto terá componentes afetivos. Entender a dialética entre os processos cognitivos e afetivos é requisito metodológico para a compreensão da atividade humana como unidade afetivo-cognitiva e, igualmente, o primeiro passo para o estudo materialista histórico-dialético das emoções e sentimentos (MARTINS; CARVALHO, 2016).

Nessa perspectiva, para Vigotski, as emoções aparecem interligadas a outros fenômenos psicológicos, como a imaginação e o pensamento, mas não como epifenômenos ou fenômenos auxiliares: assumem um papel ativo, que desencadeia ações e não somente são desencadeadas por elas. A partir disso, eliminam-se as cisões entre o interno e o externo e entre imaginação e pensamento realista para, numa perspectiva marxista, criar vínculos entre essas duas realidades emocionalmente experimentadas.

Vigotski (2004) observa ainda que a cisão entre razão e emoção priva as emoções de qualquer papel eficiente e ativo no comportamento, as excluindo de qualquer participação no desenvolvimento geral da consciência. Dessa forma, a referida tese não possibilita diferenciar as emoções humanas das dos animais. Com isso, Vigotski (2004) aponta que a questão específica da nova teoria das emoções é justamente a **necessidade de superar esses princípios cartesianos** aqui observados.

Apresenta então, a necessidade de superar a abordagem dualista da vida afetiva, propondo compreender o **afeto como uma reação psicofisiológica completa**, que inclui uma experiência emocional e um comportamento de uma determinada categoria, e que apresenta uma unidade entre os aspectos aparentes e objetivos. Não teria como essa posição de Vigotski não conflitar com a teoria de James-Lange, pois esta, por sua própria essência, exclui uma concepção monística das emoções como impulsos energéticos e motivacionais que determinam a experiência emocional e o comportamento. Desse modo, compreender as emoções como esse processo dinâmico em estreita relação com o comportamento exclui a concepção das emoções como simples percepções sensoriais das funções viscerais. Por isso, Vigotski (2004) aponta que a emoção deve ser entendida como um elemento indispensável que participa das descargas nervosas e que, de uma forma ou de outra, determina o caráter das reações. “Por fim, o último argumento é o testemunho da experiência direta: ela nos convence de que a paixão nos move, que dá energia aos nossos pensamentos e ações. Estamos cientes de que a emoção e o sentimento nos ativam.” (VIGOTSKI, 2004, p. 141, tradução nossa).

Com essas observações, Vigotski (2004) conclui que o monismo é a alternativa frente à doutrina cartesiana das emoções. O autor observa que tudo se desenvolve de forma lógica na teoria dualista enquanto eles podem considerar espírito e corpo de formas separadas, porém, no momento em que esses dois se encontram no ser humano, isto é, na paixão, o inexplicável toma conta dessa doutrina. Lembra, ainda, que essa inconsistência da teoria de Descartes foi atacada em primeiro lugar por Espinosa. Depois dessa exposição, Vigotski (2004) nos apresenta os problemas do espiritualismo e do naturalismo de Descartes, mostrando que ele não conseguiu superar os problemas da relação mecânica que ele mesmo estabelece entre a alma e o corpo.

A fim de elucidar as questões da relação da teoria de Descartes com a teoria periférica das emoções, Vigotski (2004) vê a necessidade de abordar uma terceira questão: compreender em que medida o princípio espiritualista, diretamente ligado na doutrina cartesiana ao princípio mecanicista, junta ou separa ambas as teorias. Com o objetivo de resolver essa questão, o autor abordará a relação entre as duas doutrinas entre emoção e outros processos psíquicos.

Vigotski (2004) começa pela teoria de Descartes, em que o problema da relação entre as paixões e a vontade ocupa o lugar central. Descartes admite a existência de um livre arbítrio absoluto e ilimitado. A doutrina cartesiana enuncia que a vontade é mais importante do que a razão; a razão é limitada, pois muitas coisas são inacessíveis ao seu entendimento. Em contrapartida, não há nada que a vontade não possa aceitar afirmativa ou negativamente,

ou com indiferença. “Da ideia de uma vontade original, absoluta, que nada se limita e que não obedece a nenhuma lei natural, deriva também a sua relação com as paixões. Como vimos, Descartes explica a origem da paixão de maneira puramente mecânica.” (VIGOTSKY, 2004, p. 154, tradução nossa).

Para explicar essa tese, Descartes recorre novamente ao dualismo, da separação do espírito e do corpo (das paixões). Entende que a dupla natureza do humano condiciona a dupla natureza das paixões. Essas surgem e influenciam a vontade como forças mecânicas, mas não podem ser superadas com a energia espiritual da vontade dirigida de forma contrária. Descartes recorre à teologia, ao milagre, para explicar suas proposições. Com isso, o filósofo postula que o fundamento da vida moral consiste na regulação de nossos desejos, que são despertados pelas paixões, que nos impelem à ação. Assim, o meio de reprimir nossos desejos é a sabedoria. O filósofo considera a vitória da vontade sobre as paixões como a vitória do espírito sobre a natureza; entende que podemos orientar as paixões no sentido de poder dominá-las totalmente.

Para elucidar todo o problema da relação entre as paixões e a vontade, aqui apresentada, Vigotski (2004) aponta que é necessário examinar a relação entre as paixões e o pensamento, ou seja, entre os elementos emocionais e cognitivos de nossa vida psíquica. Porém, apesar do autor sinalizar a importância de fazer esse exercício de examinar essas relações, ele acaba não desenvolvendo essa ideia em seu trabalho. Portanto, recorreremos a estudiosos contemporâneos sobre o tema, especialmente Monteiro (2015), com o objetivo de enriquecer esse debate trazido por Vigotski.

Uma das questões centrais da psicologia, para Vigotski (1996), é a busca da superação da dicotomização tradicional entre mente e corpo, por meio de uma síntese dialética. Segundo o autor, tal dicotomia foi historicamente o pomo da discórdia entre as correntes psicológicas, as colocando como idealistas ou mecanicistas, a depender da defesa que faziam. Diante disso, Vigotski (1996) propôs a superação dessa dicotomia pela apropriação do método materialista histórico-dialético. Com o objetivo de construir a ponte que eliminaria a cisão entre mente e corpo, estudando o ser humano em sua totalidade.

Em seu texto *O Significado Histórico da Crise da Psicologia* (1996), escrito em 1927, Vigotski aponta o caráter emergencial de uma discussão metodológica na Psicologia. Segundo o autor, a dicotomia mecanicismo/idealismo assolava as produções da psicologia, levando à um entendimento dualista da realidade, o que o autor denominou como a crise da Psicologia. E a tarefa principal para a superação de tal crise consistia em estudar o ser humano em sua

totalidade, tomando-se como central a relação social dialética e de interdependência em sua constituição.

Vigotski (1996) aponta que a psicologia tradicional de sua época tratava a consciência como composta por partes móveis e independentes entre si, as quais poderiam ser estudadas separadamente. Com isso, a psicologia tradicional limitou o resultado de suas pesquisas a respostas duais para fenômenos pontuais, como por exemplo: mente/corpo; interno/externo; psíquico/orgânico; autonomia/determinação; natural/social; razão/emoção, etc. “Nesse sentido, a resposta de uma questão é sempre um polo da díade, o qual não se relaciona, mas se contrapõe ao polo oposto.” (MONTEIRO, 2015, p. 62). Assim, percebe-se que a lógica do dualismo foi sendo reproduzida em várias áreas dos estudos psicológicos, com isso, isolando e dicotomizando os processos da razão e da emoção. Junto com Vigotski (1996), fazemos uma crítica a essa dicotomização, como viemos trazendo em nosso trabalho, defendemos que tais processos sejam entendidos em unidade, ou seja, a unidade afetivo-cognitiva.

Como já falamos neste trabalho, Vigotski localiza Espinosa como um pensador importante para a superação das dicotomizações amplamente difundidas na ciência psicológica de sua época.

Spinoza (2009) explica as *paixões* (emoções) como processos condicionados pelo conhecimento acerca do mundo e do objeto e não, como defendem os cartesianos e idealistas, como reações meramente psicofísicas ou atreladas ao espírito de outra ordem, que não poderia ser conhecido pelo sujeito e que, por consequência, excluiria a razão. Para Spinoza (2009) alma e razão são uma mesma coisa, de modo que o *corpo* seria um todo composto, isto é, o corpo humano seria a síntese da coletividade humana, bem como de suas produções culturais, artísticas e materiais, formada por um coletivo de corpos, que é a sociedade. (MONTEIRO, 2015, p. 68).

Com isso, percebe-se que, na filosofia de Espinosa, as emoções e os afetos são determinados pelo desenvolvimento da inteligência e por fatores sociais que a mobilizam. A partir desse entendimento é que Vigotski (2001) busca analisar o psiquismo humano, com a superação da “velha” psicologia, que decompõe o objeto de estudos em elementos isolados, e construindo uma nova psicologia científica, com base no método de análise por unidades. Tal método pressupõe que se chegue à menor totalidade possível na análise de determinado objeto, não ao menor elemento possível. Além disso, Vigotski defende o uso do método inverso de análise, qual seja, deve-se partir dos mais complexos para se explicar os mais simples. Como, por exemplo, para se compreender por que a água apaga o fogo, não se deve dissolver a água em hidrogênio e oxigênio (o primeiro é autocombustível e o outro conserva a combustão), mas sim, estudar o movimento das moléculas e suas peculiaridades. Com isso,

endente-se que a unidade, diferentemente dos elementos, tem todas as propriedades da totalidade, sendo a forma mínima de análise desse todo.

Dessa forma, pode-se afirmar que, assim como a molécula da água, afeto e cognição devem ser compreendidos como uma **unidade**. Nas palavras de Vigotski:

Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento nesse ou naquele aspecto. De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexa do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica, uma vez que, o exame determinista da vida do psiquismo exclui, como atribuição do pensamento, a força mágica de determinar o comportamento do homem através do seu próprio sistema, assim como a transformação do pensamento em apêndice dispensável do comportamento, em sua sombra impotente e inútil. (VIGOTSKI, 2001, p. 16).

Ao defender a existência da unidade entre afeto e cognição, Vigotski, segundo Monteiro e Rossler (2020), entende que esta unidade surge na relação atividade-consciência e determina o sistema interfuncional da consciência. Pois, é na relação que os sujeitos estabelecem com o mundo, por meio de sua atividade, que se desenvolve o psiquismo consciente humano. Monteiro e Rossler (2020) defendem que essa questão é a base para se entender a relação entre afeto e cognição como aspecto constitutivo da atividade humana, isto é, “[...] como mecanismo psicológico de funcionamento da própria relação entre a atividade humana no mundo e a constituição da consciência sobre esse mundo.” (MONTEIRO; ROSSLER, 2020, p. 317).

Segundo os autores, no processo de ação da atividade humana, vai se produzindo a subjetividade do indivíduo, que, por sua vez, passa a mediar a própria atividade do sujeito. Ao atuar sobre a materialidade da vida, sujeito e objeto transformam-se mútua e simultaneamente, assim, a própria relação sujeito-objeto se produz psiquicamente como afetivo-cognitiva.

A união afeto-cognição torna possível as relações sujeito-objeto e sujeito-mundo, e a avaliação posterior dessa relação, em função da associação imaneente entre *afeto* (processos psíquicos que instauram a atividade, dando-lhes seu tônus emocional ou sentimental e produzindo o motivo desta atividade na consciência, em razão do objeto que afeta o sujeito por corresponder a uma determinada necessidade – o que já contém aspectos racionais) e a *cognição* (os processos psíquicos que captam o objeto que nos afeta, possibilitando o deslindamento das suas propriedades essenciais, bem como sua conceptualização na forma de e por meio de signos ou significados socialmente estabelecidos – que também contém em relações afetivo-culturais em sua síntese). (MONTEIRO; ROSSLER, 2020, p. 318-319).

Monteiro e Rossler (2020) entendem que a constituição do reflexo psíquico como imagem subjetivo do mundo é a apreensão afetivo-cognitiva desta realidade. A unidade afetivo-cognitiva sendo, portanto, a expressão consciente da atividade do sujeito, e, ao mesmo tempo, reguladora dessa mesma atividade. Tal processo é constituído a partir de três elementos interligados dinamicamente: a consciência dos objetos, dos meios e dos fins da atividade; tal consciência afeta positiva ou negativamente o sujeito, passando a regular a sua atividade. Assim, podemos compreender a unidade afetivo-cognitiva como a expressão da relação entre a atividade e a consciência na relação do sujeito com a realidade externa.

Segundo Monteiro (2015) a trama sensorial da consciência fornece a base material às representações e formulações conscientes acerca do mundo. “Isso permite ao ser humano correlacionar significados sociais com sentidos pessoais de suas vivências. Para Vigotski (1999b), a vivência se refere à experiência internalizada pelo sujeito em sua relação com o objeto.” (MONTEIRO, 2015, p. 148). E ela sempre vai surgir com tons emocionais, perpassados, também, pelos significados sociais condensados nos signos e nas palavras.

Monteiro (2015) correlaciona a síntese apresentada acima sobre a vivência com o conceito de necessidade. Considera que a necessidade é a vivência de um estado carencial, de cunho emocional, e mobilizador de uma tensão que prepara o sujeito para a ação. Assim, pode-se compreender que a atividade é instaurada a partir do conjunto necessidade-sensação-emoção, que obtém objetividade pela descoberta do motivo gerador da tensão, ou seja, do estado carencial (MONTEIRO; ROSSLER, 2020). Na estrutura da atividade, segundo Monteiro (2015), tal processo se traduz como uma carência que afeta o sujeito e o impele a buscar meios, racionais e práticos, que satisfaçam a sua necessidade. “Essa expressão embrionária da unidade afetivo-cognitiva na estrutura da atividade humana possibilita que a necessidade seja ligada a um fim cabível.” (MONTEIRO, 2015, p. 150). A unidade afetivo-cognitiva se expressa sob a forma de significados sociais, que representam o universo simbólico humano, convertendo-se em sentido pessoal na medida em que unifica o significado à finalidade da atividade do indivíduo.

Assim sendo, Monteiro (2015) conclui que é a tonalidade emocional que demanda a atividade do sujeito. E, com isso, mobiliza as funções psicológicas superiores. “Para cada tonalidade, diferentes funções são sensibilizadas em diferentes graus de atuação, convertendo-se afetivo-cognitivamente em conteúdo consciente da atividade [...]” (MONTEIRO, 2015, p. 151). Com isso, a autora compreende a unidade afetivo-cognitiva como a própria relação entre atividade e consciência e que se materializa no significado e no sentido pessoal.

Portanto, a adequada construção da imagem subjetiva da realidade objetiva no psiquismo humano, a qual surge da dinâmica atividade-consciência, demanda um objeto que afete o sujeito de uma determinada maneira e com uma dada intensidade. A forma de compreensão dessa *maneira* e *intensidade* se expressa afetivo-cognitivamente por meio dos significados (pensamento de algo) e sentidos (afeto singular e correspondente ao pensamento de algo). (MONTEIRO, 2015, p. 156, grifo da autora).

Com isso, podemos concluir, junto com Monteiro e Rossler (2020), que falar em unidade afetivo-cognitiva é falar da forma como o sujeito sente, reflete e conceitualiza o mundo ao seu redor. E, a partir disso, forma em seu psiquismo uma imagem subjetiva desse mundo objetivo, e constrói, imerso em suas vivências sentidas afetivo-cognitivamente, uma personalidade única e singular (MONTEIRO; ROSSLER, 2020).

Após essa exposição, podemos retomar a nossa apresentação do livro de Vigotski de forma enriquecida. Após anunciar a importância de se examinar a relação entre as paixões e o pensamento, o autor passa para a análise da questão da divergência entre as teorias de James e Lange e a doutrina cartesiana. E aborda novamente o tema da possibilidade de nos emocionarmos na ausência total de mudanças periféricas, particularmente viscerais. Descartes vê como possível a existência de estados emocionais livres de qualquer mistura com um estado corporal. Ele admite que todas as percepções, incluindo emoções, podem aparecer não apenas por via centrípeta, mas por via centrífuga. A teoria centrífuga das emoções postula que as emoções surgem no centro do sistema nervoso, sem necessidade de correlato das sensações, enquanto a teoria centrípeta das emoções destaca que as emoções surgem das sensações do sistema nervoso periférico. A partir dessa contradição, Vigotski (2004) afirma que as principais incoerências da psicologia contemporânea, tanto àquelas que originam sua crise quanto àquelas que dizem respeito a alguns de seus problemas particulares, estão presentes na teoria cartesiana das emoções.

Contradizendo-se internamente em sua própria fundação, o sistema de ideias psicológicas de Descartes não poderia deixar de se dividir, durante o desenvolvimento científico, em correntes teóricas de pensamento psicológico separadas, autônomas e hostis. É por isso que não encontramos em nenhum dos sistemas psicológicos contemporâneos a personificação perfeita da doutrina cartesiana. (VIGOTSKY, 2004, p. 174, tradução nossa).

Segundo Vigotski (2004), o problema de causalidade se torna a pedra angular de toda a crise psicológica. Retomamos aqui a questão da crise na psicologia, elaborada por Vigotski (1996), abordada anteriormente: o problema da causalidade é entendido como a explicação, ora idealista, ora mecanicista, do psiquismo humano. Ou seja, a “causa” do psiquismo era ou

buscada na mente, de forma puramente idealista, ou explicada pelo comportamento, de forma mecanicista.

Destaca-se, ainda, que Vigotski (2004) coloca Descartes como aquele que é universalmente reconhecido como o fundador da teoria psicológica, em razão de em seu *Tratado sobre as paixões da alma*, ele lançou a pedra angular da Psicologia fisiológica e de toda teoria reatológica contemporânea. Assim, em suas reflexões sobre o método ele fundou o objeto da Psicologia, e preparou o caminho para as teorias do paralelismo psicológico e do dualismo epistemológico. Vigotski (2004) afirma que os novos debates sobre as teorias das emoções são na verdade uma repetição da controvérsia contida na teoria das paixões de Descartes. “Descartes não é um passado distante para a Psicologia emocional contemporânea, mas a realidade mais vívida de hoje.” (VIGOTSKY, 2004, p. 183, tradução nossa).

Após essas exposições, Vigotski (2004) aponta que o que une a teoria cartesiana das paixões e a teoria de James não é apenas a existência das hipóteses periféricas e centrais sobre a origem das emoções, mas, precisamente a solução geral que elas dão à questão da relação da alma e do corpo, precisamente o seu fundamento dualista. Assim, o verdadeiro fundamento da Psicologia cartesiana não é a hipótese de interação, mas a teoria do paralelismo psicofísico.

Vigotski (2004), se contrapõe ao dualismo cartesiano:

A natureza do homem nos convence do contrário, uma vez que representa essa comunicação. De acordo com os conceitos do dualismo, as coisas naturais são espíritos ou corpos. O homem é a demonstração viva do oposto: é um ser natural que, ao mesmo tempo, é um e outro. A voz de sua própria autenticidade diz ao homem: você é um espírito; a voz de suas necessidades e inclinações naturais lhe diz com a mesma clareza: você é um corpo. A substancialidade da natureza espiritual e corporal, e ao mesmo tempo o seu dualismo, são estilhaçados em contato com o conceito, e devido à existência do homem. Nesse ponto, a contradição é tão óbvia que o próprio filósofo a admite. (VIGOTSKY, 2004, p. 185, tradução nossa).

Depois essa bela contraposição que Vigotski (2004) faz ao dualismo, ele volta a refutar a teoria de James, junto de toda a Psicologia contemporânea, pois essa posição não acessa a compreensão de um nexos realmente racional entre nossos pensamentos e nossas sensações, por um lado, e a atividade de nosso corpo, por outro. “Assim, a solução paralela do problema psicofísico – dualismo do corpo e do espírito, dualismo entre os animais e o homem – conduz-nos, inevitavelmente, ao pensamento mais temível de Descartes, à separação total da consciência e da vida.” (VIGOTSKY, 2004, p. 198, tradução nossa).

Após toda essa exposição, Vigotski (2004) considera que resta fazer um balanço dessa análise da natureza filosófica da Psicologia contemporânea das emoções e determinar o destino reservado para a teoria cartesiana das emoções no desenvolvimento do conhecimento

psicológico. Além de colocar os fundamentais problemas que se colocam à Psicologia do futuro, devido à ruína definitiva das ideias cartesianas que prevalecem neste campo do conhecimento. Todo o desenvolvimento do estudo apresentado demonstrou, com suficiente clareza, que a teoria de James-Lange está diretamente ligada às ideias de Descartes e Malebranche, não à doutrina de Espinosa.

Vigotski (2004), depois de se contrapor ao dualismo cartesiano, aborda a questão da originalidade das emoções do humano em relação às dos animais. Questão diretamente ligada ao problema do desenvolvimento das emoções. O autor diferencia as emoções finas e as grosseiras. Como exemplo, aponta a diferença do medo diante de algo aterrorizante, e a tristeza diante de uma perda muito importante. Porém, traz que não há emoção que seja por natureza superior ou inferior, assim como não há emoção que seja por natureza independente do corpo, que não esteja unida a ele.

Não há sentimentos que por direito de nascença pertençam à categoria superior, enquanto os outros estariam ligados, por natureza, à categoria inferior. A única diferença está em sua riqueza e complexidade, e todas as nossas emoções são capazes de adquirir todos os graus de evolução dos sentimentos. (VIGOTSKY, 2004, p. 213, tradução nossa).

Outra questão que Vigotski (2004) aborda, que também está diretamente ligada ao problema do desenvolvimento das emoções, é a questão dos vínculos, dependências e relações entre as paixões e o resto da vida física e espiritual do humano, isto é, a questão da corporeidade. Nesse trecho do manuscrito, observamos que o autor anuncia que irá tratar da questão da corporeidade, porém acaba não se desenvolvendo no assunto. No entanto, como consideramos esse tema de extrema relevância para o entendimento da teoria das emoções, abordaremos a partir dos estudos contemporâneos de Jerebtsov (2017).

Com o objetivo de estudar a temática da corporeidade, Jerebtsov (2017) aborda a questão dos problemas psicossomáticos da personalidade. O termo “psicossomática” vem do grego (psique=mente e somático=corpo) e começou a ser usado pela medicina no século XX para descrever as interações entre o corpo e a mente nos processos de adoecimento (SANTOS, 2022). Retomando a questão da crise na psicologia Jerebtsov (2017) aponta que, na ciência contemporânea, ora são utilizadas bases positivistas, ora metafísicas para explicar os problemas psicossomáticos. E, assim como Vigotski, o autor defende que devemos superar essas contradições, compreendendo os princípios da filosofia e da prática científica em unidade. Com isso, superar os dualismos lógico formais que separam mente e corpo, razão e emoção, os compreendendo na totalidade.

Segundo Jerebtsov (2017), e conforme já abordado neste trabalho, o ser humano se desenvolve movido pelo afeto. Quando o indivíduo significa esse afeto, ele consegue concentrar nesse significado (nesse signo) muitos de seus fenômenos psicológicos relacionados a realização desse afeto. “Além disso, ele pode observar a distância (da posição do signo) esses fenômenos que se tornam localizados, limitados, conscientes e dirigíveis.” (JEREBTISOV, 2017, p. 49). Com isso, Jerebtsov (2017) entende que o ser humano é capaz de criar diversos sistemas de significado, e nisso que consiste a subjetividade: a capacidade de observar um sistema de significados da posição de outro sistema de significados. “Nisso consiste a essência do tratamento dado por L. S. Vigotski à consciência como um sistema semântico dinâmico.” (JEREVTISOV, 2017, p. 49).

As vivências do ser humano e o seu autocontrole dependem, segundo Jerevtsov (2017), dos sistemas de significados culturais específicos (ou seja, sistemas semânticos), que estão na base do sentido atribuído ao mundo e a si. Com isso, entende-se que diferentes sistemas semânticos vão apresentar diferentes graus de inibição ou de saúde em relação aos sistemas biológicos. Ou, dito de outra forma, o indivíduo poderia libertar ou oprimir as forças naturais a partir dos meios culturais aprendidos. Além disso, o autor nos lembra que o signo se apresenta como um meio de influência sobre si e o outro. No signo está concentrado não apenas o conteúdo individual e pessoal, mas também o tipicamente social, que é compartilhado por um grupo de pessoas. O signo é comunicativo e autocomunicativo. É um meio de relação, de generalização, de reflexão e vivências. A consciência não reflete simplesmente a realidade, mas a conceituação. Assim, podemos compreender que uma personalidade que detém os instrumentos culturais, certas emoções e reações, ao serem significadas, transformam-se em vivência. Lembrando que, para Vigotski (2006), a vivência se configura como a unidade indivisível entre a personalidade e o meio social.

Jerevtsov (2017) aponta que o mais importante na temática do sistema de significados é o seu papel generalizador, ou seja, a capacidade de o signo tornar-se um conceito. Pois, qualquer conceito é um órgão de tomada de consciência. Com isso, qualquer conceito é um órgão de domínio de si e de emancipação da situação vivenciada, incluindo a emancipação da situação interna do organismo, ou seja, é um órgão psicológico da liberdade.

No entanto, liberdade não é simplesmente independência de algo. A independência é o lado negativo da liberdade (“liberdade de”). Assim, na psicologia discutem-se problemas como adaptação, controle do stress, estratégias de defesa. O sentido positivo da liberdade (“liberdade para”) consiste na possibilidade consciente de realizar um afeto, algo significativo. Um dos aforismos maravilhosos de L. S. Vigotski soa assim: liberdade é afeto no conceito. (JEREVTISOV, 2017, p. 50).

Por meio dos signos e dos instrumentos os atos naturais se culturalizam, sendo estes meios de autorregulação, o esforço natural transforma-se em ato psicológico. Porém, muitas vezes, as pessoas continuam utilizando o esforço natural para a realização de diversos tipos de atividades (elevar o tom de voz numa conversa difícil, por exemplo). Com isso, surge o stress, o aumento da tensão que, numa versão crônica, pode criar um sintoma psicossomático (JEREVTSOV, 2017). Nisso que se reforça a importância dos conceitos para a superação desses problemas psicossomáticos. Pois, como aponta Jerevtsov (2017), numa pessoa criativa, que consegue refletir sobre a sua vida em termos conceituais, o sintoma torna-se um signo da sua personalidade e não seu escravizador.

Nessa reflexão Jerevtsov (2017) evoca a questão da reação estética, pois, entende que a contradição vivenciada em situações semânticas se configura como a base da reação estética. Pois, ela não acontece apenas de forma catártica, mas também como uma “elevação”, “desamarra as forças para a existência”, como diria Barin (*apud* JEREVTSOV, 2017). “A pessoa com consciência científica tem a possibilidade de brincar com os contextos, resolver conflitos, colocando-os em outro sistema semântico.” (JEREVTSOV, 2017, p. 53). Dito de outro modo, uma pessoa criativa consegue vislumbrar outros pontos de vista, de uma outra posição interna, o que pode alterar as vivências e o seu estado somático.

Nesse contexto, o momento do adoecimento psicossomático, segundo Jerevtsov (2017), é o da formação de sentido. Quer dizer, a questão sobre o lugar, no sistema de significados da personalidade, que determinado acontecimento da vida ocupa. Como a pessoa lida com a sua experiência cultura assimilada, assim como com a experiência de lidar com o seu corpo, com as necessidades que lhe são inerentes, isso é, como utiliza seu corpo como meio (JEREVTSOV, 2017).

De acordo com Jerevtsov (2017), a influência psicológica sobre as funções corporais é determinada pelo caráter de coordenação do espectro das atividades, em sua estrutura está incluída cada função corporal. Com isso, os processos psicossomáticos (como a ansiedade, os sentimentos) são suficientemente reais e objetivos. E ao se tornarem fato da consciência, passam a se subordinar às leis do subjetivo. Resgatando a lei genética do desenvolvimento, inicialmente a criança começa a dominar, com o auxílio de meios culturais, o seu comportamento “no mundo”, nas relações externas, e, nessa medida, começa a dominar suas manifestações corporais, “o comportamento interno”. Lembrando que, o “comportamento interno” não se resume às questões subjetivas, mas também às manifestações corporais que

passam a ser reguladas pela consciência. Assim, como todas as manifestações humanas, o caráter psicossomático também é determinado histórica e socialmente.

Pensando no desenvolvimento, Jerevtsov (2017) nos lembra, mais uma vez, que a força motriz desse desenvolvimento e do comportamento são os afetos. E a consciência orienta este desenvolvimento, sendo o seu “mapa do caminho”. A consciência pode indicar para a pessoa como o mundo (e ela própria) é e também como poderiam ser. Porém, a consciência tem seus limites, é nesse sentido que entendemos que o ser humano está sempre em desenvolvimento. O grau de generalização dos conceitos que a pessoa opera em sua consciência garante a plasticidade, ou não, do sistema de vivências, aqui, temos um grande potencial de saúde, mas, ao mesmo tempo, de ameaça a ela (JEREVTSOV, 2017).

Jerevtsov (2017) entende que a potencialidade de saúde contida neste grau de generalização dos conceitos encontra-se na possibilidade de uma vivência tornar-se lúdica. O autor conceitua a vivência lúdica como uma combinação internamente motivada, livre e condicionada à transformação do sentido. “A pessoa, numa vivência lúdica, está envolvida e vê possibilidades; seu afeto se multiplica com os meios culturais. A pessoa se liberta e se fortalece como personalidade; realiza-se em alguma esfera de atividade.” (JEREVTSOV, 2017, p. 57). Entendemos a vivência lúdica no sentido de “brincadeira”, de conseguir se libertar dos significados rígidos impostos socialmente, do significado literal da palavra, de poder ser criativo, transformar situações. Ou seja, em última instância, seria a capacidade de elevar o afeto ao conceito. Aqui, que também vemos o grande potencial das intervenções artísticas no contexto da psicoterapia.

Para agir livremente num mundo real é preciso desprender-se da situação que está no campo visual, “jogar” com as imagens no espaço semântico, transformar o afeto em objetivo e, com essa relação novamente criada, realizar o que se deseja. A unidade afeto e intelecto como vivência, um jogo da realidade semântica, complementa-se com um terceiro componente – a ação – formando “a tríplice aliança” do afeto, do intelecto e da ação consciente. Essa tríplice aliança ajuda a pessoa a realizar a “liberdade para” que lhe fornece forças e reforça sua saúde. (JEREVTSOV, 2017, p. 57-58).

Aqui, novamente, evocamos o potencial da arte, pois ela permite que nos relacionemos com os nossos sentimentos como objetos externos a nós. Possibilitando esse desprendimento dos significados sociais imediatos de nossas vivências e, conseqüentemente, sua transformação. Além disso, a “tríplice aliança” aqui abordada por Jerevtsov (2017), nos remete aos processos pensar-sentir-agir, elaborado por Lane (1995) com o objetivo de caracterizar a consciência, compreendido por nós como a unidade indecomponível da

consciência. Observamos, com Santos (2015), que a quebra nesses processos faz com que a nossa ação no mundo seja marcada por comportamentos inconscientes.

Assim, a vivência lúdica poderia propiciar a união desses processos. Pois, ao afeto surgir na realidade, com o auxílio do signo (pensamento), ele pode se transformar numa vivência lúdica e pode retornar à realidade em forma de ação prática (agir) ou palavra. “A vivência lúdica se caracteriza pelo fato de a pessoa ser sujeito que, com interesse, liberdade e criatividade, vivencia o que é dado pela realidade para realizar uma ação livre e atingir o sentido.” (JEREVTSOV, 2017, p. 58).

Portanto, a gênese do adoecimento psicossomático se encontra no impedimento do desenvolvimento da vivência. Isto é, a impossibilidade de a pessoa significar de maneira saudável e criativa as experiências que tem com o meio. Lembramos que a vivência depende da organização da consciência, da quantidade e da medida de generalização de conceitos; tudo isso permite, de certa forma, não apenas refletir a realidade, mas construí-la. Assim, o adoecimento psicossomático é uma questão de como a pessoa domina os fatos ou a situação com o auxílio da experiência que lhe foi acessível, incluindo também a experiência de lidar com seu corpo e de utilizar-se dele como um meio. E, o esforço do sujeito para superar tal situação, de elaborar uma nova relação com ela, leva a uma nova neoformação pessoal, ou seja, ao desenvolvimento. Dessa forma, com base nas relações dialógicas, e podendo contar com a ajuda organizada de especialistas (psicólogos, pedagogos), o indivíduo pode ampliar a compreensão da dinâmica semântica de sua saúde. E, por meio da interiorização, transforma-se na capacidade do indivíduo desenvolver o autoauxílio e o autodomínio da própria conduta. Pois, o meio psicológico (a palavra, e, principalmente, o conceito) permite reestruturar as vivências das pessoas (JEREVTSOV, 2017).

Com isso, podemos concluir, nas palavras de Jerevtsov, que, com o auxílio necessário,

O sujeito transforma a cacofonia das reações emocionais em sinfonia de vivências com um tema e uma melodia próprios. A sinfonia das vivências (a subjetividade) tem um compositor (o sujeito). A autoria da vida e das vivências é a característica de uma personalidade livre, que percorre autônoma e conscientemente, com um esforço substancial, seu caminho de vida. (JEREVTSOV, 2017, p. 60).

Após essa exposição, podemos retomar nossa apresentação do manuscrito de Vigotski (2004). Onde o autor passa a abordar os problemas da teoria explicativa das emoções, teoria esta que tenta explicar as emoções a partir de uma visão teleológica e espiritualista. Vigotski (2004) entende que essa lógica nos leva de volta à era do pensamento filosófico que reinou

antes de Espinosa. Foi precisamente Espinosa quem lutou por uma explicação causal, determinística, natural e materialista das paixões humanas. Com isso, a teoria espinosana é contraposta a toda Psicologia descritiva contemporânea, pois “Foi ele quem lutou contra o dualismo cartesiano, o espiritualismo e o teleologismo que renasceu nesta teoria.” (VIGOTSKI, 2004, p. 232, tradução nossa). Espinosa está do lado daqueles que reconhecem na explicação do nexos causal como uma investigação mais profunda, como uma investigação de ordem superior.

Assim, após explicitar as contraposições às teorias das emoções vigentes, Vigotski (2004) explica que a fama que a teoria de James e Lange ganhou no mundo científico é devido à sua possibilidade de explicar as emoções de maneira causal. Porém, essa teoria acabou levando invariavelmente ao dualismo cartesiano. Com isso, o autor aponta para o caminho que acredita ser a solução para os problemas elencados até aqui: “Em minha opinião, seria muito proveitoso eliminar da questão, qualquer relação de causa e efeito, qualquer relação de causalidade, e substituir a posição dualista por uma concepção unitária ou monística.” (p. 244, tradução nossa). Neste ponto de sua obra Vigotski aponta que começará a abordar a teoria das emoções de Espinosa, a entendendo como a base filosófica que superaria os problemas das teorias trazidas até aquele momento, porém o livro se encerra nesse ponto, nos deixando sem as elaborações de Vigotski sobre esse tema.

Encerramos aqui a nossa exposição do manuscrito *Teoria das Emoções* de Vigotski. Na presente subseção tivemos o objetivo de apresentar uma síntese do nosso entendimento sobre a referida obra de Vigotski. Bem como, enriquecer a nossa apresentação, em pontos que consideramos centrais para o entendimento da teoria das emoções, a partir de nossas leituras contemporâneas sobre o tema.

Com isso, apresentamos inicialmente as críticas elaboradas pelo autor à teoria de James e Lange das emoções, sendo esta, a teoria organicista das emoções. Com a apresentação do conceito do afeto íntegro elaborado por Vigotski. Além disso, contribuimos com a crítica de Vigotski à teoria organicista com a nossa associação da referida teoria com teorias atuais da psiquiatria. A seguir, passamos para a exposição de Vigotski sobre a importância das bases filosóficas da teoria das emoções, em que o autor faz uma defesa inicial da teoria das paixões de Espinosa. Seguida das bases neurológicas das emoções trazida por Vigotski, com a teoria talâmica das emoções e a teoria do duplo controle, contrapostas à teoria organicista. Aqui, pudemos trazer uma elaboração sobre as potencialidades da psicoterapia a partir dessas teorizações elaboradas por Vigotski.

Posteriormente, apresentamos a retomada do autor sobre a crítica à teoria organicista a partir da crítica de suas bases filosóficas. Assim, Vigotski entende que a teoria organicista possui a sua base filosófica na filosofia cartesiana e elabora uma defesa de que essa teoria se distancia da base filosófica espinosana. Portanto, apresenta sua crítica à teoria de Descartes, com particular atenção para a questão dos dualismos, da separação da mente e corpo, razão e emoção. A partir dessa crítica ao dualismo, Vigotski elabora sua defesa ao entendimento de que as emoções podem se desenvolver e se transformar e a defesa de seu papel motivacional. Nesse momento, apresentamos, também, elaborações contemporâneas sobre a unidade afetivo-cognitiva e a questão da corporeidade, com vistas a enriquecer o que já havia sido elaborado no manuscrito. Por fim, Vigotski anuncia que iniciará sua exposição sobre as bases filosóficas da teoria das paixões de Espinosa, porém o livro se encerra neste momento. Com isso, o autor deixa a tarefa histórica para os estudiosos contemporâneos de continuarem esse seu trabalho. Assim, apresentamos a seguir a metassíntese que elaboramos nas produções contemporâneas sobre as emoções na teoria de Vigotski.

3.2 A teoria das emoções na contemporaneidade: uma metassíntese

O presente estudo, foi desenvolvido com a utilização da estratégia metodológica da revisão bibliográfica sistemática, do tipo metassíntese, de produções nacionais relacionadas ao conceito de emoção¹⁸ na perspectiva da teoria de Vigotski. A metassíntese se configura como uma estratégia metodológica de revisão sistemática que visa a síntese interpretativa de resultados encontrados nas pesquisas e em áreas do conhecimento determinadas (OLIVEIRA et al., 2017). Tal método foi aprimorado ao longo dos anos por nosso grupo de pesquisa, *Epistemologia e Ciência Psicológica*, com o objetivo de desenvolver estudos teóricos sobre a produção de conceitos e métodos psicológicos. Como exemplo temos a metassíntese da produção do conceito de juventudes (TRANCOSO, 2012), metassíntese sobre a configuração da Saúde Mental e Trabalho (BASTOS, 2014), metassíntese sobre o conceito de infância na psicologia (CANUTO, 2017), metassíntese da produção científica de grupos de pesquisa sobre pessoa com deficiência (MATOS, 2018), dentre outras diversas produções (OLIVEIRA et al., 2017; OLIVEIRA; BASTOS, 2017; FALCÃO et al., 2019; BUARQUE, 2021). Tais pesquisas, subsidiam e permitem atualizações e aprimoramentos a cada novo estudo.

¹⁸ Embora tenhamos feito a opção teórica de compreender os termos “emoção” e “sentimento” como sinônimos. Priorizamos utilizar o termo “emoção”, ao invés de “sentimento” ou “afetividade”, porque Vigotski intitulou a sua teoria como “teoria das emoções”, assim, nos apegamos ao termo utilizado pelo autor.

Podemos definir a metassíntese como a integração de um material teórico recolhido anteriormente, seguida de uma síntese interpretativa desses dados encontrados. Essa integração não se trata da mera soma das partes de cada material, uma vez que oferecem uma nova interpretação dos resultados (MATHEUS, 2009). Assim sendo, para dar seguimento à pesquisa aqui proposta, a metassíntese foi realizada em cinco etapas: Exploração, Refinamento, Cruzamento, Descrição e Interpretação (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

A primeira etapa da pesquisa, a exploração, é o primeiro movimento para a composição da amostra. Sendo esta a definição dos documentos a serem analisados, as fontes de acesso e os descritores, que auxiliam no alcance dos objetivos da pesquisa (BUARQUE, 2021). Definimos alguns critérios para a composição da nossa amostra, com o objetivo de compreender o que vem sendo produzido acerca da questão das emoções na perspectiva da teoria de Vigotski. O primeiro critério se refere ao tipo de documento a ser estudado, elegemos a análise de artigos, por entendermos que expressam o que vem sendo produzido cientificamente na atualidade. Além de serem produções mais sucintas, possibilitando a nossa análise nos limites desta dissertação. O outro critério foi a escolha da plataforma em que buscaríamos os nossos artigos, optamos por realizar a busca no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pois ele oferece acesso a textos completos publicados em mais de 37 mil publicações periódicas, internacionais e nacionais, agregando outros portais de busca em sua ferramenta. Como exemplo de outros portais de busca que estão incluídos no Portal da Capes, encontra-se: Scientific Electronic Library Online (SciELO); American Psychological Association (APA); Index Psi Periódicos (IndexPsi); Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC).

Após a definição desses critérios começamos a nossa pesquisa propriamente, inicialmente realizamos a conformação da nossa amostra a ser analisada. Para tanto, acessamos o banco de dados e realizamos a busca das palavras-chave delimitadas. Essas foram escolhidas levando em conta a abrangência que poderiam atingir e a precisão em relação ao tema estudado. Sobre a escolha dessas palavras, gostaríamos de fazer uma observação sobre como a teoria de Vigotski vem sendo apresentada no Brasil.

Vigotski utilizava o termo “psicologia geral” para designar sua teoria, pois tinha pretensão que ela abrangesse e superasse todas as outras psicologias (VIGOTSKI, 1996). Como as pretensões de Vigotski não se consolidaram, o termo “psicologia geral” não coube para designar esta linha de pensamento psicológico, com isso, os pesquisadores foram se apropriando de termos que pudessem expressar tal teoria. Dentre eles, encontramos a denominação “Psicologia Histórico-Cultural” que, segundo Delari Jr. (2009), foi um termo

cunhado por Vigotski e Luria para denominar sua concepção de desenvolvimento humano, servindo, portanto, para designar a teoria como uma metonímia da parte pelo todo. Temos também o termo “teoria sócio-histórica da atividade” que foi cunhado mais tarde por Leontiev (DELARI JR., 2009). Vemos que esses dois termos foram os que ganharam mais relevância entre os estudiosos de Vigotski, portanto utilizaremos eles como variações de nossas palavras chave. Embora no Brasil ainda exista uma diversidade de denominações para a teoria de Vigotski, não entraremos no mérito das disputas por qual denominação seria mais correta, pois entendemos que a diversidade de leituras faz parte do processo social da apropriação de qualquer obra.

Com isso, a partir do tema “emoções na teoria de Vigotski”, delimitamos 3 descritores: “Vigotski e Emoção”; “Psicologia Histórico-Cultural e Emoção”; “Psicologia Sócio-Histórica e Emoção”. A busca não teve restrição de ano, recuperando todas as publicações sobre a temática, disponível no banco de dados analisados, tendo em vista que objetivamos compreender como a pesquisa das emoções vem se dando na teoria de Vigotski desde seu início. Foram utilizados filtros para que fossem apresentados apenas textos em português e tipo de literatura “artigo”. Na busca inicial foram encontrados 168 artigos, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Resultados buscas dos descritores no banco de dados

Descritores	Quantidade
Vigotski e Emoção	102
Psicologia Histórico-Cultural e Emoção	44
Psicologia Sócio-Histórica e Emoção	22
Total	168

Fonte: a autora.

A seguir, para um Refinamento inicial de nossa amostra, analisamos os 168 artigos, por meio da leitura do título, palavras-chave e leitura flutuante dos resumos, com o objetivo de verificar quais trabalhos, efetivamente, abordavam a questão das emoções na teoria de Vigotski. Foram excluídos aqueles que, por exemplo, não abordavam o tema das emoções diretamente, como o estudo “Vigotski desconhecido: a experiência de tradução literária do hebraico antigo” (SOBKIN; KLIMOVA, 2019), acessado pelo descritor “Vigotski e Emoção”. Tal artigo foi excluído da amostra a partir da leitura do título e resumo, pois abordava a tradução de um conto popular, escrito originalmente em hebraico antigo, feita no

início do século XX por Vigotski, afastando-se do tema de nossa pesquisa. Já o artigo intitulado “Percursos e percalços na investigação da emoção na Psicologia de Vigotski” (SOUZA; LUZ; SANTOS, 2015), acessado pelo mesmo descritor, permaneceu no banco de dados a ser analisado após a leitura do título e do resumo, pois demonstrou adequação ao tema aqui proposto, uma vez que aborda a teoria das emoções na Psicologia de Vigotski. Após esse processo ficamos com 37 artigos, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Resultados obtidos após procedimentos de refinamento

Descritores	Quantidade
Vigotski e Emoção	22
Psicologia Histórico-Cultural e Emoção	12
Psicologia Sócio-Histórica e Emoção	3
Total	37

Fonte: a autora.

Este material encontrado foi então tabulado (ANEXO 01), com o auxílio do software Microsoft® Office Excel, para, a partir disso, ser dado seguimento ao tratamento dos dados. Nas tabelas que dão base a essa análise, foram criadas colunas identificando todos os títulos dos artigos, seus autores, o ano de sua publicação e os *links* de acesso de cada publicação. Foi criada uma tabela para cada descritor a partir do qual esse texto foi encontrado. Essas informações são importantes de serem destacadas, pois são utilizadas nas etapas posteriores.

A próxima etapa foi o Cruzamento, que se trata de uma análise comparativa, com o objetivo de verificar a existência de material em duplicidade. Nesta etapa, foram lidos todos os títulos dos artigos tabulados, organizados em ordem alfabética, para excluirmos as duplicidades, foram excluídos 10 artigos em duplicidade, ficando com a amostra de 27 artigos.

Em seguida, o material restante passou por mais um Refinamento, em que foi realizada a leitura dos resumos e leitura flutuante dos trabalhos recuperados, a fim de verificar se o conceito da emoção era realmente abordado na perspectiva da teoria de Vigotski, ou era apenas citado nos trabalhos, mas sem intensão de aprofundamento ou exposição sobre o conceito. Após essa fase, foram identificados 17 artigos, que são a composição final de nossa amostra. Tais artigos foram analisados, enfatizando a compreensão do conceito de emoção presente na teoria de Vigotski na contemporaneidade. Os demais artigos foram salvos e

compõe o Banco de Dados do Grupo de Pesquisa “Epistemologia e a Ciência Psicológica” CNPq-UFAL para futuras análises.

No Quadro 3, apresenta-se os títulos dos 17 artigos selecionados, bem como sua autoria e ano de publicação.

Quadro 3 – Artigos selecionados que abordam tema das emoções na teoria de Vigotski

(continua)

Título	Autor	Ano
Emoção, primeira forma de comunicação	Denise de Camargo	1999
El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski	Fernando L. González Rey	2000
Teoria das emoções em Vigotski	Letícia Vier Machado; Marilda Gonçalves Dias Facci; Sonia Mari Shima Barroco	2011
As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico	Maria Thereza Costa Coelho de Souza	2011
Análise sobre as emoções no livro Teoría de las emociones (Vigotski)	Áurea Júlia de Abreu Costa; Jesus Garcia Pascual	2012
Vigotski contra James-Lange: crítica para uma teoria histórico-cultural das emoções	Gisele Toassa	2012
A Emoção Como Função Superior	Hilusca Alves Leite; Renata da Silva; Silvana Calvo Tuleski	2013
Pressupostos espinosanos da crítica histórico-psicológica	Flávio Luiz de Castro Freitas	2013
A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito	Lavínia Lopes Salomão Magiolino	2014
Vivência e Afetação na Sala de Aula: um Diálogo entre Vigotski e Espinosa	Eliana Sousa Alencar Marques; Maria Vilani Cosme de Carvalho	2014
Explorando o território dos afetos a partir de Lev Semenovich Vigotski	Daniela Schmitz Wortmeyer; Daniele Nunes Henrique Silva; Angela Uchoa Branco	2014
Percursos e percalços na investigação da emoção na Psicologia de Vigotski	Heriel Luz; Ana Lucia Martins de Souza; Lívia Gomes dos Santos	2015
Pelo reencantamento da Psicologia: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano	Bader Burihan Sawaia; Daniele Nunes Henrique Silva	2015
Dimensões (est)éticas e políticas da paixão entre Simone e Nelson	Daniele Nunes Henrique Silva; Lavínia Lopes Salomão Magiolino	2016

(continuação)

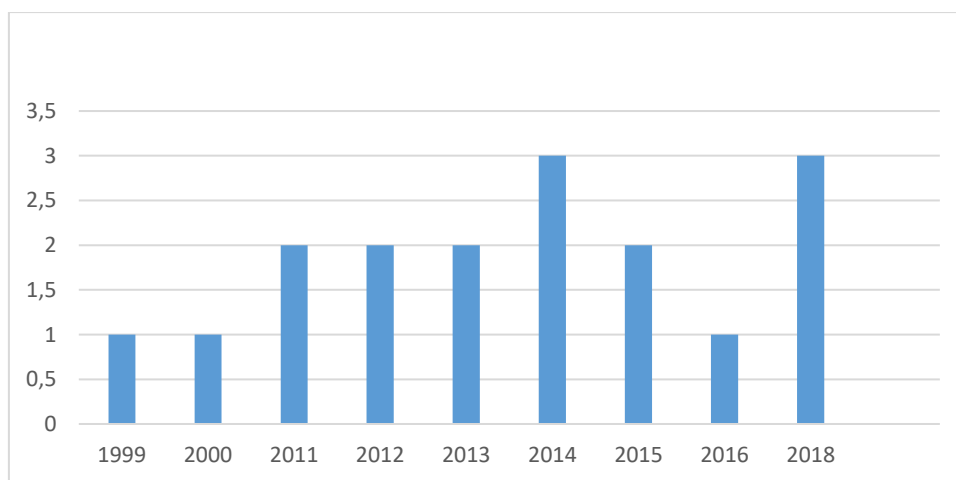
Dimensão ideológica da emoção na gestão de vendedoras de cosméticos em uma empresa multinacional	Rossana Cristine Floriano Jost; Yára Lucia Mazziotti Bulgacov; Denise de Camargo	2018
As Emoções do Professor Frente ao Processo de Inclusão Escolar: uma Revisão Sistemática	Paula Maria Ferreira de Faria; Denise de Camargo	2018
A vontade em Vygotski: contribuições para a compreensão da “fissura” na dependência de drogas	Júlia Loren dos Santos; Marcelo Dalla Vecchia	2018

Fonte: a autora

A etapa seguinte é a Descrição, na qual se objetivou conhecer a amostra por meio dos dados que identificam cada documento. O material descrito, a seguir, foi submetido à uma leitura minuciosa. Foram utilizados os seguintes pontos de identificação: ano de publicação, vinculação institucional dos autores, palavras-chave utilizadas em cada artigo, interlocutores utilizados pelos autores na definição do conceito de emoção.

Oliveira e colaboradores (2017) apontam a importância da descrição histórica dos documentos e a relevância de seu potencial analítico, ou seja, a frequência anual de publicação dos artigos analisados tem papel significativo na descrição das informações. Tal aspecto histórico da pesquisa pode ser observado no Gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1 – Distribuição anual de publicações sobre a teoria das Emoções



Fonte: a autora

Percebe-se, que o artigo mais antigo publicado é de 1999, intitulado “Emoção, primeira forma de comunicação” de Denise de Camargo, seguido de um artigo de 2000, intitulado “El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte

de Vigotski” de Fernando González Rey. Guardadas as possibilidades de publicação do tipo físico, destaca-se que a publicação brasileira *online* mais antiga que trata do tema das emoções na teoria de Vigotski foi feita há mais de 20 anos. Demonstrando assim, que tal tema já vem sendo estudado a todo esse tempo. Porém, depois dessas duas publicações mencionadas, observamos um hiato nas publicações, com o tema voltando a aparecer apenas em 2011, agora com maior periodicidade e em maior quantidade. Com exceção de 2017, 2019, 2020 e 2021, há a publicação de, pelo menos, um artigo por ano com a temática das emoções na teoria de Vigotski. Além disso, os anos de 2014 e 2018 tem a maior quantidade de publicações, com três artigos cada. Demonstrando um interesse crescente na temática nos últimos anos.

Em relação à vinculação institucional dos autores dos artigos e as respectivas procedências geográficas dessas instituições, apresentamos o Quadro 4:

Quadro 4 – Vinculação institucional e procedência geográfica dos autores

(continua)

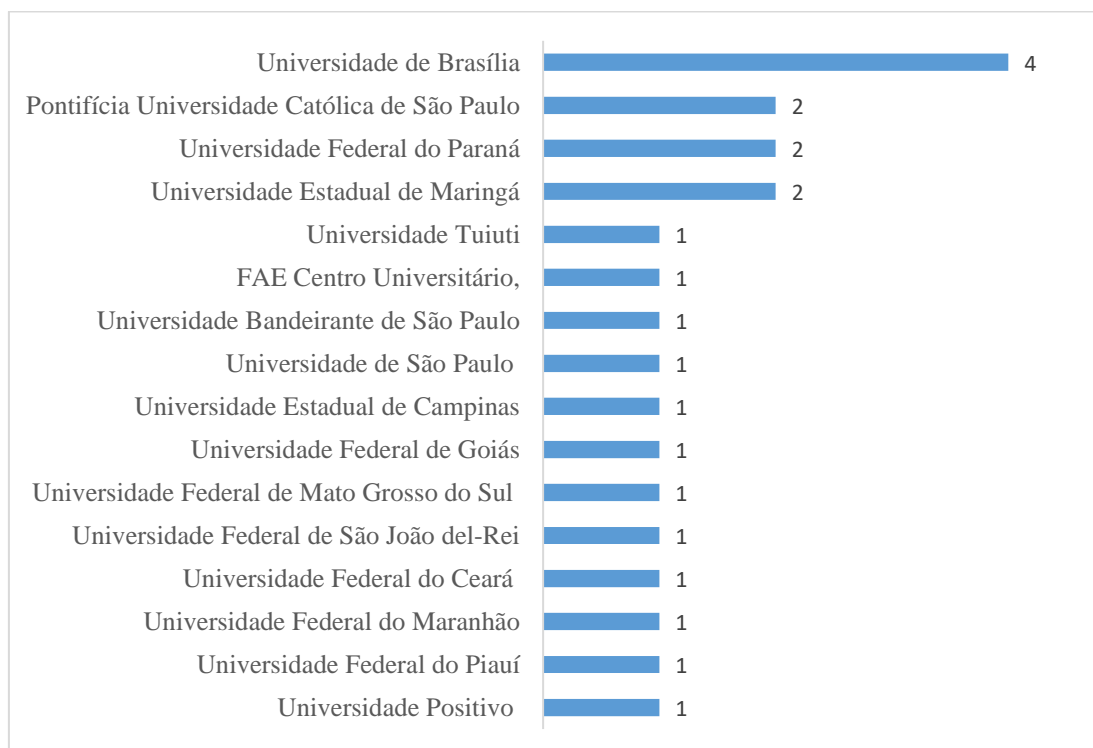
Autor	Vinculação Institucional	Procedência Geográfica
Denise de Camargo	Universidade Federal do Paraná	PR
Fernando L. González Rey	Universidade de Brasília	DF
Letícia Vier Machado; Marilda Gonçalves Dias Facci; Sonia Mari Shima Barroco	Universidade Estadual de Maringá	PR
Maria Thereza Costa Coelho de Souza	Universidade de São Paulo	SP
Gisele Toassa	Universidade Federal de Goiás	GO
Hilusca Alves Leite; Renata da Silva; Silvana Calvo Tuleski	Universidade Estadual de Maringá	PR
Flávio Luiz de Castro Freitas	Universidade Federal do Maranhão	MA
Lavínia Lopes Salomão Magiolino	Universidade Bandeirante de São Paulo	SP
Eliana Sousa Alencar Marques; Maria Vilani Cosme de Carvalho	Universidade Federal do Piauí	PI
Daniela Schmitz Wortmeyer; Daniele Nunes Henrique Silva; Angela Uchoa Branco	Universidade de Brasília	DF

(continuação)

Heriel Luz; Ana Lucia Martins de Souza; Livia Gomes dos Santos	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	MS/SP
Bader Burihan Sawaia; Daniele Nunes Henrique Silva	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de Brasília	SP/DF
Daniele Nunes Henrique Silva; Lavínia Lopes Salomão Magiolino	Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Campinas	DF/SP
Rossana Cristine Floriano Jost; Yára Lucia Mazziotti Bulgacov; Denise de Camargo	FAE Centro Universitário, Universidade Positivo (UP) e Universidade Tuiuti	PR
Paula Maria Ferreira de Faria; Denise de Camargo	Universidade Federal do Paraná	PR
Júlia Loren dos Santos; Marcelo Dalla Vecchia	Universidade Federal de São João del-Rei	MG
Áurea Júlia de Abreu Costa; Jesus Garcia Pascual	Universidade Federal do Ceará	CE

Fonte: a autora

Conforme o Gráfico 2, podemos ver que a instituição que mais tem autores vinculados é a Universidade de Brasília (UNB), com 4 aparições.

Gráfico 2 – Instituições de vínculo dos autores

Fonte: a autora

Imaginamos que essa predominância da UNB se dê pela presença do professor Dr. Fernando L. González Rey (1949-2019), que permaneceu nesta instituição como professor visitante de 1995 até 2000. Um dos artigos apresentados aqui com vinculação à UNB é do próprio autor – “El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski”. González Rey foi um psicólogo, acadêmico e educador cubano, que deixou como legado intelectual uma nova, complexa e influente compreensão da subjetividade a partir dos aportes teóricos da Psicologia Histórico-Cultural (TORRES et al., 2022). Sendo que, em seus estudos sobre a subjetividade, o autor deu especial ênfase as questões das emoções, desenvolvendo importantes teorizações sobre o tema.

Depois, temos as instituições Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Estadual de Maringá (UEM), com duas vinculações cada. Sobre a primeira instituição gostaríamos de chamar a atenção para a importância do seu papel no desenvolvimento da psicologia social no Brasil. Com especial atenção ao trabalho da professora Sílvia Tatiana Maurer Lane (1933-2006), que foi uma das mais importantes influenciadoras no desenvolvimento de um novo projeto para a Psicologia: o projeto do compromisso social. “Sua produção teórica permitiu a construção de novas perspectivas no campo da Psicologia Social, sendo responsável pelo desenvolvimento da perspectiva sócio-histórica na Psicologia Social no Brasil.” (BOCK et. al, 2007, p. 46).

A partir dos trabalhos de Lane, a Escola de São Paulo de Psicologia Social¹⁹ se desenvolveu como um importante expoente nos estudos da teoria de Vigotski. Podemos observar essa relevância até nos outros artigos aqui analisados, muitos deles escritos por ex. orientandos da professora Lane. A exemplo da professora Denise de Camargo, autora dos dois artigos vinculados à UFPR. E também da professora Bader Burihan Sawaia, que tem uma importante contribuição ao legado da Escola de São Paulo. Sawaia foi orientanda de Lane e continuou produzindo na PUC-SP como professora titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. Além de ser coordenadora do GT/CNPq “Afetividade e a dialética exclusão/inclusão”, do - Núcleo de pesquisas psicossociais da dialética exclusão/inclusão da PUCSP (NEXIN) e membro do GT/ANPEPP “A Psicologia Sócio-Histórica e o contexto brasileiro de desigualdade social”, o qual fundou. Além disso, um dos livros da autora, “Artimanhas da exclusão”, é usado como referência em cursos de graduação

¹⁹ De acordo com as nossas pesquisas (CARVALHO, 2014), a expressão “Escola de São Paulo de Psicologia Social” foi usada pela primeira vez no livro “Corrientes teóricas em Psicologia Social” de María Auxiliadora Banchs (1997), e se refere à construção de uma Psicologia Social marxista, orientada para a transformação social da realidade, em que as principais produções se deram no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

de ciências humanas e sociais, em concursos públicos e políticas públicas (SAWAIA, 2022). Demonstrando a relevância da autora nos estudos da afetividade na teoria de Vigotski. A autora também tem um artigo que será analisado nesta metassíntese: “Pelo reencantamento da Psicologia: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano”.

Quanto à procedência geográfica das instituições as quais os autores estão vinculados, observa-se que, das 22 vinculações apresentadas: 7 são da região Sul (todos do Paraná); 6 são de estados na região Sudeste (com 4 no estado de São Paulo e uma em Minas Gerais); 6 na região Centro-Oeste (4 no Distrito Federal, um em Goiás e um no Mato Grosso do Sul) e 3 no Nordeste (um no Ceará, um no Maranhão e outro no Piauí). Nenhum dos autores está vinculado a uma instituição do Norte do país.

No que diz respeito às palavras-chave utilizadas em cada artigo, podemos observar o Quadro 5 abaixo:

Quadro 5 – Quantidade de palavras-chaves

(continua)

<i>Palavra-chave</i>	<i>Quantidade</i>
Emoção	11
Vigotski	6
Psicologia histórico-cultural	4
Atividade	2
Drama	2
Vivência	2
Afetação	1
Bakhtin	1
Comunicação	1
Conversão função	1
Craving (fissura)	1
Desenvolvimento	1
Desenvolvimento humano	1
Desenvolvimento psicológico	1
Dialética	1
Drogas	1
Educação Especial	1

(continuação)

Emoção em Vigotski	1
Encontros alegres	1
Espinosa	1
Funções superiores	1
Gestão	1
Ideologia	1
Imaginação	1
Inclusão educacional	1
Inteligência	1
James, William.	1
Lange, Carl.	1
Método histórico	1
Necessidade	1
Paixão	1
Personalidade	1
Política	1
Potência de agir	1
Psicologia	1
Psicologia do drama	1
Relação professor-aluno	1
Significação	1
Situação social do desenvolvimento	1
Vigotski, Lev Semionovich	1
Vontade	1
Vygotski	1
Wallon	1

Fonte: a autora

Observamos que a palavra-chave mais utilizada foi a “emoção”, com 11 artigos a utilizando, seguida da palavra Vigotski, que também aparece na variação de escrita “Vygotski” e no nome completo do autor “Vigotski, Lev Semionovich”, totalizando 8 aparições. Evidenciando assim, a centralidade que os artigos trazem ao tema das emoções e a

relação com a teoria de Vigotski. Depois desses termos, o que tem mais repetição é o “Psicologia Histórico-Cultural”, com 4 repetições. Demonstrando talvez uma tendência na utilização dessa nomenclatura para a teoria de Vigotski entre os estudiosos brasileiros. Depois dessas palavras, vemos que os termos “atividade”, “drama” e “vivência” se repetem duas vezes cada. Em nossos estudos entendemos que esses conceitos estão intimamente relacionados ao tema das emoções, portanto, faz sentido o seu aparecimento em mais de um artigo. Mas, depois, todas as palavras-chaves tem menções únicas em seus artigos, demonstrando, também, uma diversidade da pesquisa na área. Entendemos que os artigos partiram de um campo comum, o das emoções na teoria de Vigotski, e se desdobraram nas próprias análises. Nos mostra como o campo das emoções é muito fértil para explorações teóricas.

Para possibilitar a abordagem dos interlocutores utilizados pelos autores dos artigos analisados, desenvolvemos uma classificação destes. Sendo ela: a) autores russos estudiosos da teoria de Vigotski; b) autores clássicos; c) Estudiosos da teoria de Vigotski clássicos; d) Estudiosos da teoria de Vigotski contemporâneos; e) Outros pesquisadores da Psicologia; f) Outros pesquisadores. Com isso, pudemos construir o Quadro 6, a seguir. Observamos que não incluímos todos os interlocutores utilizados nos artigos, pois traria uma infinidade de informações em que se perderia a possibilidade de análise e agrupamentos. Apresentamos apenas os interlocutores utilizados de forma central nos artigos.

Quadro 6 – classificação dos interlocutores

(continua)

Classificação	Autores
Autores clássicos	Marx e Engels (LEITE; SILVA; TULESKI, 2013)
	Espinosa (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; SOUZA, 2011; COSTA; PASCUAL, 2012; TOASSA, 2012; FREITAS, 2013; MAGIOLINO, 2014; MARQUES; CARVALHO, 2014; WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014; SAWAIA; SILVA, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016)
	Bakhtin (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; MAGIOLINO, 2014; SAWAIA; SILVA, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016)

(continuação / continua)

Autores russos estudiosos da teoria de Vigotski	Luria (CAMARGO, 1999; LEITE; COSTA; PASCUAL, 2012; SILVA; TULESKI, 2013)
	Leontiev (GONZÁLEZ REY, 2000; LEITE; SILVA; TULESKI, 2013)
	Rubinstein (GONZÁLEZ REY, 2000)
	Zavialoff (1998) (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011)
Estudiosos da teoria de Vigotski clássicos	Gozález Rey (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; SOUZA, 2011; WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014; JOST; BULGACOV; CAMARGO, 2016)
	Lane (CAMARGO, 1999; JOST; BULGACOV; CAMARGO, 2016)
	Pino (SAWAIA; SILVA, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016)
Estudiosos da teoria de Vigotski contemporâneos	Delari Jr. (WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014; SILVA; MAGIOLINO, 2016)
	Sawaia (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; MAGIOLINO, 2014; LUZ; SOUZA; SANTOS, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016)
	Smolka (MAGIOLINO, 2014; WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014; SILVA; MAGIOLINO, 2016)
	Toassa (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; COSTA; PASCUAL, 2012; FREITAS, 2013; MARQUES; CARVALHO, 2014; SANTOS; DALLA VECCHIA, 2018)
	Van der Veer e Valsiner (COSTA; PASCUAL, 2012; TOASSA, 2012; WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014)
Outros pesquisadores da Psicologia	Clot (MAGIOLINO, 2014; JOST; BULGACOV; CAMARGO, 2016)
	Wallon (CAMARGO, 1999)

(continuação)

Outros pesquisadores	Deleuze (FREITAS, 2013)
	Lukács (MAGIOLINO, 2014)
	Merleau-Ponty (CAMARGO, 1999)

Fonte: a autora

A partir dessa classificação dos interlocutores, pudemos observar certas tendências e divergências entre os autores. Há os que buscam se basear mais nos autores clássicos do marxismo (LEITE; SILVA; TULESKI, 2013). Por outro lado, temos os que abordam interlocutores clássico já utilizados por Vigotski (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; FREITAS, 2013; MAGIOLINO, 2014; MARQUES; CARVALHO, 2014; SAWAIA; SILVA, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016). Outros que se baseiam nos estudiosos da teoria de Vigotski (CAMARGO, 1999; MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; FREITAS, 2013; MAGIOLINO, 2014; SAWAIA; SILVA, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016). E os que buscam trazer novos interlocutores de teorias que não conversavam anteriormente com a teoria de Vigotski (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; MAGIOLINO, 2014; WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014; LUZ; SOUZA; SANTOS, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016).

Podemos observar no texto de Leite, Silva e Tuleski (2013), por exemplo, uma abordagem que consideramos mais ortodoxa do marxismo, com isso, vemos que as autoras trazem citações de Marx e Engels para abordar os temas do desenvolvimento humano, da historicidade e das relações humanas, com bastante atenção aos preceitos elaborados pelos grandes teóricos. Mas, embora não citem diretamente Marx ou Engels, muitos autores também não deixam de abordar as bases marxistas da teoria de Vigotski (GONZÁLEZ REY, 2000; COSTA; PASCUAL, 2012; TOASSA, 2012), demonstrando essa tendência, a qual também compartilhamos, de compreender o pensamento de Vigotski como efetivamente marxista.

O autor clássico mais abordado pelos autores é Espinosa (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; SOUZA, 2011; COSTA; PASCUAL, 2012; TOASSA, 2012; FREITAS, 2013; MAGIOLINO, 2014; MARQUES; CARVALHO, 2014; WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014; SAWAIA; SILVA, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016) entendemos essa tendência porque a teoria de Espinosa se apresenta como a principal base das ideias de Vigotski no campo da teoria das emoções. As proposições da dimensão afetiva como parte constitutiva da natureza humana, a compreensão monista da relação entre cognição e afeto,

compreendidos como unidade, a defesa de que as emoções podem se transformar e se desenvolver e a ideia de que os afetos aumentam ou diminuem a nossa capacidade de agir, são todas espinosanas. Tais ideias são apropriadas e desenvolvidas por Vigotski e são apresentadas nos textos dos diferentes autores, em sua maioria concordando que Vigotski se baseou nos preceitos de Espinosa. Mas, Costa e Pascual (2012) se contrapõem à essa ideia, os autores defendem que a teoria de Vigotski não atendeu às próprias expectativas de ter uma base na filosofia de Espinosa. Pois, entendem que “[...] os referenciais epistemológicos dos quais partem Vigotski (materialismo histórico-dialético) e Espinosa (racionalismo monista) são diferentes.” (COSTA; PASCUAL, 2012, p. 635). Eles compreendem que a teoria de Espinosa segue a trilha do idealismo, pois trata da natureza racionalizada e não materializada, com isso, consciência/razão precederia a matéria, o que contradiz o pressuposto marxista do materialismo. Não concordamos com essa ideia desses autores, pois vemos, com todos os outros autores, que Vigotski conseguiu, a partir da teoria de Espinosa, trazer a base para a explicação materialista das emoções.

Os autores (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; MAGIOLINO, 2014; SAWAIA; SILVA, 2015; SILVA; MAGIOLINO, 2016) também trazem uma aproximação de Vigotski com o filósofo Bakhtin, abordando as teorizações do último autor sobre semiótica, linguagem e signos, concepção dialógica de linguagem e discurso, possibilidades imaginativas e sobre a estética e, a partir dessa relação entre os autores, abordam a temática das emoções. Além de Bakhtin, outros autores que não conversavam inicialmente com a teoria de Vigotski, são abordados nos artigos, como Clot (MAGIOLINO, 2014; JOST; BULGACOV; CAMARGO, 2016), Wallon (CAMARGO, 1999), Deleuze (FREITAS, 2013), Lukács (MAGIOLINO, 2014), Merleau-Ponty (CAMARGO, 1999). Trazendo novas possibilidades de enriquecer e interpretar a teoria do autor bielorrusso.

Além disso, vemos que vários autores também trazem os estudiosos da teoria de Vigotski, tanto clássico, quanto contemporâneos, demonstrando como o fazer científico deve ser coletivo e estar em constante interlocução com outros autores. Camargo (1999) e Jost; Bulgacov; Camargo (2016) utilizam Lane como referência para abordar a importância das relações sociais para o desenvolvimento das emoções e que elas medeiam o pensamento e a linguagem na comunicação com nossos pares. Já Luria, aparece nas referências de Camargo (1999), Leite, Silva e Tuleski (2013) e Costa e Pascual (2012) para apresentar a palavra como regulador da conduta (CAMARGO, 1999), abordar o desenvolvimento da linguagem e do pensamento (LEITE; SILVA; TULESKI, 2013) e falar sobre o funcionamento do cérebro (COSTA; PASCUAL, 2012). Leontiev aparece nas citações de Gozález Rey (2000) e Leite,

Silva e Tuleski (2013). Porém o primeiro faz uma crítica à teoria do autor russo, enquanto as segundas se apropriam de sua teoria. E outros autores contemporâneos são apropriados pelos diferentes autores dos artigos estudados para dar sustentação às ideias defendidas e trazer a continuidade aos estudos de Vigotski.

Após analisar os interlocutores utilizados pelos autores, entraremos na última fase de nossa metassíntese, sendo ela a interpretação. A fim de possibilitar a nossa interpretação, formulamos uma classificação de como os artigos conceituaram as emoções na teoria de Vigotski. Elaboramos, assim, **subtemas conceituais** para compreender o que seriam as emoções na teoria de Vigotski, sendo eles: a) Emoção como forma de comunicação; b) emoção em unidade com a razão (unidade afeto e intelecto); c) emoção em seu papel motivacional (base afetivo-volitiva das ações); d) as emoções se desenvolvem/transformam; e) emoções em relação com o meio social; f) emoção como Função Psicológica Superior; g) emoção como função que permeia as outras funções psicológicas.

O primeiro subtema conceitual, a) emoção como forma de comunicação, é uma tese defendida por Camargo, e aparece em dois de seus textos aqui abordados (CAMARGO, 1999; FARIA; CAMARGO, 2018). No primeiro, a autora defende a ideia de que a emoção é a primeira forma de comunicação. A compreende como uma “reação vital de vinculação com o mundo exterior.” (CAMARGO, 1999, p. 10). É a partir das emoções, justamente por esse seu caráter de comunicação emocional primária, que se inicia as bases das relações interindividuais, isto é, a emoção que permite estabelecer as relações iniciais. A autora aponta, ainda, que a emoção não é uma linguagem, mas um meio de expressão que abre o caminho da linguagem. Em seu outro texto, escrito com Faria, as autoras também reforçam a ideia de que as emoções são consideradas como primeira forma de comunicação.

Os próximos três subtemas: b) emoção em unidade com a razão (unidade afeto e intelecto); c) emoção em seu papel motivacional (base afetivo-volitiva das ações) e d) as emoções se desenvolvem/transformam, estão vinculados ao legado de Espinosa apropriado por Vigotski. Essas ideias estão presentes em quase todos os textos aqui analisados, não à toa, Espinosa foi o interlocutor mais citado pelos autores. O único artigo que não trouxe algum desses conceitos foi o de Santos e Dalla Vecchia (2018), que aborda a função da vontade, mas sem trazer a sua relação com as emoções.

Consideramos essas ideias abordadas nesses subtemas as mais importantes e revolucionárias da contribuição de Espinosa e Vigotski para a teoria das emoções de forma geral. O primeiro subtema, da compreensão das emoções em unidade com a razão, é uma contraposição direta às ideias de Descartes, até hoje tão em voga, de que a razão seria

“superior” à emoção. Foi o monismo da teoria de Espinosa que deu base para a compreensão de Vigotski do afeto e do intelecto como unidade, além de possibilitar se contrapor a teoria dualista de James e Lange (GONZÁLEZ REY, 2000; MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; SOUZA, 2011, TOASSA, 2012, FREITAS, 2013; MARQUES; CARVALHO, 2014; LUZ; SOUZA; SANTOS, 2015; FARIA; CAMARGO, 2018).

Camargo (1999) aponta que, na teoria de Vigotski, qualquer que seja a forma do pensamento, ele tem em sua base uma emoção. Além disso, Souza (2011) nos mostra que “O ponto onde se encontram afetividade e inteligência, para Vygotsky, é na palavra, quanto aos seus dois componentes essenciais: o significado e o sentido.” (2011, p. 251). A autora elabora uma discussão sobre significado e sentido e relaciona o significado à inteligência e o sentido às emoções. Leite, Silva e Tuleski (2013) parecem concordar com essa proposição de Souza, ao abordarem a unidade entre emoção e razão, as autoras também apontam que “[...] a emoção de ordem superior é, portanto, aquela que está completamente baseada na razão, ou seja, ela pode ser traduzida pelo pensamento verbal e o indivíduo que a expressa estar consciente dos fatores a ela relacionados.” (2013, p. 45). Outra ideia que consideramos inovadora, foi a trazida por Sawaia e Silva (2015), ao afirmarem que “A emoção é o radar ético das formas de afetação do meu corpo e mente pelos encontros que a existência me oferece.” (p. 355). Ou seja, não apenas racionalizamos sobre as emoções, mas elas se constituem como uma orientação para a nossa conduta, o que nos leva às elaborações do nosso próximo subtema conceitual, que é o da base afetivo-volitiva das emoções.

Vários dos autores também abordam o papel das emoções em mobilizar o sujeito para a ação, apontam que elas se apresentam enquanto elemento de mediação entre o indivíduo e a atividade (JOST; BULGACOV; CAMARGO, 2016). Com isso, entende-se que, para Vigotski, a reação emocional é um poderoso organizador do comportamento, sendo um chamado à ação (WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014; FARIA; CAMARGO, 2018). Assim, Silva e Magiolino (2016) defendem que a compreensão sobre as paixões como algo irremediavelmente associado à servidão precisa ser revista. Em contraposição, temos a compreensão espinosana das paixões como potência, como o que nos move (SILVA; MAGIOLINO, 2016).

Assim, para Espinosa, uma paixão não é dada a priori, como em Descartes, no sujeito cuja alma padece, mas pelo/no encontro e composição entre os corpos, pela/na relação entre os homens. Quando o homem é causa inadequada do que se produz dentro ou fora dele, ou seja, quando não é causa total, temos um afeto passivo ou uma paixão triste. De modo inverso, uma ação é dada quando o que se produz dentro ou fora do homem pode ser clara e distintamente conhecido ou

compreendido apenas por ele; nesse caso, temos um afeto ativo ou uma paixão alegre que potencializa a ação. (SILVA; MAGIOLINO, 2016, p. 48).

Ou seja, as paixões alegres aumentam a nossa potência para a ação, enquanto as paixões tristes a refreiam. Ainda nas palavras de Espinosa, segundo Marques e Carvalho (2014), entendemos que os afetos são as afecções do corpo pelas quais nossa potência de agir é aumentada ou diminuída.

Ao falar sobre a unidade afetivo-volitiva Vigotski, citado por Camargo (1999), desenvolve uma elaboração sobre a base afetivo-volitiva do pensamento. Integrando, nas emoções, as duas unidades aqui citadas: unidade afetivo-cognitiva e unidade afetivo-volitiva. De acordo com o autor, o pensamento é gerado pela motivação, ou seja, por nossos desejos e necessidade, nossos interesses e emoções, em última instância. Portanto, por trás de cada pensamento, há uma tendência afetivo-volitiva. Ao discorrer sobre a base afetivo-volitiva do pensamento, González Rey (2000) traz o papel das necessidades e dos motivos no desenvolvimento humano e aborda o papel das emoções nessa motivação para as ações que vão suprir as necessidades do indivíduo e levar ao desenvolvimento. Ao abordar esse papel das emoções, o autor aponta que as emoções se desenvolvem da mesma forma que as necessidades e integrada com elas, nos levando ao nosso próximo subtema, o de que as emoções se desenvolvem/transformam.

Vários autores também concordam com a ideia de que as emoções se transformam ao longo da vida (CAMARGO, 1999; MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; MAGIOLINO, 2014; COSTA; PASCUAL, 2012). Outra ideia proposta por Vigotski também considerada por nós inovadora e revolucionária, pois se contrapõe à concepção de senso comum de que as emoções são estáticas, quase como uma herança biológico imutável, e abre ao indivíduo a possibilidade de transformá-las (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011). Segundo Souza (2011), para Vigotski, essa transformação das emoções aconteceria à medida que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos do indivíduo se desenvolvem. Magiolino (2014) também aborda essa ideia, defendendo que o autor se apropria da concepção espinosana de afeto ativo, marcado pela razão, ou seja, “o afeto pode se transformar, quando dele tomamos conhecimento e consciência.” (MAGIOLINO, 2014, p. 51).

Aqui, abordamos novamente a ideia de compreender as emoções e a cognição em unidade, demonstrando a integração da teoria desenvolvida por Vigotski. Com isso, podemos concluir que emocionar-se seria, para Vigotski, “[...] ultrapassar a constatação das mudanças no corpo (reações reflexas que provocam alteração na cor da pele, ressecamento da boca, sudorese, palpitações etc.) para dar-lhes *significação* no repertório das ações humanas.”

(COSTA; PASCUAL, 2012, p. 626 – destaque dos autores). Assim, podemos compreender as emoções humanas como processos psicológicos que se transformam na história e na cultura e se constituem como um processo sógnico, impregnado de um conteúdo ou sentido ideológico e vivencial (MAGIOLINO, 2014), nos levando ao nosso próximo subtema conceitual, das emoções em relação com o meio social.

Machado, Facci e Barroco (2011), chamam a possibilidade das emoções se desenvolverem de caráter histórico, e apontam, que para além das emoções serem históricas, elas também “[...] dependem da maneira de viver da sociedade, da classe social a que o indivíduo pertence e de sua educação.” (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 652). Ou seja, as emoções são construídas e desenvolvidas a partir das condições materiais de produção, sendo esta a base para a explicação materialista das emoções (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011). Outros autores também concordam com essa ideia, reforçando a base materialista do pensamento de Vigotski, Magiolino (2014), por exemplo, aponta que compreender a questão das emoções na obra de Vigotski implica pensar no processo de constituição da personalidade e do sistema interfuncional e dinâmico, que caracteriza o psiquismo humano, na história e na cultura. Já Silva e Magiolino (2016) elaboram que a paixão reside contraditoriamente na tensão entre a causalidade, a historicidade e certo tipo de escolha de ordem subjetiva. E que isto significa dizer que as paixões emergem em condições materiais bem objetivas e concretas. Jost, Bulgacov e Camargo (2016), por sua vez, com o objetivo de ampliar o conceito de emoção, apresentam-no “[...] como produção sociocultural constituinte da subjetividade humana e presente na atividade do sujeito em sua interação com o mundo.” (p. 247). Ou seja, as emoções não se restringem a aspectos biológicos, mas vinculam-se diretamente à realidade objetiva, social, histórica e culturalmente vivenciada, marcando a constituição da intersubjetividade (FARIA; CAMARGO, 2018).

Assim, as emoções devem ser compreendidas como expressões genuínas referentes a um determinado contexto (FARIA; CAMARGO, 2018). Costa e Pascual (2012) também entendem que Vigotski concebia as emoções como processos cujas especificidades se constituem nas suas dimensões orgânica e sócio-histórico-cultural. E apontam que as emoções se desenvolveram da mesma forma que as outras funções psicológicas, e em relação com elas. Nos levando aos nossos dois últimos subtemas conceituais: f) emoção como Função Psicológica Superior; g) emoção como função que permeia as outras funções psicológicas.

Aqui, pensamos ter o maior ponto de divergência entre os autores analisados. Pois, alguns compreendem as emoções como uma Função Psicológica Superior, enquanto outros, a veem como uma Função que atravessa todas as outras. Machado, Facci e Barroco, (2011);

Leite, Silva e Tuleski (2013) e Costa e Pascual, 2012, são os autores analisados que fazem a defesa explícita de que a emoção é uma FPS.

Para Vigotski, as emoções são funções psicológicas superiores, portanto, culturalizadas e passíveis de desenvolvimento, transformação ou novas aparições. Além disso, a concepção vigotskiana de emoção coloca esse processo psicológico em estreita relação com outros do psiquismo humano. (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 651).

As autoras entendem que o caráter das emoções se desenvolverem e serem culturalizadas é o que atribui a elas o status de FPS. Além disso, defendem que Vigotski situa as emoções no mesmo plano das demais funções psicológicas, “nem alguém – como faz a teoria organicista – tampouco além, como uma transcendência afetiva.” (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 653).

Nessa mesma direção, Costa e Pascual (2012) afirmam:

Assim, como funções psicológicas superiores, as emoções devem ser compreendidas em suas múltiplas dimensões, isto é, emergem de funções elementares (natureza orgânica), mas não se reduzem a essa, transformando-se na e pela interação com outras funções psicológicas tipicamente humanas. (COSTA; PASCUAL, 2012, p. 629).

Assim, as emoções se desenvolvem a partir de suas conexões de origem biológica e, quando mediadas pela cultura, transformam-se em formas mais diversificadas e complexas de organização afetiva. A partir dessas elaborações, os autores também defendem que as emoções não podem ser entendidas como “acessórios prescindíveis da vida humana – adiposidade emocional aderida às sensações -, mas como dimensão inalienável dessa, na medida em que medeiam as interações humanas e as práticas sociais”. (COSTA; PASCUAL, 2012, p. 629). E a dimensão psicológica das emoções transforma as suas manifestações fisiológicas em significações subjetivas. As emoções,

Adquirem o caráter de “superiores” devido ao fato de essas funções serem reguladas pelo córtex cerebral - camada mais externa do cérebro, de origem filogenética recente, que permite ao sujeito exercer controle sobre a própria conduta (Vigotski, 1931/1995). As interações entre a dimensão biológica (cérebro humano) e a cultura determinam o surgimento das funções psicológicas superiores e, conseqüentemente, da própria condição humana. (COSTA; PASCUAL, 2012, p. 632).

Diante desse entendimento da emoção como uma Função Psicológica Superior, os autores nos fazem uma ressalva, de que é necessário entendê-la em conjunto com as outras funções. Vigotski fazia uma crítica da ideia de entender as FPS isoladamente, pois, ao se

ocupar da análise fragmentada das partes componentes da consciência, isso refletia em um esquecimento do ser humano, perdendo a sua totalidade.

Leite, Silva e Tuleski (2013) também defendem a ideia da emoção como FPS, até o título de seu artigo já o anuncia: “A emoção como função superior”. As autoras caracterizam a emoção de ordem superior como aquela que está completamente baseada na razão, “[...] ou seja, ela pode ser traduzida pelo pensamento verbal e o indivíduo que a expressa estar consciente dos fatores a ela relacionados.” (LEITE; SILVA; TULESKI, 2013, p. 45). Dessa forma, as pesquisadoras entendem que a emoção está diretamente relacionada e é constitutiva das demais funções superiores, ela se manifesta nos motivos das ações, e pode ser expressa pela linguagem. E torna-se “consciente a partir do pensamento e da imaginação, os quais, por sua vez, também são movidos por desejos e necessidades.” (LEITE; SILVA; TULESKI, 2013, p. 45). As ideias abordadas por Leite, Silva e Tuleski (2013), nos remetem, justamente, ao nosso próximo subtema, da emoção como uma função que permeia as outras funções.

Os autores que apresentam esta concepção são Magiolino (2014), Wortmeyer, Silva e Branco (2014), Luz, Souza e Santos (2015), Sawaia e Silva (2015) e Silva e Magiolino (2016). Ao abordar o tema, Magiolino (2014) e Silva e Magiolino (2016) nos dizem que a emoção se apresenta como um processo dialético (por ser sempre impregnada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial), de caráter refratário (que reflete uma realidade e refrata outra) e contraditório (por ser significada na relação de alteridade e no contexto enunciativo em que emerge e se (re)produz). A partir disso, as autoras entendem que as emoções podem ser tomadas como organizadores internos de nosso comportamento, com isso, permeiam todas as outras funções psicológicas.

Na esteira da compreensão das emoções como organizadores internos do comportamento Wortmeyer, Silva e Branco (2014) apontam que, para explicar essa concepção, Vigotski tomou como premissa a origem biológica das emoções: “considerando-as como resultantes de uma avaliação do organismo em relação a determinados estímulos internos ou externos.” (p. 288). Com isso, se apresentam como um poderoso organizador do comportamento. “Nesse cenário, afeto, os sentimentos e as emoções são compreendidos como constitutivos da personalidade e das funções psicológicas superiores.” (WORTMEYER; SILVA; BRANCO, 2014, p. 289). Sendo constitutivas das FPS, ou seja, permeando todas elas.

Já Luz, Souza e Santos (2015) trazem que Vigotski concordou com Lewin, ao afirmar que “[...] as emoções não estão associadas ou dissociadas desse ou daquele aspecto, mas se

constituem na integralidade de todo o processo psicológico.” (p. 71). Além disso, os autores apontam que Vigotski demonstra que, partindo da análise da senso-percepção “[...] desde seu momento inicial de afecção até sua significação e resposta comportamental, a emoção constitui e integraliza todo o processo.” (p. 71). Ou seja, está permeando toda essa função psicológica. “Mas, segundo Sawaia (2010), isso não deve exprimir o desejo de investigar as emoções com receitas rápidas como fast-foods, nem de medicalizá-las antes de compreendê-las ou analisá-las.” (LUZ; SOUZA; SANTOS, 2015, p. 72). Pois, como já trouxemos aqui Sawaia e Silva (2015) sustentam que as emoções se configuram como o “[...] radar ético das formas de afetação do meu corpo e mente pelos encontros que a existência me oferece.” (p. 355).

Diante do exposto sobre os dois subtemas conceituais apresentados, gostaríamos aqui de nos atrever a compreender essas conceituações não como divergentes, mas como complementares. Entendemos que Vigotski não caracterizou as emoções como Funções Psicológicas Superiores, às colocando mais próximas do desenvolvimento da inteligência, por exemplo, que ao se desenvolver requalifica todas as outras funções. Com base na compreensão das emoções em unidade com a razão, essa proximidade não poderia ser mais acertada. Mas, também entendemos que devemos compreender todas as funções do psiquismo em unidade, não isoladamente, isto é, cada função vai requalificando as outras, sempre em totalidade. Assim, nos parece que a compreensão da emoção como uma Função Psicológica Superior, pode auxiliar-nos a compreender que essa função do psiquismo se requalifica com o desenvolvimento dos conceitos, bem como todas as outras funções. Entendemos que estudos mais aprofundados a respeito das Funções Psicológicas e seu desenvolvimento, são necessários para sustentar ou refutar essa nossa concordância. Não pretendemos aqui fechar esse assunto ou dar uma resposta definitiva para essas teorizações, pelo contrário, gostaríamos de manter esse questionamento em futuros estudos.

Nesta subseção buscamos realizar uma metassíntese do conceito de emoções na teoria de Vigotski estudada no Brasil. A partir de nossa pesquisa bibliográfica e processos de refinamento, pudemos chegar a 17 artigos que foram analisados. Para a nossa análise, nos propusemos classificar as teorizações trazidas nos artigos em 7 subtemas conceituais: a) emoção como forma de comunicação; b) emoção em unidade com a razão (unidade afeto e intelecto); c) emoção em seu papel motivacional (base afetivo-volitiva das ações); d) as emoções se desenvolvem/transformam; e) emoções em relação com o meio social; f) emoção como Função Psicológica Superior; g) emoção como função que permeia as outras funções psicológicas.

Consideramos os subtemas conceituais b, c e d as maiores contribuições de Vigotski e seus estudiosos ao tema das emoções, pois entendemos que requalificam o entendimento de senso-comum das emoções. As emoções não são entendidas como algo inferior a razão e que devem ser suprimidas, mas em completa relação com ela, com isso, entende-se que são as emoções que tem o papel central em nos motivar para as ações. E as emoções não são estáticas e imutáveis, mas, pelo contrário, tem possibilidade de se desenvolver e se transformar. Munidos desses três conceitos é que vemos a potencialidade de nosso estudo, pois entendemos que as emoções podem ser transformadas por meio da arte, com isso, mudamos a nossa disposição e motivação para as ações na nossa vida, além de mudar o nosso entendimento sobre as nossas vivências. Com isso, empreenderemos a nossa análise do *Livro dos abraços*, a seguir, munidos desses conceitos aqui elaborados.

4. O LIVRO DOS ABRAÇOS: POÉTICA TRANSFORMADORA

Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. (Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*)

Nas duas seções anteriores procurou-se estabelecer um caminho que permitisse ao leitor compreender o papel da arte no desenvolvimento das emoções e a importância destas para o desenvolvimento humano. Partiu-se dos pressupostos da teoria de Vigotski, pautada no método materialista histórico-dialético. Inicialmente expusemos os fundamentos da *Psicologia da Arte* de Vigotski, em que foram abordadas as consequências da resposta estética no psiquismo do ser humano como possibilidade de desenvolvimento e o método objetivamente-analítico que fundamenta a nossa análise da obra de arte. Frisamos o entendimento do psiquismo humano em seu caráter essencialmente social e como desdobramento das objetivações historicamente acumuladas pelo gênero humano. Nessa perspectiva compreende-se a arte, portanto, como uma complexa objetivação humana capaz de intervir e requalificar a relação dos indivíduos com o mundo e com seu próprio gênero, e, conseqüentemente, produzir novos sentimentos e emoções e provocar modificações no psiquismo dos mesmos. Além disso, afirmamos sobre a potencialidade do uso da arte no contexto da psicoterapia, que pode ser utilizada como ferramenta neste contexto para dar outros significados para as vivências do sujeito, permitindo que o indivíduo vislumbre novas formas de se atuar na realidade e de lidar com o próprio sofrimento.

Na seção seguinte foi apresentada a *Teoria das Emoções* de Vigotski, a fim de superar o entendimento cartesiano, dualista e racionalista, das emoções. A superação das dicotomias “razão e emoção” e “mente e corpo” foi abordada, com a defesa do entendimento dessas categorias em unidade, sempre em relação, não subjugando uma à outra. Além do entendimento das emoções em seu papel motivacional, demonstrou-se sua importância para o desenvolvimento das ações dos indivíduos. Bem como, o entendimento de que as próprias emoções podem se desenvolver/transformar, o que leva ao desenvolvimento do psiquismo como um todo. Demarca assim, nossa defesa de que as emoções devem ser entendidas e reguladas, não mais negligenciadas em detrimento da razão ou de outras funções. Apresentamos, ainda, a nossa metassíntese sobre o conceito de emoção na teoria de Vigotski na contemporaneidade. Em nossa síntese interpretativa deste conceito, pudemos observar, novamente, a centralidade do entendimento da razão e emoção em unidade, o papel

motivacional das emoções e a sua possibilidade de transformação e desenvolvimento ao longo da vida dos indivíduos.

A partir disso, consideramos de especial relevância empreender uma análise de obra de arte, nos termos apresentados na primeira seção, a fim de compreender como as emoções podem ser desenvolvidas por meio dessa obra e com isso gerar desenvolvimento humano. Assim sendo, o objetivo principal da presente seção é analisar a obra *O Livro dos Abraços* de Eduardo Galeano, a fim de compreender o caráter **emocional** dessa obra e qual é a resposta estética que ela pode gerar e como, com isso, ela possibilita o desenvolvimento humano. Assim como, apontar a importância que tal obra pode ter como um instrumento de intervenção psicológica. Para tanto, inicialmente, será analisada especificamente a obra aqui abordada, com especial atenção para o seu caráter de memória histórica da América-Latina. Para, então, empreendermos a nossa análise psicológica da obra. Para tanto, elegemos a categoria do fatalismo, da teoria de Martín-Baró (2017) e as categorias de servidão, inclusão perversa e sofrimento ético-político elaboradas por Sawaia (1999; 2009) para fundamentar a nossa análise.

4.1 *O Livro dos Abraços*: memória viva do povo latino americano

A gigantesca tarefa da literatura latino-americana contemporânea consistiu em dar voz aos silêncios de nossa história, em responder com a verdade às mentiras de nossa história (Carlos Fuentes, em *La nueva novela latinoamericana*)

Eduardo Germán María Hughes Galeano nasceu em 3 de setembro de 1940, em Montevidéu, cidade onde faleceu em decorrência de um câncer de pulmão, aos 74 anos, no dia 13 de abril de 2015. Foi um escritor e jornalista que influenciou profundamente o pensamento de esquerda latino-americano. Com o regime militar no Uruguai nos anos 1970, o autor foi perseguido pela publicação de seu livro *As Veias Abertas da América Latina* (1971), obra de referência da esquerda, na qual o autor analisa a história da América Latina e do colonialismo até o século 20. Tal obra se tornou icônica pois, Galeano inverte a lógica da ideologia dominante, e apresenta a história pela ótica dos oprimidos, não mais dos opressores²⁰. Em 1973, o autor foi preso pelo regime militar no Uruguai, posteriormente, exilou-se na Argentina. Mas, devido à crescente violência da ditadura militar na Argentina, em 1976, mudou-se para a Espanha, na região da Catalunha. No início de 1985, com o fim da ditadura no Uruguai, pode voltar para Montevidéu (FRAZÃO, 2017).

²⁰ Como o própria Galeano (2020) nos lembra de um provérbio da África: “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador” (p. 116).

Galeano é reconhecido pelo seu importante trabalho de **memória** realizado no combate ao esquecimento das barbáries cometidas contra o povo latino-americano desde a época da colonização (MIRANDA, 2020). É autor de diversos textos e passou por diferentes fases de escrita. Miranda (2020) defende que a escrita do autor passa por uma transmutação, da escrita referencial, engajada, em **escritura** com uso potencial da função poética na composição das narrativas. “Percebemos que Galeano buscou compor um procedimento que não estivesse preocupado com o relato minucioso dos fatos, mas com sua interpretação histórica.” (MIRANDA, 2020, p. 08). Com isso, o autor se afastou de um texto historiográfico e buscou manifestar de forma poética “[...] as memórias roubadas, emudecidas e timidamente tratadas pela historiografia oficial.” (MIRANDA, 2020, p. 09). Ao transformar a dor e a angústia em poética, Galeano cumpre com a gigantesca tarefa de dar voz aos silêncios de nossa história.

Estamos em consonância e entendemos que *O Livro dos Abraços* se configura como essa literatura poética. Essa escritura de Galeano se apresenta como um registro da memória, da vivência, de nosso povo latino-americano. Antes de apresentarmos o livro elegido para a nossa análise, me permito aqui uma pequena transgressão das normas da impessoalidade própria da escrita acadêmica. Permito-me contar ao leitor como o livro analisado me chegou em mãos, na introdução justifiquei a escolha do livro pela minha trajetória profissional com ele, mas, agora me permito contar como se deu esse encontro entre a pesquisadora e a obra. Por isso escolhi utilizar a primeira pessoa do singular, por acha-la mais adequada ao tom confessional desse momento. Depois retomarei a primeira pessoa do plural, mais adequada à escrita acadêmica.

Não conheci o livro pelo seu conteúdo em si, nem por recomendação de terceiros, mas me chegou por meio de uma das inúmeras gravuras contidas no livro – que, posteriormente descobri que foram desenhadas pelo próprio Galeano. Em meados de 2014 estava rolando o *feed* de alguma dessas redes sociais que se tornaram parte integrante de nossa socialização. Quando me deparo com a seguinte imagem:

Figura 1 – Paradoxos



FONTE: Eduardo Galeano, *O Livro dos abraços*, 2020.

Fiquei encantada com o desenho que vi. A imagem estava em formato de tatuagem, na pele de uma cliente de uma tatuadora que eu acompanhava o trabalho na época. Na legenda encontrei a referência do livro, logo fui buscar na *internet* e encontrei esse tal *O Livro dos Abraços*. O primeiro conto que li foi o que acompanhava a imagem que me encantou, sendo o conto intitulado “paradoxos”:

Paradoxos

Se a contradição for o pulmão da história, o paradoxo deverá ser, penso eu, o espelho que a história usa para debochar de nós. Nem o próprio filho de Deus salvou-se do paradoxo. Ele escolheu, para nascer, um deserto subtropical onde jamais nevou, mas a neve se converteu num símbolo universal do Natal desde que a Europa decidiu europeizar Jesus. E para mais *inri*, o nascimento de Jesus é, hoje em dia, o negócio que mais dinheiro dá aos mercadores que Jesus tinha expulsado do templo.

Napoleão Bonaparte, o mais francês dos franceses, não era francês. Não era russo Josef Stálin, o mais russo dos russos; e o mais alemão dos alemães, Adolf Hitler, tinha nascido na Áustria. Margherita Sarfatti, a mulher mais amada pelo anti-semita Mussolini, era judia. José Carlos Mariátegui, o mais marxista dos marxistas latino-americanos, acreditava fervorosamente em Deus. O Che Guevara tinha sido declarado completamente incapaz para a vida militar pelo exército argentino.

Das mãos de um escultor chamado Aleijadinho, que era o mais feio dos brasileiros, nasceram as mais altas formosuras do Brasil. Os negros norte-americanos, os mais oprimidos, criaram o jazz, que é a mais livre das músicas. No fundo de um cárcere foi concebido o Dom Quixote, o mais andante dos cavaleiros. E cúmulo dos paradoxos, Dom Quixote nunca disse sua frase mais célebre. Nunca disse: *Ladram, Sancho, sinal que cavalgamos*.

"Acho que você está meio nervosa", diz o histérico. "Te odeio", diz a apaixonada. "Não haverá desvalorização", diz, na véspera da desvalorização, o ministro da Economia. "Os militares respeitam a Constituição", diz, na véspera do golpe de Estado, o ministro da Defesa.

Em sua guerra contra a revolução sandinista, o governo dos Estados Unidos coincidia, paradoxalmente, com o Partido Comunista da Nicarágua. E paradoxais foram, enfim, as barricadas sandinistas durante a ditadura de Somoza: as barricadas, que fechavam as ruas, abriam o caminho.

(GALEANO, 2020, p. 126-127).

O encantamento pelas imagens se transpôs ao encantamento pelos relatos do livro, um conto puxava outro até o fim da leitura do livro, seguidas de posteriores releituras constantes. A imagem encantadora veio para o meu corpo, se tornando minha primeira tatuagem – confesso que burlei o acordo implícito entre as pessoas tatuadas, de não copiar a tatuagem dos outros. O livro continuou me encantando, passou a ser parte de minhas intervenções como psicóloga, como já relatado anteriormente. Assim, levou ao desejo de desvelar o que me emocionava tanto nessas leituras, e era capaz de emocionar tantos outros.

Com o aprofundamento dos estudos da Psicologia da arte de Vigotski, comecei a entender um pouco mais o que me movimentava tanto nesta pequena grande obra. Com isso, passei a querer entender o papel das emoções nessa relação com a arte, levando ao estudo e desenvolvimento do projeto de dissertação aqui apresentado. Desse modo, a partir dessa minha experiência singular compartilhada, que desejo poder entender esse papel da arte nas emoções e esse papel das emoções no nosso desenvolvimento. Agora, retomemos a apresentação do livro.

Segundo Diniz (2019), a leitura do texto d’*O Livro dos Abraços* gera uma série de questionamentos: “*que tipo de texto eu estou lendo?*”. Seria uma narrativa, pela forma com que são apresentados os acontecimentos? Um gênero de prosa poética, pelo tom lírico? Ou é uma crônica jornalística, voltada para a apresentação de determinados fatos históricos? Sobre a tentativa de classificar o livro em algum gênero literário clássico, o próprio Galeano (1980) comenta que a classificação engessada dos gêneros é um aparato ideológico utilizado pelos grupos dominantes para deslegitimar manifestações literárias diferentes do livro. Desse modo, Galeano recupera esta forma literária popular que transmite a tradição e o conhecimento (DINIZ, 2019), quase nos remetendo a uma tradição oral.

Diniz (2019) defende que devemos entender os textos d’*O Livro dos Abraços* como relatos. “Linguisticamente falando, textos da ordem do relatar mobilizam a capacidade de expressão das experiências vividas, situadas no tempo.” (DINIZ, 2019, p. 15). Os relatos transcendem o fato histórico, bruto, trazendo a vivência e mobilizando categorias como o verossímil, o fantástico ou o absurdo. Movimentando, com isso, as emoções ao entrar em contato com o texto.

Galeano foi jornalista e escritor, apresentou a história da América Latina por meio de diversas facetas, da historiografia à poesia. No entanto, o próprio autor se define como escritor: “Não sou historiador. Sou um escritor com a obsessão da memória, a da América sobretudo, e sobretudo a da América Latina, entranhável terra, condenada à amnésia” (GALEANO, 1991, p. 131). Galeano retratava a história como **memória viva da realidade**.

Portando, Galeano constrói seu texto a partir da vinculação à tradição oral e ancorado na memória. Sendo seus textos muito próximos ao “contado” (DINIZ, 2019).

A noção de memória na qual *O Livro dos Abraços* se ancora está muito relacionada com o ato de recordar, como o próprio Eduardo Galeano (2020) nos lembra no trecho que abre o livro: “Recordar: do latim *re-cordis*, voltar a passar pelo coração” (p. 11). Ou seja, a noção de que nos lembramos de aquilo que nos afeta, nos emociona, nos rememora está muito vinculada à subjetividade do autor. “Assim, o narrador em Galeano torna-se a encarnação social-material de uma maneira de transmitir conhecimento acumulado pela memória” (DINIZ, 2019, p. 19). Segundo Galeano (1995) a memória n’*O Livro dos Abraços* são duas: “a memória individual, vulnerável ao tempo e à paixão, condenada, como nós mesmos, a morrer; e outra memória, a memória coletiva, destinada, como nós mesmos, a sobreviver” (GALEANO, 1995, p. 13). Assim, é a confluência dessas duas memórias que dá origem ao tom testemunhal que *O Livro dos Abraços* assume.

Aqui chamamos a atenção para a forma de escrita de Galeano, que nos remete às obras do realismo mágico latino-americano. Como observa Martín-Baró (2017), não é à toa que o realismo mágico de García Márquez surge em nosso contexto. A ficção que ele escreve apreende atentamente o mundo em que somos obrigados a viver de forma pseudomarginalizada em relação à nossa história. De acordo com o autor, basta olhar para a vida latino-americana de cada dia, para saber que a imaginação literária não fez mais do que depurar um fato essencial de nossa realidade.

Em El Salvador, por exemplo, nada é surpreendente. Se a guerra civil que assola o país desde 1981 conseguiu algo, foi converter o insólito em cotidiano. Em 1981, os filhos de um dos membros da Junta de Governo estavam lutando na guerrilha, enquanto o chefe da Polícia Nacional, acusada de “abrigar esquadrões da morte” e de sistematicamente torturar e assassinar, foi nomeado membro da Comissão de Direitos Humanos. Um ministro do governo afirmou na TV que a revolução salvadorenha não tinha comparação em toda a história e que, talvez, somente a Revolução Francesa poderia ser equiparada a ela, enquanto, durante uma troca de prisioneiros, um Subsecretário de Relações Exteriores saudou um comandante guerrilheiro com a expressão “às suas ordens, meu comandante”. No interior da igreja de Tenancingo, um povoado “fantasma”, isto é, abandonado por causa da guerra, crescia uma grande árvore, enquanto o diretor nacional de turismo declarava que a guerra seria muito útil para o turismo do país, já que poderia mostrar para os estrangeiros os “tatus”, isto é, as covas escavadas na terra pelas pessoas para se protegerem dos bombardeios das Forças Armadas. (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 152).

A lista de absurdos históricos poderia se prolongar indefinidamente, pois todas as contradições são possíveis no mundo latino-americano, e a lógica parece não importar (MARTÍN-BARÓ, 2017). Nessa direção, Galeano também conseguiu depurar muito bem essa

vivência de nosso povo. Isso nos leva, por vezes, a não saber distinguir o que seria fato histórico da ficção nessa apresentação de nossa memória viva.

A partir do entendimento d’*O Livro dos Abraços* como essa apresentação da memória viva, Diniz (2019) afirma que podemos entender essa obra como a confluência do presente, passado e futuro. Os relatos do livro não apenas apresentam os fatos narrados, eles os *recordam*, e com isso, nos lançam para o futuro, buscando evitar a repetição do passado. Questão essa já trazida, pelo autor, em sua obra clássica *As veias abertas da América Latina*: “A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será.” (GALEANO, 2010, p. 15, grifo do autor). Vincular *O Livro dos Abraços* à memória significa entendê-lo como um conjunto de pequenos relatos. A fragmentação em relatos reflete a fragmentação da memória, pois, como Galeano (1995) aponta: “A memória que merece resgate está pulverizada. Explodiu em mil pedaços” (p. 04). Portanto, é necessário montar esse quebra-cabeça da nossa história passada.

Diniz (2019) faz um esforço de encontrar agrupamentos, sínteses, entre os textos relatados n’*O Livro dos Abraços*. Inicialmente, o autor apresenta o livro:

O livro dos abraços é composto por 191 textos, variados em tamanho, ainda que breves todos: os menores, como “A noite/3”, têm 2 linhas de extensão; os maiores, a exemplo de “Celebração da realidade”, se estendem por não mais que duas páginas. Além disso, os relatos variam em temática: há desde pichações, a exemplo de “Dizem as paredes/[1 ao /5]” até confissões intimistas do narrador-autor sobre sua calvície, que aparecem em “Eu, mutilado capilar”. (DINIZ, 2019, p. 26).

O autor faz alguns agrupamentos possíveis dos títulos da obra de Galeano, pela numeração deles, ou pelo tema delas. No entanto, aponta que não há uma ordem estabelecida para a leitura do livro, pois a obra nasce: “para realizar-se no leitor, não para acorrentá-lo. O leitor entra e sai desta casa de palavras como queira, quando queira e por onde queira, lendo-a do princípio ao fim ou do fim ao princípio, por inteiro ou pulando ou ao azar ou como lhe der na telha” (GALEANO, 1995, p. 07).

A partir desse entendimento, Diniz (2019) propõe uma nova classificação dos textos d’*O Livro dos Abraços*, não com a pretensão de trazer uma definição estanque que prenda o texto à categorização, mas como um subsídio teórico-crítico que ajude a sistematizar a unidade da obra. Com isso, o autor classifica o livro de Galeano em três categorias:

Meta, *amphi* e *exo* são, a rigor, classificações de como o fenômeno metaliterário se autorreferencia em cada texto: *meta* são os textos conscientes de sua imanência enquanto objeto literário (artístico); *amphi*, os textos conscientes de que se constroem frente, em relação a, uma alteridade; e *exo* são os textos conscientes de sua dependência das condições sociais. (DINIZ, 2019, p. 36).

Sendo está uma divisão didática: todos os textos de *O Livro dos Abraços* pertencem, em maior ou menor grau, aos três agrupamentos, porque essas três categorias se interpenetram. Portanto, a leitura de cada um dos relatos que compõem *O Livro dos Abraços* é, por si, uma experiência de construir com Galeano um relato, desde o tênue espaço entre lírica e épica, até a própria transformação de pichações em paredes, em relatos (DINIZ, 2019).

Além da caracterização dos relatos d'*O Livro dos Abraços*, ressaltamos ainda o papel das ilustrações na obra. Diniz (2019) observa que a poética de Galeano pode ser considerada como uma poética da imagem. “Ao princípio, é a imagem. A palavra, depois. Sou incapaz de transmitir uma situação, uma emoção ou uma ideia se primeiro não a *vejo* fechando os olhos; e sempre me custa muito encontrar palavras que sejam capazes de transmitir essa imagem, e que me pareçam dignas de seu esplendor.” (GALEANO, 1991, p. 129, grifo do autor). N'*O Livro dos Abraços* observamos que as imagens apresentadas verbalmente são somadas ilustrações, feitas pelo próprio Galeano, e que permeiam todo o livro.

As gravuras que encontramos n'*O Livro dos Abraços* não cumprem a função de ilustrar os relatos ou de meramente adornar as páginas do livro, mas constituem uma nova pluralidade de narrativas possíveis na obra, trazendo novos sentidos e possibilidades. A escolha de Galeano por fazer dessas gravuras uma narrativa à parte dos textos é uma maneira de explorar a materialidade da obra. Ao fazer isso, o autor reforça seu desejo por constituir uma literatura que vá além das palavras, incluindo também outros códigos semióticos, como o da ilustração (DINIZ, 2019).

O projeto literário que Galeano constrói e defende é por uma literatura que apresente a realidade ao invés de representá-la. Essa apresentação, todavia, não é feita de uma só vez, mas à maneira de um quebra-cabeças, onde Galeano vai apresentando as imagens de modo que o leitor possa compor o quadro. (DINIZ, 2019, p. 40).

Assim, a imagem que Galeano quer revelar em sua poética é a imagem da latinoamericanidade alinhado ao seu projeto poético que objetiva resgatar a voz silenciada dos grupos minoritários da América Latina (DINIZ, 2019). Desse modo cumpre a gigantesca tarefa de dar voz aos silêncios de nossa história e responder com a verdade às mentiras de nossa história.

Na presente subseção, tivemos a pretensão de apresentar ao leitor a obra literária que iremos analisar. Para tanto, inicialmente apresentamos o autor do livro, Eduardo Galeano, seguido do livro propriamente. Elaboramos o entendimento de que *O Livro dos Abraços* faz parte da escrita poética do autor e que se configura como um conjunto de relatos da memória

histórica do povo latino-americano. A partir do entendimento aqui apresentado sobre *O Livro dos Abraços*, pretendemos agora empreender uma análise sobre o seu papel no desenvolvimento das emoções e, conseqüentemente, no desenvolvimento humano.

4.2 As emoções suscitadas pelo *O Livro dos Abraços*: enfrentamento do fatalismo

Um bom poema é aquele nos dá a impressão de que está lendo a gente...
e não a gente a ele!
(Mário Quintana)

Para analisar as produções artísticas, Vigotski (1999) desenvolveu o já comentado aqui método objetivamente analítico, sendo o método de análise da estrutura da obra de arte, que é composta por **conteúdo** e **forma**. Ao analisar a forma e o conteúdo, inicialmente, deve-se compreender qual é o conteúdo da obra, para, então, perguntar para que o artista enformou assim esse conteúdo, o porquê da sua forma. A partir disso, encontrar a razão de ser da obra, a sua inteligibilidade. Com a grandiosidade da arte em sua superação do conteúdo e da forma em um produto novo. Para aplicar tal método, é necessário dar um salto da análise dos elementos para a síntese, considerando a totalidade da obra. Especificamente, no caso dos relatos d'*O Livro dos Abraços*, deve-se tentar decifrar a fisiologia desses relatos, buscando entender quais são as contradições expressas, para, posteriormente, compreender a inteligibilidade das obras apresentadas, qual é o seu fator criador e humanizador.

O Livro dos Abraços expressa a necessidade de rememorar a história do povo latino americano, de relatar as vivências desse povo silenciado. O seu objetivo é fazer com que o espectador vivencie uma experiência de **pertencimento** à sua própria história, tão negligenciada pelas grandes narrativas. Possibilita o surgimento de uma nova organização dos sentimentos do espectador, pois os relatos de Galeano viabilizam que o indivíduo, ao entrar em contato com eles, saia da sua relação automatizada e banalizada com a sua história e a veja com um novo olhar. Com isso, ficam revelados os determinantes da reação estética d'*O Livro dos Abraços*: contradição que permeia a relação que os indivíduos têm com a sua própria história individual e social.

Para compreender a relação cotidiana, comum, que o povo latino-americano tem com a própria história e com a vivência como povo excluído do capitalismo central, utilizaremos a categoria do **fatalismo**, desenvolvida pelo psicólogo social Ignacio Martín-Baró. Tal categoria será brevemente explicada a seguir, para que possamos compreender como a obra

de Galeano pode ser uma importante ferramenta para o combate do sentimento de fatalismo do povo latino americano.

Segundo Martín-Baró (2017), a impressão que temos dos povos latino-americanos é que estão imersos em um cochilo forçado, um estado de dormência que os mantém à margem de sua própria história, sujeitos confinados em processos que outros determinam.

As coisas são como são, como foram ontem e como serão amanhã. Somente o presente importa e não pela plenitude vivencial que buscava o poeta latino (*carpe diem*), mas pelo estreitamento forçado das possibilidades de vida. Lançados aqui, sem memória histórica ou projeto de vida, parece que aos povos latino-americanos não resta nada mais do que a perspectiva de aceitação fatalista de seus destinos. (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 153).

Fatalismo é um termo que provém do latim, *fatum*, que significa fado, isto é, profecia, e, portanto, destino inevitável. Inevitável e também trágico, infeliz. Em castelhano e em português fatalidade tem essa dupla conotação de futuro inevitável e trágico. Assim, o fatalismo é a compreensão de que o destino de todos já está predeterminado e todo fato ocorre de modo inescapável. Aos seres humanos não resta nada mais além de acatar seu destino. A compreensão fatalista sobre a existência é atribuída a amplos setores dos povos latino-americanos e se traduz em comportamentos de conformismo e resignação diante de qualquer circunstância, inclusive as mais negativas (MARTÍN-BARÓ, 2017).

Costa e Mendes (2020) nos lembram que o contexto latino-americano é ilustrativo da pobreza e das desigualdades sociais extremas, com a perpetuação da concentração de riquezas – com os ricos ficando cada vez mais ricos, e os pobres, cada vez mais pobres. Tal realidade é resultado do antagonismo de classes capitalista conformado em nossa constituição periférica. E, na maioria das vezes, esta situação é encarada como “natural”, e traz consigo soluções individuais (individualizantes) e filantrópicas, ao invés de estruturais. Acreditamos que o conceito de fatalismo ajuda a explicar essa situação. O fatalismo “Não se trata de um destino fatal em si, mas de uma posição derivada das relações sociais existentes e que contribuem para a marginalização dos povos latino-americanos.” (COSTA; MENDES, 2020, p. 684). Diante da realidade do povo latino-americano ser determinada por absurdos históricos decididos por grupos externos a ele, e que não trazem mudança em termos das melhorias de condições de vida para as maiorias populares, não restaria outra perspectiva para as maiorias populares, a não ser a de aceitar a sua condição fatal (COSTA; MENDES, 2020).

Martín-Baró (2017) entende que o fatalismo possui um triplo caráter: ideacional (isto é, as ideias fatalistas); afetivo (os elementos emocionais) e comportamental (como as pessoas se comportam). Sendo que as ideias mais comuns da atitude fatalista são: os principais

aspectos da vida das pessoas são definidos pelo seu destino a partir do momento em que nascem – já está “escrito”; as pessoas não podem fazer nada para evitar ou mudar seu destino fatal; a definição do destino das pessoas é atribuída a Deus. Já os afetos que, com mais frequência, aparecem na síndrome fatalista são: aceitação resignada do destino de cada um, sem ressentimento ou rebeldia, pois, isto não leva a nada; sentir emoções intensas, como deixar-se levar pela alegria ou pela tristeza, carece de sentido, pois o que importa na existência é aceitar o próprio destino com coragem e conduzi-lo com dignidade; viver o sofrimento passa a ser o estado normal das pessoas e chega-se até a se identificar destino com sofrimento – “se nasce para sofrer”. E, por fim, as tendências comportamentais fatalistas são: o conformismo em relação às exigências do próprio destino; a passividade diante das circunstâncias da vida – não tem sentido se esforçar para melhorar a própria sorte; a redução do horizonte vital ao presente – o conhecimento do passado ou a predição do futuro servem somente para confirmar a inevitabilidade do destino.

A partir desta caracterização da síndrome fatalista, surge uma imagem estereotipada que pode ser atribuída ao latino-americano. Martín-Baró alerta, porém, que esse estereótipo não necessariamente é real. Com isso, ressalta que é preciso examinar se o fatalismo corresponde a uma atitude real dos latino-americanos ou se é apenas um estereótipo atribuído a eles. O autor recorre à estudos sobre o tema para poder desmistificar essas questões, e chega a três conclusões preliminares: os estudos disponíveis sobre o fatalismo comprovam que diversos setores da população latino-americana mantêm uma atitude fatalista frente à vida, cuja importância varia de acordo com as circunstâncias históricas e sociais; vários dos principais traços do estereótipo sobre o latino-americano fatalista residem nas imagens que diversos grupos sociais atribuem aos membros de seus próprios países; a atitude fatalista tende a ser observada especialmente entre os setores socioeconômicos baixos, os camponeses e os marginalizados, enquanto que o estereótipo sobre o fatalismo latino-americano existe não somente nesses setores, mas, também, em outros grupos. Com isso, o autor conclui que:

Analisado friamente, o fatalismo é uma visão de mundo contraproducente, já que tende a bloquear todo esforço por progresso e mudança, pessoal e social. Em outras palavras, o fatalismo é uma dessas profecias autorrealizadoras (*self-fulfilling prophecy*), já que provoca aquilo que postula: a impossibilidade de alterar o rumo da própria existência ou de controlar as circunstâncias que determinam a vida real de cada um. Por isso, é necessário perguntar como surge o fatalismo. Por que as pessoas e, sobretudo, os grupos assumem uma atitude fatalista diante da vida? Como explicar que as maiorias populares latino-americanas aceitem como concepção de vida uma visão que os condena ao imobilismo e à desesperança? (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 161).

Esses questionamentos feitos por Martín-Baró nos remetem à reflexão desenvolvida por Sawaia (2009) sobre a servidão. Consideramos pertinente abordar aqui essas reflexões da autora, pois acreditamos que podem auxiliar-nos a responder os questionamentos feitos pelo autor. Com base na filosofia de Espinosa, Sawaia (2009) também se questiona o que leva as pessoas a lutarem por sua escravidão como se fosse a sua liberdade. Isto é, o que mantém a servidão das pessoas em nossa sociedade. A esse questionamento podemos acrescentar: porque as pessoas, na maioria das vezes, assumem atitudes fatalistas frente à desgraça humana. Sawaia (2009) aponta que Espinosa encontra a resposta para esses questionamentos no sistema dos afetos, o autor defende que a vida ética começa no interior dos afetos, e não contra eles, pois eles constituem a base tanto da servidão quanto da liberdade. Vemos nesta brilhante resposta de Espinosa também a relevância de nosso estudo, que também vê a importância da vida afetiva para o desenvolvimento da vida das pessoas.

Como já abordado neste trabalho nas seções anteriores, Sawaia (2009), também com base em Espinosa, como Vigotski, assevera a importância dos afetos para o entendimento do psiquismo na totalidade.

Nessa concepção, os afetos não são estados psicológicos ou construtos linguísticos, mas condição e fundamento do ser e existir, portanto, da ética “cada um julga assim, ou avalia, segundo a sua afecção, qual é a coisa boa e qual é a má, qual a melhor, qual a pior” (Espinosa, 1957, Parte III, Prop. XXIX, Escólio). Aqui estão três contribuições importantes de Espinosa à Psicologia: (a) a junção indissociável entre corpo e mente e a relação entre o poder do corpo de ser afetado e sua potência de ação; (b) a junção indissociável entre ideia e emoção e (c) a junção indissociável entre afeto e ética. (SAWAIA, 2009, p. 367).

Ao longo de nosso trabalho, pudemos entender que essas contribuições de Espinosa foram apropriadas e desenvolvidas na teoria de Vigotski, levando às concepções aqui abordadas sobre as emoções. Com base nesses entendimentos, Sawaia (2009) aborda a distinção entre os sentimentos de alegria e tristeza, compreende a alegria como o sentimento que temos quando nossa capacidade de existir aumenta. E a tristeza como o resultado de uma afecção que diminui nossa capacidade de existir e nos tornamos passivos. Assim, a autora compreende que as paixões tristes são fundamentais para a manutenção da servidão, pois nelas estão contidos sentimentos de medo e esperança, que levam à passividade, ao fatalismo, dos indivíduos frente à tirania.

Espinosa, segundo Sawaia (2009), aponta os três personagens que sustentam essa servidão: a pessoa das paixões tristes, a pessoa que explora essas paixões (que precisa delas para manter o seu poder) e a pessoa que se entristece com elas – ou seja, o escravo (servo), o

tirano e o sacerdote, respectivamente. O tirano precisa da tristeza das almas para triunfar, isto é, precisa da passividade e do medo das pessoas. Do mesmo modo, as almas tristes precisam do tirano para se manterem nessa passividade e tristeza. “O que os une é o ódio e o ressentimento contra a vida.” (SAWAIA, 2009, p. 367). Daí o entendimento de que não se atinge uma sociedade igualitária pelo terror. É necessário, pelo contrário, fortalecer as emoções alegres, as emoções que aumentam a nossa vida e capacidade de existir. Nos parece assim, que o encontro com os relatos d’*O Livro dos Abraços* poderia aumentar as nossas emoções alegres, o que pretendemos demonstrar mais a frente nesta seção.

Retomando as reflexões de Martín-Baró (2017) sobre o que levaria às pessoas ao fatalismo, o autor inicialmente apresenta estudos que enfatizam os fatores psicológicos do fatalismo, e, posteriormente, critica essa “psicologização do fatalismo”. Essa crítica ressalta a atribuição à vítima a culpa por sua situação, apontando ainda que não é vontade, desejo, ímpeto e nem mesmo flexibilidade o que falta para a população marginalizada latino-americana. Assevera que o problema real se encontra no próprio sistema social que está estruturalmente estabelecido de forma a impossibilitar a satisfação das necessidades fundamentais da população majoritária.

O paradoxo reside no fato de que as maiorias “marginais” estão sim integradas no sistema, mas como marginalizadas, e isto se dá não porque possuem ou não os valores e as atitudes necessários ou porque estão motivadas ou não para realizar grandes coisas em suas vidas, mas porque carecem de oportunidades sociais mínimas ou de poder para realizá-las. (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 163).

Tal reflexão de Martín-Baró nos remete ao conceito de inclusão perversa estudado por Sawaia (1999). A autora se apropria de tal conceito ao estudar as diferentes qualidades e dimensões da exclusão social. E ressalta o caráter dialético da exclusão, de não existir sem a sua negação, isto é, a inclusão. É justamente no caráter dialético da exclusão/inclusão que reside a inclusão perversa. Que pode ser entendida como o caráter ilusório da inclusão, isto é, todos estamos incluídos de alguma forma na sociedade, porém, este modo pode ser indecente e indigno, sendo que a grande maioria da humanidade está inserida na sociedade por meio da insuficiência das privações. Dito de outra forma, a inclusão perversa significa a inserção social dos excluídos, dos marginalizados, porém, dessa forma “perversa”, sem garantia mínima de dignidade humana (MIURA; SAWAIA, 2013).

Em síntese, a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os

outro. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema. (SAWAIA, 1999, p. 09).

A partir dessas reflexões sobre a inclusão perversa, podemos concluir que o fatalismo é um processo que dá sentido à relação entre as pessoas e um mundo opressivo, que está fechado e fora de controle, sendo uma atitude continuamente causada e reforçada pelo funcionamento opressivo de estruturas macrossociais. Assim, esta resignação submissa do fatalismo não é fruto de uma transmissão de valores em uma subcultura fechada, mas sim uma verificação cotidiana da inviabilidade ou inutilidade de qualquer esforço para mudar significativamente sua própria realidade em um meio que é parte de um sistema social opressivo (MARTÍN-BARÓ, 2017).

O fatalismo deve ser entendido, pois, a partir de sua utilidade para a manutenção de um sistema social, que tem como elemento nevrálgico a desigualdade (Martín-Baró, 2017a). É uma expressão da dominação social objetiva subjetivada, tendo a funcionalidade política de impossibilitar a mudança social. [...] O fatalismo adquire status de força natural e a-histórica e se converte em ideologia no sentido em que sua aceitação pelas classes oprimidas conduz à manutenção da ordem social. (COSTA; MENDES, 2020, p. 687).

Assim, podemos compreender que a subserviência econômico-política na qual foi colonizada a América Latina também se manifesta nas subjetividades dos indivíduos, na forma de fatalismo. Esta reflexão sobre a relação entre a subjetividade e a desigualdade social, nos leva ao encontro do que Sawaia (1999) nomeou de sofrimento ético-político, que é justamente a implicação subjetiva da vivência cotidiana da desigualdade social. E se manifesta na cisão entre pensar, agir e sentir, sendo determinado pela situação social e pelas impossibilidades de superação frente à desigualdade. “A relação entre as ameaças provenientes da desigualdade social e as respostas afetivas dos que a elas se assujeitam compõe um processo psicológico-político poderoso à reprodução da desigualdade” (SAWAIA, 2009, p. 370). Que, entendemos aqui, que se manifesta no fatalismo.

Porém, alertamos que a relação entre a subjetividade e a desigualdade social não pode ser entendida num determinismo mecanicista (COSTA; MENDES, 2020, p. 699). Com isso, nos questionamos como se dá esta relação entre a subjetividade e as diferentes formas de desigualdade. Para responder esse questionamento, recorreremos novamente à estudos de Sawaia (2009), que se questiona: a subjetividade determina a desigualdade ou, ao contrário, a desigualdade determina a subjetividade? Ao analisar estudos sobre as duas vertentes, a autora pontua que há um consenso entre os estudiosos do tema: a avaliação é sempre negativa. “A

subjetividade – quer seja determinante, quer seja determinada – é sempre a vilã, a que explica a desigualdade e obstaculiza qualquer ação transformadora.” (SAWAIA, 2009, p. 365). Com isso, as formas de resposta a essa relação, acabam sendo pelo controle, pela disciplinarização ou eliminação, e até mesmo pela patologização.

Para transformar tal problemática, a autora aponta a necessidade da superação dos dualismos como objetividade/subjetividade, indivíduo/sociedade. A importância dessa superação já foi abordada nesse trabalho, mas gostaríamos de ressaltar que: entender objetividade/subjetividade e indivíduo/sociedade em unidade, implica entender que por trás da desigualdade social há vida. Com isso, haverá sofrimento, medo, humilhação, mas também, ao mesmo tempo, “[...] há o mais extraordinário milagre humano: a vontade de ser feliz e de recomeçar ali onde qualquer esperança parece morta.” (SAWAIA, 2009, p. 365). Há, assim, um ser humano inteiro, constituído de corpo e mente, razão e emoção, determinado e determinante da sociedade. Deste modo, a subjetividade deixa de ser perturbadora para ser constituinte da objetividade social (SAWAIA, 2009). Nos atentamos, porém, aos perigos da ênfase na afetividade e subjetividade, sob a égide do neoliberalismo e do individualismo, não queremos incorrer na estatização subjetivista, que nega as instâncias coletivas e públicas das ações em favor da inclusão digna, reduzindo-a à interioridade e subjetividade (SAWAIA, 1999).

Com isso, podemos verificar agora caminhos possíveis apontados por Martín-Baró (2017) para a ruptura do fatalismo. O autor nos lembra que “Em última instância, a raiz do fatalismo não está na rigidez mental das pessoas, mas na imutabilidade das condições sociais nas quais as pessoas e os grupos existem e se formam.” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 174). Portanto, para eliminar o fatalismo, não podemos perder de vista a unidade indivíduo e sociedade, não se pode querer mudar essa estrutura mudando apenas o indivíduo, ou suas condições sociais. A necessidade é de mudar a relação entre a pessoa e seu mundo, o que implica uma mudança pessoal e social. Ou seja, não basta apenas modificar as crenças fatalistas, mas também é necessária uma experiência real de modificação de seu mundo e de determinação de seu próprio futuro. “Trata-se de um processo dialético em que a mudança das condições sociais e a mudança das atitudes pessoais vão se possibilitando mutuamente.” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 174).

Para possibilitar esse processo dialético de ruptura com o fatalismo, Martín-Baró (2017) aponta três importantes mudanças: (a) **a recuperação de sua memória histórica**; (b) a organização popular; e (c) a prática de classe. Entendemos que o papel da recuperação da

memória histórica é a superação do presenteísmo, não somente abrindo a mente para o futuro, mas também **recuperando a memória** do passado, pessoal e coletivo.

Somente na medida em que as pessoas e os grupos adquirirem consciência sobre suas raízes históricas sobre todos os fatos e as condições que configuraram sua realidade poderão se situar em uma perspectiva adequada para avaliar sua própria identidade. Saber quem você é significa saber de onde você vem, de quem ou do que você depende. Não há verdadeiro conhecimento de si mesmo que não seja um reconhecimento das próprias origens, da própria identidade comunitária, da própria história. Os povos latino-americanos necessitam de uma clara memória histórica para rastrear os dinamismos de sua história, para saber onde buscar as causas de sua opressão secular e de sua situação presente. (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 175).

Por outro lado, a organização popular implica na organização social das maiorias populares em função de seus próprios interesses. Superando, com isso, o individualismo, isto é, a concepção de que cada um deve enfrentar isoladamente suas condições de vida. E, por fim, a prática de classe significa a ruptura dos setores populares com o círculo vicioso que produz passividade e marginalização. “Somente a prática revolucionária permitirá aos povos latino-americanos romperem a inflexibilidade de estruturas sociais congeladas em função de interesses minoritários e superar os “cem anos de solidão” que os mantêm à margem da história, atrelados ao julgo de um destino fatal.” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 176).

Em diálogo com Martín-Baró, Costa e Mendes (2020) também adicionam dois outros pontos que consideram necessários para a superação do fatalismo: (d) a necessidade de fortalecer as condições objetivas comunitárias e, (e) a conscientização enquanto horizonte do *quefazer psi* – apesar da focalização na psicologia, tal princípio não se restringe a ela.

No que diz respeito ao fortalecimento das condições de vida concretas, intervenções comunitárias podem contribuir para minimizar o sofrimento ético-político e o fatalismo, concebendo os próprios indivíduos como políticos, e que podem e devem se indignar, resistir e se comprometer socialmente. Todavia, compreendemos as limitações destas ações, pois as possibilidades de ruptura do fatalismo pressupõem mudanças sociais, que estão ligadas dialeticamente, possíveis a partir de movimentos de conscientização que, por sua vez, só são viáveis a partir do conhecimento de suas origens e de sua história (Martín-Baró, 1996; 2011). (COSTA; MENDES, 2020, p. 695).

Com isso, acreditamos na importância de se repensar os fundamentos da prática da psicologia, para não perder de vista a dialética do fatalismo que conforma os indivíduos e a sociedade ao seu destino fatal. Para tanto, recorreremos aos estudos desenvolvidos por Delari Jr (2009) sobre a prática do psicólogo com base na teoria de Vigotski. Segundo o autor, há pelo menos três ações que a prática da psicologia deve buscar construir, quais sejam: (a) superação, (b) cooperação e (c) emancipação. Entendemos que a superação diz respeito à

necessidade de superarmos os limites atuais de nossas ações, de nosso modo de viver e ser, em direção ao que podemos ser ou alcançar. Entretanto, pela ênfase dada ao papel da sociedade na constituição do humano, essa superação exige condições materiais e concretas para sua realização e, a principal condição, seria, justamente, a cooperação entre as pessoas. Necessitamos de colaboração (não competição) de alguém para virmos a ser nós mesmos e podermos nos fazer necessários para alguém vir a ser ele próprio. Deste modo, a superação viabilizada pela cooperação é que levaria o ser humano à emancipação como conquista da liberdade de pensamento e ação, exercida no coletivo, com o coletivo e pelo coletivo (SOUZA; ANDRADA, 2013). Assim, só é possível com a superação da sociedade de classes.

Entendemos que a ação da “superação” apresentada por Delari Jr (2009) nos remete ao conceito de conscientização abordado por Costa e Mendes (2020) como horizonte do *quefazer* do psicólogo. A conscientização deve ser tida como o saber sobre si e sobre o mundo a partir de três pressupostos: ao transformar a sua realidade, de forma dialética, o ser humano também transforma a si mesmo; com a desnaturalização do mundo e o seu entendimento em conceitos, são abertas novas possibilidades de ação; o desenvolvimento de uma nova concepção de mundo também leva a uma nova concepção de si mesmo (COSTA; MENDES, 2020). Assim, o processo de conscientização pode trazer respostas às injustiças sociais a partir de suas raízes, com isso, pode recuperar a memória histórica e **superar** o presentismo. Desse modo, entendemos que a tomada de consciência individual também é coletiva, pois “[...] o comunitário se expressa justamente na capacidade de se responder às necessidades individuais sem que exista uma contradição com o coletivo.” (COSTA; MENDES, 2020, p. 698). Nos remetendo, novamente, à importância da cooperação e da emancipação.

Sawaia (2009) também tece considerações sobre as possibilidades de superação da desigualdade e da servidão, conseqüentemente, na associação feita por nós, também do fatalismo. Inspirada em Vigotski e Espinosa, a autora defende que a **emoção** e a **criatividade** são dimensões ético-políticas da ação transformadora e que trabalhar com elas significa um meio de atuar no que há de mais singular da ação política emancipadora.

O papel das emoções é destacado por Sawaia (2009) pois, a autora compreende que a superação da situação de servidão só se dará quando os limites impostos à potência de vida forem sentidos como afeto de tristeza. E a expansão do corpo for sentida como alegria e a ignorância for experimentada como tristeza. Com isso, a autora entende que passamos a desejar conhecer as causas de nossos atos e de nossas necessidades – passamos a buscar a conscientização, podemos afirmar. “Ao compreender a natureza de nossas emoções, nós nos

tornamos livres das ideias inadequadas (superstições) e sentimos alegria.” (SAWAIA, 2009, p. 368).

Como já abordado neste trabalho, entendemos que os afetos nos movem, e vemos aqui nas formulações de Sawaia quais afetos são esses e de que forma eles podem nos mover. Com a importância de desbloquear esses afetos alegres, pois, como deixa claro Espinosa (apud Sawaia, 2009), perseverar na própria existência é mais que se conservar vivo. “É expansão do corpo e da mente na busca da liberdade, da felicidade, que são necessidades tão fundamentais à existência humana como o são os alimentos e os abrigos, e a reprodução biológica.” (SAWAIA, 2009, p. 366). Como já diria Marx (2013), das necessidades do corpo e do espírito. Com isso, podemos concluir que a luta pela emancipação é uma dimensão irreprimível do ser humano no seu processo de conservar-se, o que pressupõe passar da condição de escravo ao modo livre, da heteronomia à autonomia. “Assim, nos ensina que as ações revolucionárias são inócuas se não se desbloqueiam as forças reprimidas da subjetividade em direção à alegria de viver, que, por sua vez, é a base da liberdade.” (SAWAIA, 2009, p. 366).

Pensando no conceito de liberdade, aqui abordado por Sawaia, nos remetemos ao que Delari Jr (2009) elaborou sobre o que significa a liberdade na teoria de Vigotski. Primeiro, é importante nos atentarmos ao fato de que o conceito de liberdade em Vigotski não é liberal. Ou seja, ele não é a liberdade “de” algo, mas se apresenta como a liberdade “para” as múltiplas possibilidades de existência. Além disso, ela trata-se de uma conquista não um pressuposto; é uma conquista que se obtém cooperando com alguém e não sozinho. O autor ainda aponta que todo um desenvolvimento humano é necessário para conquistar maior autonomia, liberdade de pensamento e de ação. Sendo um curso de desenvolvimento “do social ao individual”. Assim, podemos concluir que o livre arbítrio significa a capacidade de tomar decisões com conhecimento do assunto, entendendo esse conhecimento de forma ampla, das determinações sociais e históricas às quais o sujeito faz parte.

Ainda vinculados ao conceito da liberdade, podemos passar à outra dimensão da superação da situação de servidão abordada por Sawaia (2009), qual seja, a criatividade. A autora compreende que a principal contribuição de Vigotski à filosofia de Espinosa foi justamente elucidar o papel da imaginação na liberdade humana, mediada pelas emoções, com base no vínculo da imaginação e do pensamento com a afetividade. A autora entende que, para Vigotski, as possibilidades de atuar com liberdade, que surgem na consciência do ser humano, estão estreitamente ligadas à imaginação, assim, conclui que as pessoas só podem atingir um grau de liberdade se forem criativas.

A imaginação, por sua vez, é produto de nossa capacidade de sinalização, “capacidade humana de projetar algo mentalmente antes de transformá-lo em realidade”, afirma Marx no *Capital* (s.d., p. 202), de projetar sentidos para além das leis da natureza, das leis sociais e das marcas do passado, permitindo, assim, presentificar o futuro em ações transformadoras. Daí a afirmação de que a capacidade de criar significados é a atividade revolucionária por excelência, que torna a criatividade possível e transforma a determinação social e biológica em mediação (Newman & Holzman, 2002, p. 105). (SAWAIA, 2009, p. 369).

Além disso, Sawaia (2009) defende que Vigotski sustenta a ideia de sujeito que se constitui nas determinações sociais, mas não como um produto passivo dessas determinações, e sim como dimensão de resistência. Assim, o sujeito é potencialidade de desenvolvimento mediado pelas intersubjetividades e atividades. Com liberdade e desenvolvimento, estando para além da conservação e da reprodução, sempre aberto, com maior ou menor intensidade, às novas possibilidades, ao desenvolvimento e à fruição do belo, e ainda à criação. Portanto, é um agente ativo em seu próprio desenvolvimento, mas que não age em terreno de sua própria escolha, ou seja, é determinante e determinado. E faz-se a si mesmo de acordo com o contexto social, que define as alternativas referentes à sua realização (SAWAIA, 2009).

A partir dessas formulações, Sawaia (2009) aponta que Espinosa e Vigotski defendem que a busca da felicidade é um ato político e que só se é consciente quando se é livre, isto é, quando a consciência resultar de uma decisão interior, autônoma, e não de obediência a um comando ou pressão externa. “Ambas as terapêuticas apontam procedimentos inusitados à atividade revolucionária, como estimular a criatividade vigotskiana e a felicidade espinosana, demonstrando que elas são fundamentais à passagem do momento passional-ilusório e reprodutor ao momento afetivo-transformador.” (SAWAIA, 2009, p. 370). Acreditamos que o encontro que o sujeito possa ter com *O Livro dos Abraços*, pode ser um grande potencializador dessas duas dimensões, tarefa que pretendemos demonstrar em nossas análises a seguir.

Demos destaque ao primeiro elemento do processo de ruptura com o fatalismo, **a recuperação de sua memória histórica**, por entendermos aqui o fundamental papel de *O Livro dos Abraços*, e da literatura latino-americana de modo geral, no cumprimento desse papel de recuperação da memória histórica de nosso povo. A partir desse entendimento, apresentaremos a seguir, nossas interpretações de alguns relatos de *O Livro dos Abraços* para o enfrentamento do fatalismo e no cumprimento de seu papel de recuperação da memória histórica. Além das possibilidades de produzir as paixões alegres que movimentam o sujeito

para a transformação de sua realidade. Até o momento privilegiou-se evidenciar o conteúdo que será, posteriormente, colocado em contradição com a forma.

Elegemos como primeiro relato a ser abordado o intitulado *A Cultura do Terror/7*, pois consideramos que ele consegue expressar de maneira poética justamente a concepção de fatalismo e servidão que viemos apresentando até aqui.

A cultura do terror/7

O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que a servidão é um destino e a impotência, a tua natureza: te convence de que não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser.

(GALEANO, 2020, p. 116).

Ao lermos este relato, temos a impressão de que Galeano estudou a teoria do fatalismo de Martín-Baró e da servidão de Sawaia conosco. Não seria algo impossível, afinal, como já trouxemos aqui, o autor era um grande estudioso das teorias da esquerda. E mesmo que não tenha estudado de forma direta, podemos perceber como o olhar atento para a realidade consegue se aperceber de suas verdades. Com isso, sentimos que Galeano consegue traduzir de forma poética a teoria que viemos abordando até o momento, em que o “colonialismo invisível” pode ser entendido, justamente, como o fatalismo de nosso povo. E faz, ainda, a associação desse “convencimento da servidão como destino” e da “impotência como natureza” às suas raízes históricas, qual seja, o colonialismo. O qual, quando chegou às américas, era esse “colonialismo visível”, que mutilou, escravizou, destruiu, saqueou e matou sem disfarces. Mas, depois dos processos de independência e da inserção da América Latina no capitalismo global, porém, de forma dependente e periférica, passou a ser um “colonialismo invisível”, ainda presente na miséria e desigualdade social de nosso povo, mas dessa forma disfarçada e que se traduz nesse sentimento de fatalismo. Assim, já começamos a observar o resgate de nossa memória histórica ao entrar em contato com os relatos d’*O Livros dos Abraços*.

Retomando a questão do fatalismo, Martín-Baró (2017) observa que há elementos de falsidade e de verdade no fatalismo. A falsidade consiste na atribuição da falta de progresso do povo a um destino fatal determinado pela natureza ou por Deus. No entanto, a verdade consiste na verificação de que para as maiorias populares latino-americanas, é impossível mudar a sua realidade social por meio de esforços próprios. Portanto, o fatalismo detecta acertadamente o sintoma, das impossibilidades de mudanças sociais individuais no nosso sistema, mas erra no diagnóstico, de apenas aceitar essa realidade. Se observarmos a história

do povo latino-americano podemos entender esse núcleo de verdade do fatalismo. Martín-Baró (2017) verificou que o nível de vida das maiorias salvadorenhas não era melhor no momento dos seus estudos do que era há 50, 30 ou 10 anos, apesar de a renda *per capita* do país ter seguido uma curva ascendente. Cenário que ainda podemos confirmar nos dias de hoje (FRANCISCO, 2021). Esta situação nos remete ao relato *Os numerinhos e as pessoas* de Galeano:

Os numerinhos e as pessoas

Onde se recebe a *Renda per Capita*? Tem muito morto de fome querendo saber. Em nossas terras, os numerinhos têm melhor sorte que as pessoas. Quantos vão bem quando a economia vai bem? Quantos se desenvolvem com o desenvolvimento?

Em Cuba, a Revolução triunfou no ano mais próspero de toda a história econômica da ilha.

Na América Central, as estatísticas sorriam e riam quanto mais fodidas e desesperadas estavam as pessoas. Nas décadas de 50, de 60, de 70, anos atormentados, tempos turbulentos, a América Central exibia os índices de crescimento econômico mais altos do mundo e o maior desenvolvimento regional da história humana.

Na Colômbia, os rios de sangue cruzam os rios de ouro. Esplendores da economia, anos de dinheiro fácil: em plena euforia, o país produz cocaína, café e crimes em quantidades enlouquecidas.

(GALEANO, 2020, p. 79).

Esse absurdo exposto por Galeano em seu relato, continua sendo a nossa verdade. Quando o Brasil enfrentou a pandemia da Covid-19, em que amargou, até o momento de nossa pesquisa, 699.197 mortes (BRASIL, 2023); atingiu taxas de desemprego de 14,9% em 2020 e 2021 (IBGE, 2022); 17,7 milhões de pessoas voltaram à pobreza, passando de 9,5 milhões (4,5% da população) para 27,2 milhões em fevereiro de 2021 (12,8% da população) (GEMAQUE, 2021); mais da metade da população brasileira (58,7%) passou a conviver com a insegurança alimentar em algum grau (leve, moderado ou grave) e 33,1 milhões de pessoas não têm o que comer no país (REDE PENSSAN, 2022). Já o PIB do Brasil foi muito bem e voltou a crescer a partir do terceiro trimestre de 2020, e no 3º trimestre de 2022 “chega ao maior patamar da série histórica, iniciada em 1996” (SILVEIRA; CAVALLINI, 2022). Com isso, Galeano consegue expor essa vivência fatal do povo latino-americano, de empobrecer enquanto a economia prospera.

Além disso, pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2023) aponta que o salário mínimo ideal do brasileiro – o mínimo necessário para suprir despesas de uma família de 4 pessoas – deveria ser de R\$ 6.641,58 em janeiro de 2023, porém, o salário mínimo real no país é de R\$ 1302,00. Tal abismo entre o salário mínimo ideal e o real se verifica desde quando o instituto começou a

fazer essa pesquisa, em julho de 1994, quando o salário mínimo era de R\$ 64,79 e o ideal seria R\$ 590,33. Com isso, também nos perguntamos com Galeano: quem recebe a renda per capita? Ao nos fazermos essa pergunta, não podemos deixar de olhar para a questão da desigualdade social em nosso país. Conforme os dados da *Pnad Contínua – Rendimento de todas as fontes 2019* (IBGE, 2020), 90% dos brasileiros ganham menos que R\$ 3.500,00, ou seja, 90% da população não tem um mínimo necessário nem para suprir as despesas de uma família de 4 pessoas. E, segundo Medeiros, Souza e Castro (2015), quase metade de toda a renda está concentrada nos 5% mais ricos da população e um quarto no 1% mais rico. Com isso, entendemos que a nossa sociedade só pode se sustentar por meio de mecanismos como o fatalismo. E da importância de expor esses absurdos de forma artística, para que possamos começar a sair desse nosso “sono forçado”.

Pensando nessa questão da desigualdade social e nas verdades do fatalismo, outro relato que sentimos que expressa essas questões é o intitulado *Os ninguéns*:

Os ninguéns

As pulgas sonham com comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico a sorte chova de repente, que chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fofidos e mal pagos:

Que não são, embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

(GALEANO, 2020, p. 71).

Chamar o nosso povo de “ninguéns” gera um novo olhar sobre a realidade dessa nossa população. Pela própria contradição da palavra “ninguém” – que quer dizer nenhuma pessoa. Nessa não existência, Galeano escancara a realidade do povo latino-americano, que é tratado como ninguém, como nada, é desvalorizado em suas crenças e vivências e espera que a “chuva da boa sorte” chova algum dia. Expressa muito bem essas crenças fatalistas de nosso povo, que não se sentem habilitados para mudar a própria realidade, que precisam esperar

algum tipo de graça divina que possibilite a mudança. Leva assim, à naturalização das desigualdades e injustiças que sofre o povo latino-americano.

Martín-Baró (2017) observa que o fatalismo, mesmo sendo uma síndrome pessoal, representa um correlato psíquico de estruturas sociais determinadas. Portanto essa vivência dos “ninguéns” de Galeano tem correlação com a estrutura social a que essas pessoas vivem.

Pode-se dizer que, como afirma a Teoria da Dependência, a situação produzida internacionalmente entre países ricos e países pobres se reflete no interior de cada país entre as minorias ricas ou estabelecidas e as maiorias pauperizadas e marginais. O empobrecimento crescente que torna impagável a dívida externa contraída pela maior parte dos países latino-americanos, parece se reproduzir no empobrecimento progressivo dos setores majoritários de seus respectivos povos. Assim como o caráter impagável da dívida é consequência de um ordenamento econômico e financeiro internacional que favorece os países industrializados, a imutabilidade da situação das maiorias populares latino-americanas é o resultado de estruturas sociais exploradoras e marginalizantes. (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 168).

Observa-se, portanto, uma correlação entre estruturas objetivas e subjetivas, entre as exigências dos regimes sociais e dos traços característicos dos indivíduos. Não sendo uma relação mecânica de causa-efeito, mas sim o óbvio fato de que a ordem e o funcionamento de cada regime social promovem certas atitudes e dificultam outras, premiam certas formas de comportamento e proíbem ou castigam outras. Se a estrutura das sociedades latino-americanas é baseada no domínio opressivo de algumas classes sobre outras, então é de se esperar que as estruturas afetem o psiquismo e a forma de se colocar no mundo das pessoas, de acordo com o seu pertencimento de classe.

Além disso, o relato de Galeano, remete-nos novamente ao conceito de inclusão perversa comentado neste trabalho. Pois, ao “serem ninguéns, embora sejam”, demonstra, justamente, a faceta da inclusão perversa, em que a pessoa está incluída nessa sociedade, porém de maneira indecente e indigna, ou seja, sendo tratada como um ninguém. Além de nos remeter ao conceito de “sofrimento ético-político” também esboçado neste trabalho. Pois, tal conceito retrata a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade, enfim, de ser excluído de nossa sociedade – ou melhor, incluído de forma perversa. Assim, revela “[...] a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto.” (SAWAIA, 1999, p. 104-105)”. Com isso, podemos afirmar que a vivência dos “ninguém” aqui relatada por Galeano expressa

poeticamente essa vivência do sofrimento ético-político. Nessa reflexão, nos questionamos: quais sentimentos as pessoas poderiam ter diante de tais vivências?

Como o nosso trabalho é exclusivamente teórico, nos apropriamos do estudo desenvolvido por Miura e Sawaia (2013) para tentar esboçar os sentimentos que os “ninguéns” poderiam ter. O estudo das autoras foi realizado por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas com cinco catadores de materiais recicláveis e teve por objetivo compreender como o processo de exclusão/inclusão social é vivido pelos catadores e se particulariza nas emoções de cada um. Escolhemos utilizar esse estudo para falar dos sentimentos dos “ninguéns” da poética de Galeano, pois consideramos que a ocupação de catador se caracteriza como uma profissão emblemática da inclusão perversa (MIURA; SAWAIA, 2013).

As emoções mais frequentes relatadas pelos catadores foram a vergonha e a humilhação, decorrentes sobretudo da discriminação e do preconceito vividos por estarem nessas condições.

A vergonha é o medo do pudor. Ela impede a pessoa de executar a ação que imagina ser censurada. “Pudor é a tristeza acompanhada da idéia de alguma ação nossa que imaginamos que os outros censuram” (Espinosa, 1973a, p. 226). No pudor nos sentimos tristes por executar uma ação que imaginamos ser censurada pelos outros. (MIURA; SAWAIA, 2013, p. 334).

Tal censura vem devido aos significados ideológicos construídos sobre a imagem do catador, associando-a à ideia de ladrão, mendigo, malandro, vagabundo, incapaz. Além disso, tal vergonha acaba favorecendo, segundo Miura e Sawaia (2013), a submissão. Ou seja, o sentimento de vergonha pode nos colocar em conformismo com o nosso meio cultural, com os costumes, com as normas e regras, regulando nossas ações e nosso comportamento. Tal sentimento nos remete, justamente, ao fatalismo, que impede as pessoas de se movimentarem para transformarem a sua realidade social desfavorável.

Porém, as autoras revelam que, tornar-se catador pode ser também, fonte de alegria. Alegria advinda tanto pela possibilidade de o indivíduo recuperar a própria dignidade, ao conseguir se inserir e ser reconhecido socialmente como trabalhador honesto, conseguindo obter os meios para a sua existência. E também pela possibilidade de poder organizar-se e mobilizar-se coletivamente na luta por melhores condições de trabalho e de vida.

Assim, acreditamos que ao entrar em contato com o relato de Galeano, a pessoa possa sentir esses sentimentos ruins associados a inclusão perversa, como a vergonha e a humilhação, mas também possa movimentar outras formas de sentimentos. Pela própria

característica da arte permitir que nos relacionemos com os nossos sentimentos como objetos, apontada por Vigotski e delineada por nós nesse trabalho. Acreditamos que o sujeito possa se encarar com esses sentimentos de vergonha e impotência transmitidos no relato, com isso, torna esses sentimentos também pessoais seus. O relato pode mobilizar sentimentos já conhecidos da própria pessoa, pela identificação do que se expressa, mas também pode apresentar novos sentimentos. E nesse encontro com a obra, por meio da catarse, a pessoa pode conseguir produzir sentimentos potencializadores, que possam mudar a vivência que o sujeito tem com a inclusão perversa. Cremos que um desses sentimentos potencializadores possa ser o sentimento de **revolta**. Compreendemos, junto com Costa e Mendes (2020), que o sentimento de revolta se apresenta como uma forma de resistência à falta de um projeto alternativo de sociedade.

Demarcamos a importância de movimentar essas formas de sentimentos para que as pessoas possam motivar-se para transformar a sua realidade social desigual. Resgatando a base afetivo-cognitiva do psiquismo, precisamos ter a nossa compreensão de mundo em unidade com os nossos sentimentos, assim, se a situação dos “ninguéns” é indignante e consigo perceber isso de forma racional, também posso senti-la em meu corpo na forma desses sentimentos de revolta e raiva. Defendemos aqui, novamente, a importância de se olhar para esses sentimentos e se permitir senti-los, não os renegando mais ao campo da animalização do ser humano.

Pensando na unidade afetivo-cognitiva, vemos em outro relato de Galeano a sua expressão poética:

Celebração de bodas da razão com o coração

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.

Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra *sentipensador* para definir a linguagem que diz a verdade.

(GALEANO, 2020, p. 119).

Outra vez, parece que Galeano estudou a teoria desenvolvida em nosso trabalho conosco. Pois, consegue demonstrar a problemática de sermos “esquartejados”, de divorciarem a alma do corpo e a razão do coração (ou das emoções). Demonstra, assim, de forma poética, como os dualismos servem para que não consigamos “dizer a verdade” e nem a sentir, pois somos ensinados a silenciar o que sentimentos em nossos corpos e o que fala o nosso coração. Assim, podemos permanecer submissos e fatalistas.

Além das formas de silenciar as emoções já esboçadas neste trabalho, Miura e Sawaia (2013) nos trazem outra forma de marginalizar as emoções, qual seja, a distinção de duas qualidades das emoções: as calmas e frias e as agitadas e quentes. As primeiras colaboravam com a estrutura da ordem social, sendo sentimentos de benevolência e altruísmo. Enquanto as segundas, iam contra a ordem e a razão, associadas a sentimentos turbos e irracionais. Assim, os primeiros sentimentos eram valorizados e podiam ser sentidos, enquanto os segundos deveriam ser contidos. Mas, diante da desigualdade, da injustiça e da miséria, como manter sentimentos calmos e frios enquanto a desigualdade é sentida na carne? Acreditamos que movimentar sentimentos de revolta, raiva, diante das situações indignantes seja uma prova de saúde, de potência de vida. E que as diferentes formas de arte podem ajudar a organizar esses sentimentos em prol do bem comum. Pois cremos que elas possam ajudar as pessoas, ao sentirem sentimentos semelhantes, a concordarem entre si e unirem as suas forças, com isso, desencadear ações coletivas de transformações sociais.

Além disso, como defendem Costa e Mendes (2020), os pobres (os ninguéns) não são cegos diante das injustiças da estrutura social. Eles obviamente pensam sobre o que lhes acontece, e parece-nos, pelo relato de Galeano, que conseguem até ser “doutores em Ética e Moral” – ética e moral espinosana, nos atrevemos a dizer. Pois mostram que a linguagem “que diz a verdade” é a que une o sentir e o pensar, neste belo “sentipensador”. Mas, se esses processos de “sentirpensar” permanecem velados ou reprimidos, é porque não se ligaram os canais para ouvi-los. Acreditamos que o relato *Dizem as paredes/2* é uma forma que Galeano encontrou para ligar esses canais. Neste relato o narrador apresenta pichações em paredes de diversos locais da América Latina.

Dizem as paredes/2

Em Buenos Aires, na ponte da Boca: *Todos prometem e ninguém cumpre. Vote em ninguém.*

Em Caracas, em tempos de crise, na entrada de um dos bairros mais pobres: *Bem-vinda, classe média.*

Em Bogotá, pertinho da Universidade Nacional: *Deus vive.*

Embaixo, com outra letra: *Só por milagre.*

E também em Bogotá: *Proletários de todos os países, uni-vos!*

Embaixo, com outra letra: *(Último aviso.)*

(GALEANO, 2020, p. 99).

A apresentação de frases, aparentemente desconexas, chama atenção do leitor pelo seu caráter de denúncia e explicitação de que o povo tem consciência de suas condições. No

primeiro escrito, por exemplo, a contraposição entre o “ninguém cumpre” e “vote em ninguém” evidencia a denúncia de que o povo percebe que as mudanças na nossa realidade não acontecem. Em concomitância há uma pequena esperança de que possamos votar em “ninguém”, que poderia cumprir as tais promessas, embora, novamente, ninguém não existe, evidenciando mais uma vez, essa crença do povo na impossibilidade de mudanças. O segundo escrito das paredes, “Bem-vinda, classe média”, mostra como as pessoas se apercebem das mudanças sociais que as crises podem produzir, mas, sem a possibilidade de uma ascensão social, e sim com a evidência da constante queda social que as crises do capital podem produzir. No terceiro escrito, chama-se atenção para a contraposição entre os escritos, como se dissesse que “Deus vive”, mas nessas terras “só por milagre”, trazendo essa sensação de ser um povo abandonado até por Deus. E, por último, há a contraposição entre o chamado histórico dos marxistas à revolução e o apontamento de que esta seria a “última chamada”, como se já tivéssemos perdido as chances de mudar a nossa realidade. Neste relato de Galeano demonstra-se que o povo tem noção de suas condições, porém tem dificuldade em ver possibilidades de mudanças reais, sendo essa uma expressão do fatalismo, como Martín-Baró (2017) nos explica, ou seja, o povo detecta acertadamente o sintoma, mas erra no diagnóstico.

Essa noção que o povo tem de suas condições, nos remete à questão da corporeidade, pois entendemos que a pessoa sente em seu corpo essas mais diferentes vivências. E como mente e corpo são uma mesma e única coisa, quando sinto no meu corpo, também significo para a minha mente essa mesma vivência. Significando-a na forma de fatalismo, mas também de resistência, indignação e revolta. E o relato de Galeano evidencia justamente que o povo expressa todos esses mais contraditórios sentimentos em relação às suas vivências. E, com isso, o relato consegue transmitir, afetar, outras pessoas também com essa mesma vivência dos excluídos e injustiçados. Pensando na base afetivo-volitiva das ações, tal afetação também poderia mobilizar as pessoas para se revoltarem diante das injustiças.

Porém, também entendemos que tal relato possa expressar formas de adoecimento psicossomático, que, como trouxemos em nosso trabalho, se encontra no impedimento da transformação das vivências. Da impossibilidade de a pessoa significar de maneira saudável e criativa as experiências que têm com o meio. Pois os escritos nas paredes demonstram várias formas de conformação à ordem social; o entendimento de que nenhum político possa mudar as situações vividas, da conformação que a classe média chega aos bairros pobres, ao invés do desejo de se ter a ascensão social real. Com isso, parece que as possibilidades de construir uma nova realidade estão embotadas. Lembramos que o adoecimento psicossomático é uma

questão de como a pessoa domina os fatos ou a situação com o auxílio da experiência que lhe foi acessível. Assim, como apontamos, percebe-se que as classes dominadas têm noção de sua opressão e miséria, mas não consegue modificar esse fato. Pela própria estrutura social de fazer parecer quase impossível essa mudança. Dessa forma, podemos concluir, que o relato de Galeano consegue expressar o caráter dialético do fatalismo, em que o fatalismo é, ao mesmo tempo, a expressão da miséria real e o protesto contra ela (COSTA; MENDES, 2020). Muito bem caracterizado no que *Dizem as paredes*.

Martín-Baró (2017) ainda observa que o fatalismo se configura como uma interiorização da dominação social, ou seja, a dominação social a qual o povo latino-americano é submetido se tornou um senso comum, isto é, ganhou aparência de uma realidade que não é histórica, mas natural, sendo, portanto, imutável. “O lugar de nascimento converte-se, assim, em lugar de destino. Por isso, o fatalismo é uma realidade social, externa e objetiva, antes de se converter em uma atitude pessoal, interna e subjetiva.” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 171). As classes dominadas não têm possibilidade real de controlar seu próprio futuro, de moldar sua vida de acordo com suas necessidades e desejos. Com isso, sonham em ser a classe dominante (FREIRE, 2005), ao invés de ver a possibilidade de transformar essa realidade desigual como um todo.

Dessa forma, o fatalismo dá um sentido, por mais deplorável que seja, à inevitabilidade de condições que não abrem qualquer alternativa para a vida das pessoas para além da submissão ao seu destino. Assim, entendemos que o fatalismo acaba sendo o significado que o sujeito dá aos afetos que o atravessam com a vivência da exclusão, da miséria e da desigualdade. Galeano bem expressa esse caráter fatalista de nosso povo em seu relato *Divórcios*:

Divórcios

Um sistema de desvínculos: para que os calados não se façam perguntas, para que os opinados não se transformem em opinadores. Para que não se juntem os solitários, nem a alma junte seus pedaços.

O sistema divorcia a emoção do pensamento como divorcia o sexo do amor, a vida íntima da vida pública, o passado do presente. Se o passado não tem nada para dizer ao presente, a história pode permanecer adormecida, sem incomodar, nos guarda-roupas onde o sistema guarda seus velhos disfarces.

O sistema esvazia nossa memória, ou enche a nossa memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história em vez de fazê-la. As tragédias se repetem como farsas, anunciava a célebre profecia. Mas entre nós, é pior: as tragédias se repetem como tragédias.

(GALEANO, 2020, p. 121).

Tal relato expressa de forma poética muito do que abordamos, em nosso trabalho, a respeito do entendimento monista do ser humano. Assim, entendemos que razão e emoção,

mente e corpo, sujeito e sociedade em unidade, não como polos opostos de uma relação. Vemos que o relato de Galeano traz a potencialidade de permitir que a pessoa compreenda a motivação desses “divórcios” que são, até hoje, tão difundidos em nossa sociedade. O porquê de o dualismo ainda ser a teoria hegemônica em nossa sociedade. Pois, não é à toa que a ideologia dominante nos divorcia de nós mesmo, assim não nos tornamos questionadores ou posicionados. Ou seja, não nos movimentamos para transformar a nossa sociedade. Com o entendimento de que os afetos nos motivam e nos movem, divorciar o pensamento dos afetos e reprimi-los ao máximo, o que possibilita que as pessoas fiquem submissas ao sistema. Além de evitar que se “juntem os solitários”, ou seja, de nos vermos nos outros e trabalharmos em prol do bem comum. Vemos no relato, e na teoria que trabalhamos até aqui, como é cômodo ao sistema deixar as pessoas “divorciadas” de si mesmas e dos outros. Mas, apontamos que tal relato tem a potencialidade de quebrar essa lógica ao, justamente, nos encarmos com esses sentimentos transmitidos no relato, de identificarmos esses divórcios contidos nas nossas vivências e podermos, com isso, mudar essa lógica. Enfim, acessar o “social em nós” que, como nos disse Vigotski, a arte tem a possibilidade de expressar.

Entendemos, também, que esse divórcio relatado por Galeano não permite que a pessoa conceitue as suas vivências. Podendo levar ao adoecimento psicossomático aqui apresentado. Não à toa, que a população oprimida é a que apresenta os maiores índices de adoecimento psíquico (COSTA; MENDES, 2020), tendo na medicalização da vida a resposta silenciadora dessas vivências. Novamente, divorciando o sujeito de si mesmo, a pessoa passa a entender que está com depressão ou ansiedade, por exemplo, porque tem um problema da ordem biológica, sem considerar que vive em condições extremas que não deixam alternativa, senão o adoecimento.

Galeano evidencia, assim, o papel dos opressores em manter-nos como estamos, acompanhados dessa sensação de que a história, por aqui, será sempre tragédia. Essa repetição das tragédias nos remete a outro relato do autor:

Elogio ao bom senso

Ao amanhecer de um dia nos fins de 1985, as rádios colombianas informaram:

A cidade de Armero sumiu do mapa.

O vulcão vizinho matou a cidade. Ninguém conseguiu correr mais rápido que a avalanche de lodo fervente: uma onda grande como o céu e quente como o inferno atropelou a cidade, jorrando vapor e rugindo fúrias de animal ruim, e engoliu trinta mil pessoas e todo o resto.

O vulcão vinha avisando há um ano. Um ano inteiro ficou jorrando fogo, e quando não podia esperar mais, descarregou sobre a cidade um bombardeio de trovões e uma chuva de cinzas, para que os surdos escutassem e os cegos enxergassem tanta advertência. Mas o prefeito dizia que o Governo Superior dizia

que não havia motivos para alarme, e o padre dizia que o bispo dizia que Deus estava cuidando do assunto, e os geólogos e os vulcanólogos diziam que tudo estava sob controle e fora de perigo.

A cidade de Armero morreu de civilização. Não tinha nem cumprido um século de vida. Não tinha hino nem escudo.
(GALEANO, 2020, p. 130).

O relato de Galeano retrata uma história real que ficou conhecida como “tragédia de Armero”, que ocorreu após a erupção do estratovulcão Nevado del Ruiz em Tolima, na Colômbia, em 13 de novembro de 1985. A cidade de Armero foi completamente destruída pela erupção, onde morreram mais de 20 mil de seus quase 29 mil habitantes. Vítimas em outras cidades, particularmente em Chinchiná, elevaram o número total de mortos para 23 mil. Este foi o segundo desastre vulcânico mais mortal do século XX, e é o quarto evento vulcânico mais mortal registrado desde o ano 1500. E, a maior tragédia, o evento foi uma catástrofe previsível, geólogos e outros especialistas alertaram as autoridades e meios de comunicação sobre o perigo nas semanas e dias que antecederam a erupção. Porém, tais alertas foram ignorados ou minimizados pelas autoridades, o que levou muitas pessoas a ficarem em suas casas no momento da erupção (WIKIPÉDIA, 2023). Com isso, podemos ver que a cidade de Armero, realmente, morreu de civilização.

Escrevemos nossa dissertação durante a pandemia de covid-19 e não tem como tal situação relatada por Galeano não nos remeter ao negacionismo vivido no Brasil durante essa nossa repetição de tragédias. No Brasil, a pandemia de COVID-19 teve seu início em 26 de fevereiro de 2020, com o primeiro caso confirmado na cidade de São Paulo (OLIVEIRA; ORTIZ, 2020). E já no dia 20 de março de 2020, o Ministério da Saúde (MS) declarou o estado de transmissão comunitária em todo o território nacional (VALENTE, 2020). Desde então, foram confirmados 37 063 464 casos e 699 197 mortes (BRASIL, 2023). Na época, a Organização Mundial de Saúde (OMS) lançou diversas diretrizes para combater o contágio do vírus, como o distanciamento social, isolamento e o uso de equipamentos de segurança, como as máscaras (GUITARRARA, 2023). Já no Brasil, as respostas do então presidente da república, Jair Bolsonaro, foram bastante polêmicas, pois ele foi contra as diretrizes da OMS. Minimizou os efeitos da doença, defendeu tratamentos sem eficácia comprovada e postergou a compra de vacinas, sendo de posição contrária ao isolamento social e a favor de que tudo retornasse à “normalidade” (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2021). O resultado do discurso e práticas do então presidente foi levar o Brasil, no mês de maio de 2021, à segunda colocação em números de mortes devido à Covid-19, apenas atrás dos Estados Unidos da América.

Demonstra-se aqui essa nossa repetição de tragédias e a nossa morte de “civilização”. Civilização esta que nos afasta da nossa humanidade, prioriza a economia em detrimento das vidas, nos aliena das possibilidades de transformação e fataliza as nossas vidas. Que não poderia ser outra, senão a capitalista. E que mesmo diante de tantas tragédias, ainda consegue produzir a sua aceitação ideológica.

Martín-Baró (2017) aponta que a aceitação ideológica do fatalismo produz aceitação prática da ordem social opressiva, portanto é de interesse das classes opressoras que as pessoas se mantenham fatalistas. Desse modo, essa postura leva a dois aspectos cruciais: (a) justifica a postura de conformismo e submissão diante de condições sociais que são impostas às pessoas como se fossem determinismos da natureza, o que reduz a necessidade de as classes dominantes recorrerem aos mecanismos de coerção repressiva; (b) induz a um comportamento dócil diante das exigências daqueles que têm o poder. Portanto, o fatalismo das maiorias populares canaliza os interesses das classes dominadas, isto é, articula no próprio psiquismo interesses que contribuem para sua alienação e bloqueiam sua humanização. Por isso, reforçamos aqui a importância da apropriação do nosso passado por meio da literatura, pois com o conhecimento é possível compreender que esses mecanismos do fatalismo não são naturais, mas históricos, levando ao entendimento da possibilidade de mudança dessas condições. Além do papel da psicoterapia em mediar o acesso à essa literatura, à nossa memória histórica, e, com isso, propiciar a conscientização das pessoas e levar aos caminhos da superação da alienação.

Martín-Baró (2017) observa ainda, que a alienação da consciência no fatalismo é perpetuada pela referência à símbolos absolutos, inalcançáveis e imutáveis, levando, inclusive, a manipulação ideológica da simbologia cristã. “O importante, portanto, não é mudar a ordem social; o importante é preparar o indivíduo para receber a salvação de Deus.” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 173). Assim, a submissão frente às condições de vida se converte em obediência à vontade de Deus e a docilidade social é convertida em virtude religiosa. Essa manipulação da simbologia cristã é contraposta por Galeano em seu relato *Teologia/3*:

Teologia/3

Errata: onde o Antigo Testamento diz o que diz, deve dizer aquilo que provavelmente seu principal protagonista me confessou:

Pena que Adão fosse tão burro. Pena que Eva fosse tão surda. E pena que eu não soube me fazer entender.

Adão e Eva eram os primeiros seres humanos que nasciam da minha mão e reconheço que tinham certos defeitos de estrutura, construção e acabamento. Eles não estavam preparados para escutar, nem para pensar. E eu... bem, eu talvez não estivesse preparado para falar. Antes de Adão e Eva, nunca tinha falado com ninguém. Eu tinha pronunciado belas frases, como "Faça-se a luz", mas sempre na

solidão. E foi assim que, naquela tarde, quando encontrei Adão e Eva na hora da brisa, não fui muito eloquente. Não tinha prática.

A primeira coisa que senti foi assombro. Eles acabavam de roubar a fruta da árvore proibida, no centro do Paraíso. Adão tinha posto cara de general que acaba de entregar a espada e Eva olhava para o chão, como se contasse formigas. Mas os dois estavam incrivelmente jovens e belos e radiantes. Me surpreenderam. Eu os tinha feito; mas não sabia que o barro podia ser tão luminoso.

Depois, reconheço, senti inveja. Como ninguém pode me dar ordens, ignoro a dignidade da desobediência. Tampouco posso conhecer a ousadia do amor, que exige dois. Em homenagem ao princípio de autoridade, contive a vontade de cumprimentá-los por terem-se feito subitamente sábios em paixões humanas.

Então, vieram os equívocos. Eles entenderam queda onde falei de voo. Acharam que um pecado merece castigo se for original. Eu disse que quem desama peca: entenderam que quem ama peca. Onde anunciei praderia em festa, entenderam vale de lágrimas. Eu disse que a dor era o sal que dava gosto à aventura humana: entenderam que eu os estava condenando, ao outorgar-lhes a glória de serem mortais e loucos. Entenderam tudo ao contrário. E acreditaram.

Ultimamente ando com problemas de insônia. Há alguns milênios custo a dormir. E gosto de dormir, gosto muito, porque quando durmo, sonho. Então me transformo em amante ou amanta, me queimo no fogo fugaz dos amores de passagem, sou palhaço, pescador de alto mar ou cigana adivinhadora da sorte; da árvore proibida devoro até as folhas e bebo e danço até rodar pelo chão...

Quando acordo, estou sozinho. Não tenho com quem brincar, porque os anjos me levam tão a sério, nem tenho a quem desejar. Estou condenado a me desejar. De estrela em estrela ando vagando, aborrecendo-me no universo vazio. Sinto-me muito cansado, me sinto muito sozinho. Eu estou sozinho, eu sou sozinho, sozinho pelo resto da eternidade.

(GALEANO, 2020, p. 88-89).

Galeano contrapõe belamente, no relato acima, essa manipulação ideológica da simbologia cristã perpetuada em nossa sociedade, que transforma em pecado aquilo que nos faz humanos – ou seja, as nossas “paixões humanas”. Entendemos que o autor ao falar em “dignidade da desobediência” e “ousadia do amor” consegue expressar toda essa potencialidade das emoções que abordamos em nosso trabalho. Com isso, permite, ao leitor que entra em contato com o relato, compreender a natureza das emoções, e, como nos lembra Sawaia (2009), pode se livrar das ideias inadequadas (superstições) e sentir alegria. Aqui, entendemos que a verdadeira natureza das emoções é não as ver como algo inferior à razão, como um apêndice descartável do pensamento, mas sim, as compreendendo como aquilo que nos move, aquilo que dá brilho, dá vida, à nossa existência.

Assim, acreditamos que tal relato possa nos livrar da ideia inadequada da manipulação da ideologia cristã, de que viver as nossas paixões seria um grande pecado, por isso temos que nos conservar submissos e fatalistas. E permite à pessoa sentir a alegria que é ser humano, de viver essas paixões, de sentir a “dignidade da desobediência” e a “ousadia do amor”. Entendemos que, Galeano ao falar em dignidade da desobediência, expressa justamente o que argumentamos, aqui, sobre o sentimento de revolta, ele inverte a lógica de achar que desobediência é algo ruim e reprovável, para transformar em algo potente, digno, que nos

transforma e transforma a nossa realidade. E a ousadia do amor é justamente a ideia de Espinosa de que são as paixões alegres que nos movem, da alegria de pensar sem submissão, de conseguir afastar aquilo que causa medo e tristeza em prol desse amor e da alegria de viver.

Novamente, parece-nos que o autor estudou as teorias que trabalhamos até aqui para construir a sua literatura – a arte realmente é o “social é nós”, e está intrinsecamente ligada à vida, como já diria Vigotski. Pois, ao analisarmos o relato, vemos como ele expressa a natureza afetivo-cognitiva e afetivo-volitiva das emoções. Com a compreensão do pensamento em unidade com o afeto, podemos entender as atitudes de Adão e Eva expressas no relato. Ao nos perguntarmos no que eles pensaram ao cometer o “pecado original”, necessariamente precisamos entender os seus afetos, para compreender os motivos, necessidades e interesses dessas atitudes. Porque, lembrando mais uma vez, é a tonalidade emocional que demanda a atividade do sujeito, que mobiliza as nossas funções para a ação, e convertem-se, afetivo-cognitivamente, em conteúdo consciente da nossa atividade. E o significado (pensamento de algo) e o sentido (afeto singular correspondente ao pensamento de algo) são a possibilidade de compreendermos a expressão dessa unidade afetivo-cognitiva. Ou seja, só podemos entender as atividades de Adão e Eva se compreendermos os seus significados (o que pensaram sobre) e sentidos (o que sentiram nessa experiência), em conjunto, não separadamente.

Além disso, sentimos que este relato consegue expressar muito bem todos os subtemas conceituais sobre as emoções que elaboramos em nossa metassíntese, nas páginas 94 a 101. Nos parágrafos anteriores abordamos os subtemas “b) emoção em unidade com a razão (unidade afeto e intelecto)” e “c) emoção em seu papel motivacional (base afetivo-volitiva das ações)”. Agora, gostaríamos de trazer uma breve consideração sobre os demais subtemas, lembrando quais são: a) emoção como forma de comunicação; d) as emoções se desenvolvem/transformam; e) emoções em relação com o meio social; f) emoção como Função Psicológica Superior; g) emoção como função que permeia as outras funções psicológicas.

Ao pensar na emoção como forma de comunicação, entendemos que as dificuldades de comunicação, expressas no relato, estão justamente nessa dissociação das emoções, nos personagens não as terem em conta na mediação de sua comunicação. Tendo em vista que as emoções humanas são processos psicológicos que se desenvolvem e se transformam na história e na cultura, sempre em relação com o meio social, mas, nessa relação, também podem não se desenvolver e acabar ficando embotadas. Pensando na emoção, como Função

Psicológica Superior, ou como função que permeia todas as outras, entendemos que ao ela se desenvolver, ela requalifica todas as outras funções, ampliando a nossa capacidade de nos comunicarmos e de compreendermos as nossas vivências. Nesse contexto empobrecido das relações sociais ao qual o relato se refere, vemos a dificuldade de desenvolver a expressão dessas emoções e, com isso, se comunicar. A unidade pensar agir e sentir fica dissociada, levando assim aos desentendimentos trazidos no relato.

Desentendimentos tais, que podem também ser revividos, guardando a particularidade de cada situação, nas mais diversas relações humanas. Em momentos que desejo algo e não consigo expressar esse desejo e atuo de forma inconsciente ou até adoço, por exemplo. Elaboramos a defesa dessa outra forma de compreensão do papel das emoções em nossa constituição psíquica, com vistas a superar tais desentendimentos nas nossas relações. Isto é, nos permitirmos entender as emoções que sentimos, o porquê dessas emoções, assim, poder expressá-las em nossas relações e construir relações em que estejamos mais inteiros e, conseqüentemente, mais saudáveis.

Tendo em conta a necessidade das relações sociais para nos desenvolvermos, chamamos atenção para outra parte do relato, a qual Galeano pontua o sofrimento que é a solidão para Deus. Desse modo, se permite uma licença poética com a humanização e aproximação de Deus a nós mesmos, e possibilita que nos penalizemos de Deus, por ele não poder ter um par, que é fator fundamental para a nossa humanização. Pois, lembrando, a consciência é conhecimento compartilhado, se não temos esse outro para compartilhar o conhecimento, nos perdemos também de nós mesmos. “Nós nos reconhecemos apenas na medida em que somos outros para nós mesmos [...]” (VYGOTSKI, 1991, p. 12, tradução nossa). Lembramos, fundamentadas na lei genética do desenvolvimento, que o psiquismo surge a partir das relações sociais internalizadas. “[...] passamos a ser nós mesmos através dos outros.”, postulou Vigotski (2000, p. 149, tradução nossa). O sujeito primeiro conhece algo com alguém, para então, conhecê-lo consigo mesmo. A falta de colaboração embrutece e fataliza as nossas vidas. Em nossas reflexões sobre o desenvolvimento do sujeito, entendemos que essas faltas são geradoras de grande sofrimento e de adoecimento psíquico. Mas, que podem ser revertidos se conseguirmos cooperar com alguém, se pudermos desenvolver formas de parceria com alguém, podemos, conseqüentemente, desenvolver uma parceria conosco. Se pudermos ser “amante ou amanta” de alguém, como diria Deus, no relato de Galeano. Assim, conseguimos ser nós mesmos, e ser parceiros de nós mesmos, e podemos nos fazer necessários para alguém vir a ser ele próprio, e parceiro de si próprio.

Ressaltamos, porém, que essas colaborações não devem, ou não deveriam, ser restritas a uma única pessoa ou relação. Pois, como nos lembram os teóricos da reforma psiquiátrica (KINOSHITA, 2010), todos dependemos de múltiplas relações para sobreviver. Desde depender de alguém de produza a nossa comida e o necessário para nos mantermos vivos, a depender dos outros para expandir a nossa existência, com a arte, a cultura, a ciência, o conhecimento. Dependemos dos outros para suprir as nossas necessidades do corpo e da alma, portanto somos todos dependentes. No entanto, se temos relações restritas/restritivas (como o caso das pessoas em sofrimento psíquico que ficam internadas em hospitais e dependem exclusivamente do hospital psiquiátrico) a nossa autonomia e potência de viver é diminuída. Assim, só conseguimos ser mais autônomos, mais “nós mesmos”, quanto mais dependentes de tantas coisas pudermos ser, quantas mais relações de cooperação, que potencializam a minha existência, eu puder estabelecer, pois isso amplia as nossas possibilidades de vida. Dessa forma, a solidão de Deus expressa no relato, a sua falta de vínculos potencializadores, pode ser a base para formas de adoecimento psíquico, como os “problemas de insônia” relatados.

Em contraponto, além da possibilidade de sentirmos pena de Deus e sofrimento com ele, entendemos que o relato também pode nos fazer sentir alegria. Alegria pela identificação com as potencialidades da vida humana apresentadas, nos permite ver a beleza de poder “se queimar no fogo fugaz dos amores de passagem”, “ser palhaço, pescador de alto mar ou cigana adivinhadora da sorte”, de “dançar até rodar pelo chão”. Permite ainda, sentirmos que viver todas essas possibilidades de vida podem desbloquear as forças reprimidas da subjetividade em direção à alegria de viver.

Com isso, é possível afirmar que, ao entrar em contato com o relato, e compreendermos a contradição do sofrimento de Deus, com as potencialidades da vida humana que ele tanto inveja. Tal contradição pode gerar emoções opostas, de sofrimento e alegria, e que pode encontrar um “curto-circuito” de emoções opostas, gerando a catarse, ou seja, uma complexa transformação dos sentimentos. Assim, essa transformação pode permitir que não vejamos mais essas coisas que nos dão tanta vida como pecado e que devem ser reprimidas, mas como potências, que nos permite até pensar: “como é bom ser humano!”. E, com isso, pode “desamarrar as forças para a existência” e levar à expansão da própria existência.

Por fim, entendemos que o nosso encontro com relato de Galeano possibilita a superação de todo o desentendimento que Deus, Adão e Eva tiveram, isto é, as ideias inadequadas da manipulação da ideologia cristão usadas hoje para perpetrar o fatalismo.

Assim, possibilita a transformação dos nossos sentimentos em relação a essas ideias inadequadas. Podemos superar todos esses equívocos relatados, passar a ver voos no lugar da queda. Não nos castigamos eternamente pelo pecado, e entendermos que quem desama que realmente peca, não o contrário. Assim, podemos celebrar a glória de sermos mortais e loucos, desamarrar as forças para viver, com alegria e felicidade, não num vale de lágrimas.

A celebração da humanidade, aqui defendida em nossa interpretação deste relato, nos remete a outro relato de Galeano:

Celebração da voz humana/2

Tinham as mãos amarradas, ou algemadas, e ainda assim os dedos dançavam, voavam, desenhavam palavras. Os presos estavam encapuzados; mas inclinando-se conseguiam ver alguma coisa, alguma coisinha, por baixo. E embora fosse proibido falar, eles conversavam com as mãos.

Pinio Ungerfeld me ensinou o alfabeto dos dedos, que aprendeu na prisão sem professor:

– *Alguns tinham caligrafia ruim* – me disse. – *Outros tinham letra de artista.*

A ditadura uruguaia queria que cada um fosse apenas um, que cada um fosse ninguém: nas cadeias e quartéis, e no país inteiro, a comunicação era delito.

Alguns presos passaram mais de dez anos enterrados em calabouços solitários do tamanho de um ataúde, sem escutar outras vozes além do ruído das grades ou dos passos das botas pelos corredores. Fernández Huidobro e Maurício Rosencof, condenados a essa solidão, salvaram-se porque conseguiram conversar, com batidinhas na parede. Assim contavam sonhos e lembranças, amores e desamores; discutiam, se abraçavam, brigavam; compartilhavam certezas e belezas e também dúvidas e culpas e perguntas que não têm resposta.

Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada. (GALEANO, 2020, p. 23).

Parece-nos que o relato evidencia em seu título, “celebração”, o qual nos remete à homenagem, mas uma homenagem em festa. Pois, é de se homenagear a força dessas pessoas em encontrarem caminhos para se expressarem, e a homenagem merece festejos e alegrias. Assim, este relato também expressa belamente o que apresentamos em nosso trabalho, qual seja, essa real necessidade do outro para sermos nós mesmos, e o outro ser ele mesmo. Pois, realmente, todos temos alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada. Além disso, tal relato nos remete às potencialidades da psicoterapia aqui abordadas. Demonstra que sempre podemos encontrar caminhos para nos expressarmos, que podem nos tirar a voz, mas podemos encontrar estes outros meios de comunicação, com uma infinita possibilidade de nos expressarmos e transformarmos e, com isso, nos desenvolvermos. Desse modo, a relação de parceria estabelecida entre o psicólogo e a pessoa atendida por ele, pode ser propícia para também criar essas outras formas de expressão do que aflige a pessoa que busca ajuda

profissional. Tal reflexão, nos leva para outro relato de Galeano, que também aborda a importância das nossas relações para nos desenvolvermos:

A fome/2

Um sistema de desvinculo: *Boi sozinho se lambe melhor...* O próximo, o outro, não é seu irmão, nem seu amante. O outro é um competidor, um inimigo, um obstáculo a ser vencido ou uma coisa a ser usada. O sistema, que não dá de comer, tampouco dá de amar: condena muitos à fome de pão e muitos mais à fome de abraços.

(GALEANO, 2020, p. 81).

Tal relato nos remete à reflexão que realizamos a partir de Sawaia: da importância da alegria para nos desenvolvermos. Temos necessidade de alimento, mas também de afetos, das necessidades do corpo e da alma. Precisamos viver, para além de sobreviver. E como esse sistema nos aliena, nos aliena de nós mesmos e do outro, e, com isso, da nossa humanidade em nós mesmos e no outro. Dessa forma, temos que lutar tanto contra a fome de pão, quanto contra a fome de abraços. Pois, sem o outro, perdemos a potencialidade da cooperação e de atingir, enfim, a emancipação humana e o fim do sofrimento ético-político.

Após essas interpretações e relações que traçamos com a categoria do fatalismo, retornamos ao método objetivamente analítico, com o propósito de compreender como o livro em tela pode ser interpretado nos parâmetros da Psicologia da arte de Vigotski. Compreende-se que, para Vigotski (1999) a estrutura da obra de arte é composta por **conteúdo** e **forma**. Sendo que o conteúdo é o seu material expresso na forma artística, e a forma diz respeito ao arranjo, à composição, ambos compõem uma unidade contraditória, que constituiu a estrutura de uma obra artística. E encontramos na própria obra a superação dessa contradição e a possibilidade da transformação das emoções. Assim, para compreendermos os relatos de Galeano nos termos da Psicologia da arte, deve-se compreender qual é o **conteúdo** desses relatos, para então descobrir o porquê de sua **forma** e, finalmente, entender qual é a **resposta estética** que essas obras geram e como elas podem levar ao desenvolvimento humano. Portanto, buscaremos a decifração dos sentimentos e funções psicológicas que a arte coloca em movimento, bem como as implicações disso para o psiquismo.

Os relatos d’*O Livro dos Abraços* representam **fragmentos de memórias**, podendo ser estes individuais do autor ou coletivos, ambos formam uma unidade entre indivíduo e sociedade. Entendemos que tais fragmentos representam **sentimentos universais do povo latino-americano**, Galeano experimenta compaixão com as vivências de seu povo e vai além, enformando-os esteticamente. Sendo que estes sentimentos e memórias universais representam o **conteúdo** dos relatos. Após compreender o conteúdo da obra, é necessário

buscar entender a **forma** das obras, deve-se perguntar o porquê dessa forma, com que objetivo o autor nos apresenta esses sentimentos em forma de relatos poéticos.

A obra de Galeano assume claramente um tom de denúncia das violências que cometeram e cometem com o povo latino-americano. Como aponta-nos Miranda (2020), inicialmente em sua trajetória como escritor Galeano tinha um tom mais historiográfico, podendo até ser compreendido como um texto mais científico. Posteriormente, suas obras vão assumindo um tom mais poético, entendemos que *O Livro dos Abraços* se emoldura nesses textos mais poéticos. Por textos poéticos entendemos que são textos que nos permitem vivenciar o que descrevem a partir de seu caráter afetivo. Portanto, a forma dos relatos de Galeano é de **relatos poéticos**, que nos permitem ter a vivência histórica de nossa realidade, reforçando, assim, sua potência de afetação que atravessa espaço e tempo. Assim, podemos afirmar que os relatos de Galeano podem ser uma estratégia para se compreender as mediações que geram determinado fenômeno; permitem ir além da aparência para chegar à essência, gerando a compreensão da totalidade. Deste modo, os relatos nos geram certo estranhamento e um novo olhar em relação à nossa própria história.

Qual a intencionalidade implicada do artista em determinado arranjo do conteúdo e forma? O conteúdo das obras de Galeano, a história do povo latino-americano, é enformado nos relatos poéticos. O conteúdo das obras é trazido na forma de **vivência**, as quais geram as emoções contraditórias de, ao mesmo tempo em que o espectador se identifica com os relatos do livro, podendo se localizar nas histórias retratadas e ter emoções de **ternura e compaixão** com certas histórias, concomitantemente os relatos podem gerar sentimentos de **estranhamento**, de **revolta e raiva** ao espectador, suscitado pela denúncia dos horrores de nossa história e de nossa vivência. Assim, ao mesmo tempo em que há a **identificação**, há o **estranhamento**, o mesmo relato que nos identifica nos horroriza, podendo gerar um novo olhar em relação à nossa história.

Deste modo, o conteúdo das obras, a história do povo latino-americano, uma história de tantas injustiças e tragédias, ganha a forma na **vivência pessoal e coletiva representada**. Isso leva à contradição de, ao mesmo tempo, ser uma identificação com a nossa própria história, e uma denúncia das mazelas de nosso povo, algo que não estamos acostumados a nos identificar. Assim, configura-se a síntese entre o desenvolvimento do conteúdo e da forma, síntese que pode provocar a catarse, a transformação das emoções destes dois aspectos contraditórios. Para ilustrar essa nossa elaboração teórica sobre os relatos de Galeano, nada melhor do que a interpretação de mais um relato do autor, em que ele consegue expressar muito bem o papel de **vivência** em seus escritos:

Celebração da subjetividade

Eu já estava há um bom tempo escrevendo *Memória do Fogo*, e quanto mais escrevia mais fundo ia nas histórias que contava. Começava a ser cada vez mais difícil distinguir o passado do presente: o que tinha sido estava sendo, e estava sendo à minha volta, e escrever era minha maneira de bater e abraçar. Supõe-se, porém, que os livros de história não são subjetivos.

Comentei isso tudo com José Coronel Urtecho: neste livro que estou escrevendo, pelo avesso e pelo direito, na luz ou na contra luz, olhando do jeito que for, surgem à primeira vista minhas raivas e meus amores.

E nas margens do rio San Juan, o velho poeta me disse que não se deve dar a menor importância aos fanáticos da objetividade:

— *Não se preocupe* — me disse. — *É assim que deve ser. Os que fazem da objetividade uma religião, mentem. Eles não querem ser objetivos, mentira: querem ser objetos, para salvar-se da dor humana.*

(GALEANO, 2020, p. 118).

Vemos que essa maneira de “bater e abraçar” é exatamente a expressão d’*O Livro dos Abraços*. Nesse sentido, parece que, ao mesmo tempo em que ele “nos bate”, nos expõe os horrores da história da América Latina, a desgraça de “ser um ninguém”, a nossa “repetição de tragédias” e a nossa “morte de civilização”. Em contraposição, também “nos abraça”, traz a graça que é ser humano, as possibilidades de amar, de compartilhar, de dançar e ser feliz. Portanto, consegue movimentar os sentimentos contraditórios das “raivas” e dos “amores”, e nesse curto-circuito dos sentimentos contraditórios, nessa catarse, permite ao leitor uma grande transformação dos próprios sentimentos. Onde, após entrar em contato com esses relatos, permite um retornar para a realidade transformado, com um novo olhar para a própria história, como sociedade e como indivíduo, passa a entender “o que tinha sido” e “estava sendo” – isto é, o colonialismo e as suas consequências na forma de capitalismo dependente na América Latina. Assim, pode vir a ter um olhar que desmistifica os determinantes do fatalismo, e, com isso, superar essas condições: tanto pelo caráter de resgate da memória histórica dos relatos, quanto pela transformação dos sentimentos suscitada, que movimenta o indivíduo para ter outras ações na própria vida.

Nosso entendimento sobre o papel das emoções, consegue nos livrar de “fazer da objetividade uma religião”, pois conseguimos mostrar a importância dos sentimentos para nos mover e nos tornar humanos, defendendo, sempre, que eles não podem ser excluídos da nossa constituição. Não podemos nos livrar da “dor humana” a partir da racionalidade. Devemos nos permitir sentir, e entender os sentimentos em unidade com a razão, compreender essa dor, para, assim, viabilizar a transformação dela. Não a ignorando para ela retornar para nós em forma de sintoma – na forma de fatalismo. Mas, permitindo-nos encontrar as formas de expressão e elaboração dessas dores, pode ser “pelo avesso e pelo direito”, mas, seguindo o

caminho da expansão da nossa existência. Assim, podemos sentir a restrição da vida imposta por essa sociedade injusta como sentimentos de tristeza e nos fortalecermos para lutar e transformar esse sentimento em alegria.

Além disso, a potencialidade do encontro com *O Livro dos Abraços*, pode permitir que a pessoa chegue numa “vivência lúdica” destacada anteriormente em nosso estudo. Com a possibilidade de elevar os afetos despertados na leitura do livro, das raivas e dos amores, ao conceito. Conceito da história do povo latino americano, das condições materiais que levaram ao fatalismo e à servidão. Aos relatos nos permitirem que nos relacionemos com esses sentimentos como objetos externos a nós. Podemos nos desprender dos significados sociais imediatos de nossas vivências, por exemplo, enxergar a relação com o “pecado original” de outra forma, e conseqüentemente, a pessoa se transforma nessa relação. Assim, essas transformações dos significados que temos para as nossas vivências, permite a integração dos nossos processos de pensar, agir e sentir, levando ao desenvolvimento como um todo. Permite, dessa forma, que a pessoa viva as suas experiências com maior liberdade, no sentido vigotskiano do termo, como “afeto no conceito”. E, com isso, desamarre as suas potências de viver e possa, enfim, sentir alegria.

Com isso, evidencia-se a importância de nossas memórias e da subjetividade para conseguirmos contar a nossa história – individual e coletiva. Na mesma direção, os modos de reviver tudo isso vai nos fazer sentir também esses sentimentos, tidos como ruins, porém necessários em nossa constituição subjetiva. Entendemos que, se permitir sentir tais sentimentos pode ser um potente motor para a transformação de nossa realidade. Pois, os sentimentos nos movem à ação, e sentir revolta, raiva e indignação, pode fazer com que eu queira transformar a realidade que produz esse tipo de sentimento. Pois, como nos lembram Costa e Mendes (2020), romper com o fatalismo dos indivíduos significa romper com a ordem social que o produz e necessita dele para se manter, ou seja, significa transformar a sociedade radicalmente.

Na presente seção buscamos desenvolver as nossas interpretações de alguns relatos de *O Livro dos Abraços*. Para tanto, inicialmente apresentamos o conceito de fatalismo, elaborado por Martín-Baró e os conceitos de servidão, inclusão perversa e sofrimento ético-político, elaborados por Sawaia. Com o objetivo de dar base teórica para a interpretação que faríamos da obra em tela. Assim, foi possível iniciarmos nossa interpretação de alguns relatos da obra, observando como conseguiam expressar e contrapor os conceitos que apresentamos anteriormente. Possibilitando que o indivíduo entrasse em contato com esses conceitos na

forma de sentimentos expressos nos relatos, e, com isso, pudesse transformar os sentimentos em relação a própria vivência.

Em seguida, utilizamos o método objetivamente analítico, desenvolvido por Vigotski, para analisar a obra e identificar a resposta estética suscitada por ela. Entendemos que *O Livro dos Abraços* se apresenta como um importante recurso para o resgate da memória histórica, sendo uma importante ferramenta para o enfrentamento do fatalismo latino-americano. Pudemos compreender que os relatos podem alcançar essa potencialidade ao gerarem **identificação** e **estranhamento** em seus leitores, e, conseqüentemente, movimentar sentimentos de “**raivas** e **amores**”. E, ao suscitar esses sentimentos, poderia transformar o sujeito que entra em contato com eles, conseqüentemente, transformá-lo na totalidade. E, com isso, movimentá-lo para transformar a sociedade como um todo.

Desse modo, nossas interpretações indicam que os aspectos emocionais, suscitados pelos relatos, são os sentimentos de revolta, de raiva e de alegria, de compaixão. E que, ao sujeito entrar em contato com esses sentimentos contraditórios, pode transformar a relação que tem com a história do povo latino-americano e, conseqüentemente, com a própria história. Assim, evidenciamos a potencialidade da arte para o desenvolvimento humano. E gostaríamos de encerrar essa dissertação com um último relato *d’O Livro dos Abraços* que, a nosso ver, expressa, de maneira poética, toda essa potência da arte que abordamos nesse estudo:

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– *Me ajuda a olhar!*

(GALEANO, 2020, p. 15).

Nesse relato, o pedido do filho de ajuda para olhar ganha outro sentido se observado na interrelação com o seu título. O pai de Diego o leva para “descobrir” o mar e quando este alcança o mar se vê incapaz de processar tudo o que vê, e então pede ajuda para olhar. Falar em “olhar” e não em “ver” é a chave do relato, “ver” pode ser entendido como a faculdade biológica da visão, já “olhar” está ligado a habilidades sociais e culturais que precisam ser desenvolvidas. Assim, a arte pode surgir como uma possibilidade para esse desenvolvimento, em que a função da arte seria essa “ajuda para olhar”, olhar de outra forma, interpretar, poder trazer outros significados para as próprias vivências. Sendo está, para Galeano, e para nós, a

“função da arte”. Ou seja, essa possibilidade de expansão do nosso ser, que, esperamos, possa ser vivida com alegria.

Esperamos com as reflexões, aqui desenvolvidas, possa delinear novos olhares possíveis a nossa realidade. Essa realidade de tantos sofrimentos e injustiças, mas que também carrega a resistência da vida, a incrível potencialidade das pessoas quererem e poderem ser felizes. Esperamos, também, ter trazido um convite à leitura dessa obra de Galeano e de tantas outras que movimentam os nossos sentimentos. Além da utilização dela em nosso contexto clínico, com o objetivo de potencializar esses sentimentos também nas pessoas em sofrimento psíquico que procuram a nossa ajuda.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a sistematização, aqui empreendida, de elementos teóricos da teoria vigotskiana permitem entender de que forma as emoções e sentimentos que se desenvolvem na fruição artística produzem desenvolvimento humano. Permite, de modo específico, em cada seção do presente estudo: 1) sistematizar os fundamentos da teoria da arte de Vigotski e seus possíveis desdobramentos na prática do psicólogo; 2) desenvolver teórico-metodologicamente o entendimento da teoria das emoções de Vigotski e seus interlocutores contemporâneos; 3) analisar a obra literária *O Livro dos Abraços* pelos preceitos teóricos desenvolvidos anteriormente; a fim de compreender como se estabelece e quais os processos envolvidos quando a arte possibilita o desenvolvimento das emoções e, com isso, entender como esse desenvolvimento pode gerar o desenvolvimento humano na totalidade.

Considera-se ainda que **o método objetivamente analítico**, elaborado por Vigotski permite analisar a estrutura da obra de arte, a qual é composta pela síntese entre **forma e conteúdo**, que, por sua vez, indica que a contradição entre forma e conteúdo é o fundamento da **resposta estética** suscitada pela arte. São fundamentais ainda para a compreensão da teoria psicológica da arte de Vigotski, os conceitos de **catarse**, que explica que a arte possui uma estrutura objetiva e essencialmente contraditória, com isso, suscita emoções que se desenvolvem em dois sentidos opostos e encontram sua destruição num ponto culminante, como uma espécie de curto-circuito e isso gera a complexa transformação dos sentimentos; a **arte como o social em nós**, ou seja, ela expressa, no indivíduo, sua constituição como ser social; e a **arte como técnica social dos sentimentos**, isto é, a arte é uma técnica criada pelo ser humano para dar existência social objetiva aos sentimentos, e, com isso, permite aos indivíduos socializarem determinado sentimento, tornando-os objetos, algo externo que se interioriza por meio da catarse. Desse modo, explica-se a capacidade da arte de mobilizar sentimentos conhecidos, e também de apresentar ao indivíduo novos sentimentos. Pois, ela carrega consigo a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, podendo colocar o indivíduo num estado sensível para posteriores atitudes, como se acumulasse energia para ação, dando-lhe nova direção. Esses fatores fazem com que o mundo seja visto com outros olhos, em razão da arte formular para a mente e reviver para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinidos e imóveis. Assim sendo, pode-se afirmar que a arte, como produção da humanidade (como social em nós), contém as relações sociais nas quais se concretizam os sentimentos (técnica social dos sentimentos), que permite apreensão e evidencia questões

subjetivas (catarse), conectadas às situações sociais. Nessa direção, conseguimos, por fim, compreender a arte em seu caráter transformador. Desse modo, com a presente síntese, lançamos as bases necessárias para a análise de *O Livro dos Abraços* que empreendemos na última seção de nosso trabalho.

Considera-se outrossim, as potencialidades do uso da arte no contexto da psicoterapia, como base na teoria de Vigotski, qual seja, uma promotora do **desenvolvimento da consciência**, ou seja, da **conscientização**: conversão de aspectos inconscientes em conscientes, sendo o **inconsciente** entendido como uma zona de sentido desprovida de significado. Nessa elaboração, recorreremos aos conceitos de **significado** e **sentido**, em que o primeiro é o significado mais geral e estável da palavra e, o segundo, como a forma com que o sujeito lida individualmente com esse significado. Após essas formulações, pudemos compreender a importância das **mediações para a conversão de aspectos inconscientes em conscientes**, dentre elas, a **arte**. Que pode ser utilizada no contexto da psicoterapia para dar vazão e significado para aspectos da vida do indivíduo aos quais ele não encontrava significação nas palavras de seu cotidiano, permitindo que o indivíduo vislumbre novas formas de se atuar na realidade e de lidar com o próprio sofrimento.

As considerações a respeito da teoria das emoções de Vigotski indicam a tarefa desafiadora de analisar um manuscrito pelas suas características de abertura e repetições de ideias, em diferentes momentos do texto, sem as desejadas conexões e conclusões. Apoiar-se em leituras e releituras contemporâneas se apresenta como um importante método de estudo. Assim, se destacam as críticas de Vigotski à teoria organicista das emoções – crítica que vai aparecendo ao longo de todo o manuscrito, por vezes de forma desconexa. Qual seja, James e Lange consideravam as reações fisiológicas que acompanham os estados emocionais como a fonte das emoções, chegavam a afirmar “estamos angustiados porque choramos”. Ao que Vigotski se contrapôs frontalmente, e afirmou que choramos de tristeza ou de alegria, ou devido a uma grande raiva ou um sentimento de ternura, não porque o nosso corpo nos mandou sinais fisiológicos. Com isso, chegamos ao conceito de “afeto íntegro” elaborado por Vigotski, que seria a união dos aspectos psíquico e somático. Apesar de o autor não usar mais este termo em seu manuscrito, a nosso ver, expressa a unidade afetivo-cognitiva apresentada por nós nesse estudo.

Mas, antes de falar da unidade afetivo-cognitiva, abordamos a defesa elaborada por Vigotski sobre a importância das bases filosóficas da teoria das emoções, onde o autor faz uma apresentação inicial da teoria das paixões de Espinosa. Filosofia que, compreendemos em nossos estudos, é a base da teoria vigotskiana das emoções, embora tenha ficado por

explorar no manuscrito do autor. Depois, Vigotski aborda as bases neurológicas das emoções, com a teoria talâmica das emoções e a teoria do duplo controle, contrapostas à teoria organicista. Aqui, compreendemos que o autor buscou cumprir com o objetivo de seu trabalho: formular o conceito de afeto na obra de Espinosa no âmbito da ciência neuropsicológica de sua época. Mas, tal conceituação também fica por explorar na obra do autor. Acreditamos que aprofundar tal teorização ainda seja um campo em aberto para a pesquisa nesta área, onde se exigiria um estudo mais atento no campo da neuropsicologia. De nossa parte, neste ponto traçamos uma associação de potencialidades da psicoterapia a partir dessas teorizações elaboradas por Vigotski; associamos a teoria do duplo controle com os conceitos de significado e sentido, porém, entendemos que esta associação também precisa de um maior aprofundamento teórico e prático.

Então, retomamos a crítica que o autor faz à teoria organicista, mas agora com o foco aos dualismos lógico formais defendidos nessa teoria. Em sua crítica, vemos que Vigotski elabora as questões centrais para a teoria das emoções, qual seja, a defesa de que devemos entender as **emoções em unidade com a razão**, não mais como polos opostos de uma relação. Além da defesa de que não devemos mais dicotomizar o ser humano, ou seja, não o dividir em mente e corpo, indivíduo e sociedade, subjetivo e objetivo, pois essas unidades são as “unidades indecomponíveis” para a compreensão desses fenômenos. Além disso, Vigotski também elabora sua compreensão de que as emoções podem se **transformar**, ou seja, não devem ser negligenciadas ou contidas, mas compreendidas e **desenvolvidas**. Além de apontar o **papel motivacional das emoções**, sua função em nos motivar para as ações. Nesse momento, apresentamos, também, elaborações contemporâneas sobre a **unidade afetivo-cognitiva** e a questão da **corporeidade**, com vistas a enriquecer o que havia sido abordado no manuscrito.

As considerações dos estudos contemporâneos, por meio da metassíntese do conceito de emoção na teoria de Vigotski, permitiu uma síntese interpretativa em 7 subtemas conceituais: a) emoção como forma de comunicação; b) emoção em unidade com a razão (unidade afeto e intelecto); c) emoção em seu papel motivacional (base afetivo-volitiva das ações); d) as emoções se desenvolvem/transformam; e) emoções em relação com o meio social; f) emoção como Função Psicológica Superior; g) emoção como função que permeia as outras funções psicológicas. Consideramos que os subtemas conceituais b, c e d são as maiores contribuições de Vigotski e seus estudiosos ao tema das emoções, pois entendemos que requalificam o entendimento de senso-comum das emoções. As emoções deixam de ser inferiores à razão, passando a ser entendidas em conjunto com ela. Assim, podemos valorizar

o papel motivacional das emoções, as compreendendo como fundamentais para as nossas escolhas e para a nossa vida. E elas deixam de ser estáticas e imutáveis, mas, pelo contrário, têm possibilidade de se desenvolverem e se transformarem. Assim, deixam de ser um fardo para a vida humano, para ser um fator que a potencializa. Ao chegar a esses conceitos, em nossa metassíntese, vemos como os estudos dessa teoria de Vigotski estão em consonância, além de todos terem convergido para o que também compreendemos do manuscrito do autor. Com isso, a metassíntese trouxe a possibilidade de compreendermos esses conceitos da teoria das emoções com mais profundidade, o que possibilitou uma interpretação mais acurada d'*O Livro dos Abraços*.

Consideramos a potencialidade de nosso estudo, pois pudemos entender que **as emoções podem ser transformadas por meio da arte**. Dessa forma, podemos mudar nossa disposição e motivação para as ações na nossa vida, além de mudar o nosso entendimento sobre as nossas vivências. A partir dessas bases, interpretamos a obra *O Livro dos Abraços* e compreendemos seu caráter emocional e qual é a resposta estética que ela pode gerar e como, com isso, possibilitar o desenvolvimento humano. Consideramos ser necessário ampliar, em futuros estudos, a compreensão do contexto histórico da produção literária do autor, qual seja, as ditaduras militares da América-Latina. Assim, destacamos que *O Livro dos Abraços* faz parte da escrita poética de Galeano, e que se configura como um conjunto de **relatos da memória histórica do povo latino-americano**. Entendemos, também, que a imagem que Galeano quer revelar em sua poética é a **imagem da latino-americanidade**, alinhado ao seu projeto poético que objetiva **resgatar a voz silenciada dos grupos minoritários da América Latina**. Cumpre, portanto, como ilustramos na epígrafe da seção 4, com a gigantesca tarefa de dar voz aos silêncios de nossa história, e respondeu com a verdade às mentiras de nossa história. E, finalmente, na subseção 4.2 desenvolvemos as nossas interpretações d'*O Livro dos Abraços*. Para dar base à nossa análise, apresentamos o conceito de **fatalismo**, elaborado por Martín-Baró, compreendido como um conformismo que se relaciona com a ideia de um destino fatal. Pudemos compreender como o conceito de fatalismo explica a situação da maioria da população da América Latina encarar a realidade de pobreza e de desigualdade social extremas com naturalidade. Sendo o fatalismo uma derivação das relações sociais existentes, ou seja, a constatação de que a realidade do povo latino-americano é determinada por absurdos históricos decididos por grupos externos a ele, e que é impossível mudar a sua realidade social por meio de esforços próprios. Assim, não restaria outra perspectiva para as maiorias populares, a não ser a de aceitar a sua condição fatal, com conformismo e resignação.

Além de trazeremos uma associação à conceitos elaborados por Sawaia, com o objetivo de auxiliar-nos a explicar como se dá o fatalismo, os seus mecanismos de conservação e formas de enfrenta-lo. Assim, abordamos os conceitos de **servidão**, entendido por nós também como uma expressão do fatalismo, e que tem nas **paixões tristes** a sua forma de manutenção; o conceito de **inclusão perversa**, que fala sobre a inclusão dos “excluídos” em nossa sociedade desigual, ou seja, a inclusão de maneira indigna e indecente; e o conceito de **sofrimento ético-político**, que é justamente a implicação subjetiva da vivência cotidiana da desigualdade social. Em nossa associação entendemos que o fatalismo é uma expressão do sofrimento ético-político. Trouxemos esses conceitos, pois entendemos que eles conseguem explicar de forma científica a vivência da desigualdade social, e de suas consequentes injustiças, na América-Latina.

Então, abordamos caminhos possíveis apontados por Martín-Baró (2017) para a ruptura do fatalismo em nossa sociedade: (a) **a recuperação de sua memória histórica**; (b) a organização popular; e (c) a prática de classe. Chamamos a atenção para o primeiro ponto, pois consideramos que *O Livro dos Abraços* se apresenta como uma mediação que pode propiciar essa recuperação da memória histórica. Entendemos que o objetivo deste ponto é a **superação do presenteísmo**, não somente abrindo a mente para o futuro, mas também **recuperando a memória** do passado, pessoal e coletivo. Também abordamos dois outros pontos, elaborados por Costa e Mendes, que consideramos necessários para a superação do fatalismo: (d) a necessidade de fortalecer as condições objetivas comunitárias e, (e) a conscientização enquanto horizonte do *quefazer psi*. Neste ponto, abordamos formas de repensar a prática do psicólogo, que não deveria perder de vista a dialética do fatalismo que conforma os indivíduos e a sociedade ao seu destino fatal. Para tanto, recorreremos aos estudos desenvolvidos por Delari Jr (2009) sobre a prática do psicólogo com base na teoria de Vigotski. Segundo o autor, há pelo menos três ações que a prática da psicologia deve buscar construir, quais sejam: (a) **superação**, (b) **cooperação** e (c) **emancipação**. Onde a superação viabilizada pela cooperação é que levaria o ser humano à emancipação como conquista da liberdade de pensamento e ação, exercida no coletivo, com o coletivo e pelo coletivo.

Também abordamos formas de superação da desigualdade e da servidão elaboradas por Sawaia. A autora defende que a **emoção** e a **criatividade** são dimensões ético-políticas da ação transformadora e que trabalhar com elas significa um meio de atuar no que há de mais singular da ação política emancipadora. Aqui, chamamos especial atenção para o **papel das emoções nesta transformação**, pois, segundo a autora, a superação da situação de servidão só se dará quando os limites impostos à potência de vida forem sentidos como **afeto de**

tristeza. E a expansão do corpo for sentida como **alegria**. Nesta formulação, pudemos compreender com mais clareza quais são e de que forma os afetos nos movem. Com defesa de desbloquear os **afetos alegres**, pois perseverar na própria existência é mais que se conservar vivo, e são estes os afetos que irão nos motivar para a transformação da sociedade. Com isso, pudemos entender como para Espinosa e Vigotski a busca da **felicidade** é um ato político e que só se é consciente quando se é livre, isto é, quando a consciência resultar de uma decisão interior, autônoma, e não de obediência a um comando ou pressão externa. A autora demonstra que a criatividade vigotskiana e a felicidade espinosana são fundamentais para a passagem do momento passional-ilusório para o momento afetivo-transformador.

Com isso, pudemos ver n' *O Livro dos Abraços* uma forma de enfrentamento a essas condições fatais do povo latino americano. Pois ele se apresenta como um importante recurso para o **resgate da memória histórica da humanidade**, permite, com isso, que os sujeitos se relacionem com a sua história, individual e coletiva, de uma outra forma. Verificamos, ainda, que *O Livro dos Abraços* é composto por **fragmentos de memórias** e compreendemos que tais fragmentos representam **sentimentos universais do povo latino-americano**. Galeano experimenta compaixão com as vivências de seu povo e vai além, enformando-os esteticamente. Assim, também permite o movimento de nossas **paixões alegres** em direção da transformação de nossa sociedade desigual.

Neste ponto de nosso trabalho que iniciamos as nossas interpretações dos relatos de Galeano propriamente. Analisamos os relatos *A cultura do terror/7; Os numerinhos e as pessoas; Os ninguéns; Celebração de bodas da razão com o coração; Dizem as paredes/2; Divórcios; Elogio ao bom senso; Teologia/3; Celebração da voz humana/2; A fome/2*. Após as nossas interpretações, fomos acompanhados constantemente da sensação de que Galeano estudou as teorias que estávamos expondo conosco, pareceu até que escolhemos a obra a ser analisada depois de ter feito as nossas elaborações teóricas, e não antes, como foi o caso. Parece que buscamos uma obra que explicasse o fatalismo e o sofrimento ético-político, porém, na verdade, escolhemos a obra primeiro, com base em nossos afetos em relação a ela, e então encontramos a teoria que conseguia explicá-la de uma maneira tão magistral. Foi um feliz encontro entre a teoria e a arte aqui escolhida, ficamos com a sensação constante que ela quem lia a gente, como já diria Mário Quintana. Este feliz encontro entre a arte e a teoria movimentou muito as nossas paixões alegres, esperamos ter conseguido transmitir essas sensações aos leitores também.

Em nossas análises, pudemos verificar que os relatos de Galeano se configuram como a sua maneira de “bater e abraçar”. Ou seja, eles “nos batem”: expõe os horrores da história da

américa latina, seus determinantes no colonialismo, a desgraça de “ser um ninguém”, o divórcio da razão e da emoção, a nossa “repetição de tragédias” e a nossa “morte de civilização”. Mas, também “nos abraça”: celebra as bodas entre a razão e a emoção, a potência da voz humana, enfim, traz a graça que é ser humano, as possibilidades de amar, de compartilhar, de dançar e ser feliz. Portanto, pudemos verificar que os relatos conseguem movimentar os sentimentos contraditórios das “raivas” e dos “amores”, e nesse curto-circuito dos sentimentos contraditórios, nessa catarse, permite ao leitor uma grande transformação dos próprios sentimentos. Onde, após entrar em contato com esses relatos, possa retornar para a realidade transformado, com um novo olhar para a própria história, como sociedade e como indivíduo. Assim, pode vir a ter um olhar que **desmistifica os determinantes do fatalismo**, e, com isso, superar essas condições. Tanto pelo caráter de **resgate da memória histórica** dos relatos, quanto pela **transformação dos sentimentos** suscitada, que **movimenta o indivíduo para ter outras ações na própria vida**.

Nos utilizamos, ainda, do **método objetivamente analítico** desenvolvido por Vigotski para analisar a obra. Assim, olhamos para o **conteúdo** e a **forma** do livro: **conteúdo** das obras de Galeano, **a história do povo latino-americano**, é **enformado em relatos poéticos**. Assim o conteúdo das obras é trazido na forma de **vivência**, as quais geram as emoções contraditórias de, ao mesmo tempo em que o espectador se identifica com os relatos do livro, podendo se localizar nas histórias retratadas e ter emoções de **ternura** e **compaixão**, concomitantemente, os relatos podem gerar sentimentos de **estranhamento**, de **revolta** e **raiva** ao espectador, suscitado pela denúncia dos horrores de nossa história e de nossa vivência. Em nossas análises, pudemos ver que o indivíduo pode entrar em contato com sentimentos que talvez não se apercebesse, como o sentimento de **revolta**, por exemplo, diante de sua realidade desigual, conseguindo **direcioná-lo para o caminho da transformação**. E, com isso, para a transformação da sociedade como um todo.

Resgatando a questão do inconsciente, não estamos dizendo que a pessoa não sente a desigualdade e a injustiça que ela vive. Porém, os determinantes dessa situação podem ser inconscientes para a pessoa, ela pode acabar atribuindo os motivos de sua desgraça a falta de vontade individual de mudar, por exemplo. Mas, quando entra em contato com a literatura de Galeano, pode ter os sentimentos movimentados de uma outra forma, e consegue entender melhor as origens de seu sofrimento e, com isso, se **transformar**.

A pesquisa confirmou também a nossa hipótese: na fruição artística, o indivíduo pode vivenciar as relações humanas e suas contradições essenciais, representadas artisticamente. No caso aqui analisado, vivenciar as contradições essenciais da constituição da américa-latina

e seu povo. Com isso, podem se reconhecer enquanto pertencentes a essa história da América-latina, reconhecendo seu próprio passado enquanto humanidade, o que amplia as possibilidades de significação do mundo e de si mesmos. Permitem, assim, novas formas de atuar na realidade concreta.

Mas, embora o desenvolvimento de nosso trabalho tenha sido um feliz encontro, também teve suas limitações. Uma limitação que conseguimos identificar ao longo do trabalho foi: a falta de um aprofundamento das consequências da alienação no psiquismo. Em nossa pesquisa, abordamos muito como as injustiças sociais são produtoras das mais diversas formas de sofrimento, porém abordamos de forma muito breve o papel da alienação. Entendemos que esta é uma categoria fundamental para compreender o sofrimento na sociedade de classes, porém, por ser tão fundamental, é uma categoria que possui uma complexidade teórica que ultrapassava os limites de nossos esforços neste trabalho. Com isso, deixamos em aberto a tarefa futura de talvez, fazer uma associação entre a alienação, o fatalismo e o papel da arte em enfrentar também esta categoria. Outra limitação que vemos em nosso trabalho é o fato dele ser estritamente teórico, com isso, tivemos que nos apropriar de outros trabalhos práticos e até supor as consequências da reação estática nos indivíduos. Não estamos colocando que o trabalho teórico teria menos ou mais mérito que um trabalho prático, mas entendemos que ambos precisam se complementar. Com isso, esperamos ter lançado as bases para investigações práticas futuras.

Mas, mesmo com estas limitações, esperamos ter contribuído com avanços para a psicologia. Em nossas possíveis explicações do que o corpo é capaz, acreditamos que conseguimos demonstrar que, ao movimentarmos as paixões alegres dos indivíduos, ao afetarmos ele por meio da arte, por meio de sua memória histórica; conseguimos, conseqüentemente, transformar esse indivíduo e a sociedade. Assim, pudemos entender que os sentimentos desenvolvidos por meio das obras de arte estão em unidade com a razão e com todas as outras funções do indivíduo, por isso, quando são requalificados por meio da arte, requalificam todos os outros sentimentos. E que eles são o que dão vida a nossa existência humana, o que faz brilhar o olho e potencializam a nossa vida para a expansão da nossa existência. Fiz este trabalho muitas vezes com um sorriso no rosto, encantada com todos os encontros entre a teoria e a arte que ele proporcionava, espero ter conseguido transmitir um pouco dessa sensação ao leitor. Com base em tudo o que apresentamos em nosso trabalho, almejamos o fim da sociedade de classes, com a desigualdade social, com o sofrimento ético-político, e, conseqüentemente, os seus mecanismos de regulação, o fatalismo e a servidão. Lutemos!

REFERÊNCIAS

- AITA, E. B. **O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski**: primeiras aproximações. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.
- _____. **Psicoterapia enquanto possibilidade de intervenção sobre o processo de formação de consciência**: uma análise histórico-cultural. (Tese de doutorado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil, 2020.
- ALMEIDA, M. R. de; GOMES, R. M. Medicalização social e educação: contribuições da teoria da determinação social do processo saúde-doença. **Nuances**: estudos sobre educação. Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 1, p. 155-175, jan./abr. 2014.
- ANGELL, M. A epidemia de doença mental. **Revista Piauí**. São Paulo, ed. 59, p. 45-49, 2011.
- ASBAHR, F. S. F. **Porque aprender isso professora?** Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural. 2011. 220 f. Tese de Doutorado em Psicologia – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Publicada, 2011.
- ASSUMPCÃO, M. C.; DUARTE, N. A arte e o ensino de literatura na educação escolar. **Contexto**, Vitória, (27), 238-258. 2015.
- BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 22-31, abr. 2014.
- BASTOS, J. A. **Saúde mental e trabalho**: metassíntese da produção acadêmica brasileira no contexto da pós-graduação brasileira. 114f Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.
- BRASIL. Painel Coronavírus. Coronavírus Brasil, 18 de fev. 2023. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 02/03/2023.
- BOCK, A. M. B.; FERREIRA, M. R.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. Sílvia Lane e o Projeto do ‘Compromisso Social da Psicologia’. **Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 2: 46-56, 2007.
- BUARQUE, C. do N. L. **Clínica da atividade**: uma metassíntese a partir de artigos acadêmicos da área da psicologia nas bases de dados *SciELO* e *BVS*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2021.
- CAMARGO, D. de Emoção, primeira forma de comunicação. **InterAÇÃO**, Curitiba, v. 3, p. 09 a 20, jan./dez. 1999.
- CANUTO, L. T. **Conceito de infância em artigos brasileiros de Psicologia**. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

CARVALHO, B. P. **Escola de São Paulo de Psicologia Social: uma análise histórica do seu desenvolvimento desde o materialismo histórico-dialético**. 273 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

CLARINDO, J. M. **Clínica histórico-cultural: caracterizando um método de atuação em psicoterapia**. 205 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020.

COSTA, Á. J. de A.; PASCUAL, J. G. Análise sobre as emoções no livro Teoría de las emociones (Vigotski). **Psicologia & Sociedade**, 24: 628-637, 2012.

COSTA, P. H. A. da; MENDES, K. T. Dialética do Fatalismo: do Fatalismo dos Indivíduos para o da Ordem. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 682-702, 2020.

DALLA VECCHIA, M.; **Trabalho em equipe na atenção primária à saúde: o processo grupal como unidade de análise da dialética cooperação-trabalho coletivo**. Tese (doutorado) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2011.

DELARI JR, A.; **Vigotski e a prática do psicólogo: em percurso da psicologia geral à aplicada**. Mimeo. Umuarama, 40 p. (2ª versão), 2009.

_____. **Vigotski: consciência, linguagem e subjetividade**. Campinas: Editora Alínea, 2013.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Pesquisa nacional da Cesta Básica de Alimentos: Salário mínimo nominal e necessário**. Disponível em: < <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html> > . Acesso em: 22/02/2023.

DINIZ, L. F. **O livro dos abraços, de Eduardo Galeano: celebração da metaliteratura/1**. TCC (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns, Garanhuns, 2019.

DUARTE, N. **A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**, 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

_____. Arte e formação humana em Vigotski e Lukács. In: Duarte, N. & Fonte, S. S. D. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**. (pp.145-163). Campinas: Autores Associados, 2010.

FALCÃO, C. A.; BARBOZA, A. M. M.; BUARQUE, C. N. L.; OLIVEIRA, A. A. S.; MIURA, P. O.; FERNANDES, A. L. M.; ROCHA, M. L. B. Contribuições da metassíntese para sistematização e análise qualitativa da produção científica em Psicologia. In: II Seminário Internacional da União Latino Americana de Entidades de Psicologia, 2019, Recife. **Anais do II Seminário Internacional da União Latino Americana de Entidades de Psicologia**, 2019.

FARIA, P. M. F. de; CAMARGO, D. de. As emoções do professor frente ao processo de inclusão escolar: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.24, n.2, p.217-228, Abr.-Jun., 2018.

FERREIRA, J. W.; SILVA, J. O.; MACHADO, F.; A Arte Como Mediação no Trabalho Social. In: Fernandes, I. & Prates, C. J. (Ed.). **Diversidade e Estética em Marx e Engels**. (pp. 187-202). Campinas: Papel Social, 2016.

FRANCISCO, W. de C. e.; El Salvador. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/el-salvador.htm> Acesso em: 13/01/2022

FRAZÃO, D.; Biografia de Eduardo Galeano. **eBiografia**, 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/eduardo_galeano/. Acesso em: 18/10/2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, F. L. de C. Pressupostos espinosanos da crítica histórico-psicológica. **Revista Conatus – Filosofia e Spinoza**. V. 7, N. 13, Julho 2013.

GALEANO, E.; Diez errores o mentiras frecuentes sobre literatura y cultura en America Latina. **Revista de la Universidad de México**. n. 1, set. 1980.

_____. **El descubrimiento de America que todavía no fue y otros ensayos**. Caracas, Venezuela: Alfadil Ediciones, 1991.

_____. **Ser como ellos y otros artículos**. 2.ed. Bogotá, Colombia: Tercer Mundo Ed., 1995.

_____. **Veias Abertas da América Latina**. Trad. Sérgio Faraco Porto Alegre: L&PM, 2010 [1971].

_____. **O Livro dos Abraços**. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2020 [1989].

GEMAQUE, A. A pandemia agravou a desigualdade de renda e a pobreza no Brasil. **EcoDebate**. Site de informações, artigos e notícias socioambientais. 21/05/2021. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/05/21/a-pandemia-agravou-a-desigualdade-de-renda-e-a-pobreza-no-brasil/> . Acesso em: 22/02/2023.

GONZÁLEZ REY, F L. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski. **Educación & Sociedad**, nº 70, Abril, 2000.

GUITARRARA, P. Pandemia de covid-19. **Brasil Escola**. UOL. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>> Acesso em: 02/03/2023.

HUR, D. U.; SABUCEDO, J. M.; ALZATE, M. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 21, n. 51, p. 550-569, ago. 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Séries históricas**. Taxa de desocupação, jan-fev-mar 2012 - set-out-nov 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego> Acesso em: 22/02/2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua**: Rendimento de todas as fontes 2019, 2020. Disponível em: <
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101709_informativo.pdf> Acesso em:
 22/02/2023.

JEREBTSOV, S. N.; A teoria histórico-cultural e os problemas psicossomáticos da personalidade: estudo sobre o domínio de si mesmo. **Veresk** – Cadernos Acadêmicos Internacionais. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília: UniCEUB, 2017.

JOST, R. C. F.; BULGACOV, Y. L. M.; CAMARGO, D. de. Dimensão ideológica da emoção na gestão de vendedoras de cosméticos em uma empresa multinacional. **Cad. EBAPE.BR**, v. 16, nº 2, Artigo 5, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2018.

KAHHALE, E. M. S. P.; MONTREOZOL, J. R. A clínica na Psicologia Sócio-Histórica: uma abordagem dialética. In TOASSA, G.; SOUZA, T. M. C.; RODRIGUES, D. J. S. (orgs): **Psicologia Sócio-Histórica e desigualdade social**: do pensamento à práxis. 1a ed. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, p. 191-211. ISBN: 978-85-93380-63-1. 2019.

KINOSHITA, R. T. Contratualidade e Reabilitação psicossocial. In: PITTA, A. (Org.). **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2010.

KONDER, L.; **Marxismo e Alienação**: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. **O que é dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

L&PM POCKET. Eduardo Galeano. In: GALEANO, E.; **O Livro dos Abraços**. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2020 [1989].

LANE, S. T. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In LANE, Silvia Tatiane e SAWAIA, Bader Burihan. *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEITE, H. A.; DA SILVA, R.; TULESKI, S. C. A emoção como função superior. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.3, n.7, p.37-48, 2013.

LENIN, V. I. **Materialismo e empiriocriticismo**: notas críticas sobre uma filosofia reacionária. Moscovo: Edições Progresso; Lisboa: Edições Avante!, 1982.

LEONTIEV, A. N. Sobre o desenvolvimento histórico da consciência. In: _____. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

_____. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vigotski. In: VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LUKÁCS, G. Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engel. In: MARX, K.; ENGELS, F.; **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. Tradução: José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LURIA, A. R. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In: **Curso de Psicologia Geral: introdução evolucionista à psicologia**. v.I. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1994.

LUZ, H.; SOUZA, A. L. M. de; SANTOS, L. G. dos. Percursos e percalços na investigação da emoção na Psicologia de Vigotski. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 7, n. 1, p. 65-73, jan./jun. 2015.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 647-657, 2011.

MAGIOLINO, L. L. S. A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito. **Psicologia & Sociedade**, 26: 48-59, 2014.

MARQUES, E. de S. A.; CARVALHO, M. V. C. de. Vivência e afetação na sala de aula: Um diálogo entre Vigotski e Espinosa. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 41-50, jan./jun. 2014.

MARQUES, P. N.; **O Vygótski incógnito**: escritos sobre arte (1915-1926). 307f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARTÍN-BARÓ, I. **Crítica e libertação na Psicologia**: estudos psicossociais. Organização, notas e tradução de Fernando Lacerda Júnior. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MARTINS, L. M. O processo de personalização. In: _____. **A formação social da personalidade do professor**. Campinas, SP: Autores Associados: 2011.

_____. Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a Pedagogia Histórico-Crítica. Exposição na Mesa Redonda “**Marxismo e Educação**: Fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica”. VII Colóquio Internacional Marx e Engels, IFCH-UNICAMP, 2012.

_____. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 5, n. 2, p. 130-143, 2013.

_____. Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico-Crítica e Desenvolvimento Humano. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (org.) **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico** - do Nascimento À Velhice. Campinas: Autores Associados, 2016.

MARTINS, L. M.; CARVALHO, B.; A Atividade Humana como Unidade Afetivo-Cognitiva: um Enfoque Histórico-Cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n.4, p.699-710, out./dez. 2016.

MARX, K.; **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O Capital**: Crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. São Paulo:

Expressão Popular, 2015.

MATHEUS, M. C. C. Metassíntese qualitativa: desenvolvimento e contribuições para a prática baseada em evidências. **Acta Paulista de Enfermagem**, 22(n. spe.), 543-545, 2009.

MATOS, R. **Pessoa com deficiência**: metassíntese da produção científica de grupos de pesquisa e pesquisadores do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dissertação (Mestrado em Programa de pós-graduação em Psicologia-Mestrado), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

MEDEIROS, M.; SOUZA, P. H. G. F.; CASTRO, F. A. A estabilidade da desigualdade de renda no Brasil, 2006 a 2012: Estimativa com dados do imposto de renda e pesquisas domiciliares. *Cienência & Saude Coletiva*, 20(4), 971-986, 2015.

MEZÁROS, I.; **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MIRANDA, H. H. R.; A travessia literária de Eduardo Galeano: da escrita historiográfica às escrituras sensíveis da memória ditatorial da América Latina. Anais do **XI Congresso Brasileiro de Hispanistas**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72714>>. Acesso em: 18/10/2021

MIURA, P. O.; SAWAIA, B. B. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), 331-341. 2013.

MONTEIRO, P. V. R.; **A unidade afetivo-cognitiva**: aspectos conceituais e metodológicos a partir da psicologia histórico-cultural. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

MONTEIRO, P. V. R.; ROSSLER, J. H.; A unidade afetivo-cognitiva: aspectos conceituais e metodológicos a partir da psicologia histórico-cultural. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 29, n. 2, 310-334, 2020.

OLIVEIRA, A. A. S.; BASTOS, J. A. Pressupostos epistemológicos da saúde mental e trabalho em teses brasileiras. **Mental**, Barbacena, v. 11, n. 20, p. 152-175, jun. 2017.

OLIVEIRA, A.A.S.; BASTOS, J. A.; CANUTO, L. T.; SANTOS JUNIOR, P. S.; BUENO, L. D.; ROCHA, M. L. B. A produção de conceitos e de métodos na pesquisa psicológica: contribuição da metassíntese ao conhecimento científico. In: OLIVEIRA, A. A. S. (Org.). **Psicologia Sócio-Histórica e o contexto de desigualdade psicossocial: teoria, método e pesquisas**. Maceió: EDUFAL, Pp.71-86, 2017.

OLIVEIRA, E.; ORTIZ, B. Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil. **G1, CIÊNCIA E SAÚDE**, 26/02/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 02/03/2023.

PINHEIRO, F. P. H. A.; BARROS, J. P. P.; COLAÇO, V. de F. R. Psicologia Comunitária e Técnicas para o Trabalho com Grupos: Contribuições a Partir da Teoria Histórico-Cultural. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 2, pp. 193-199, abr./jun. 2012.

PRESTES, Z. R.; **Quando não é Quase a Mesma Coisa**: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil, Repercussões no campo educacional. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2010.

REDE PENSSAN, Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. **2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Jun. 2022. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 22/02/2023.

SANTOS, L. G. dos. **Inconsciente**: uma reflexão desde a Psicologia de Vigotski. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, A. C. V. dos; **Aproximações entre a unidade mente-corpo e a unidade afetivo-cognitiva**: um caminho para compreensão do sofrimento psicossomático. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2022.

SANTOS, J. L. dos; DALLA VECCHIA, M. A vontade em Vygotski: contribuições para a compreensão da “fissura” na dependência de drogas. **Psicologia USP**, 29: 200-211, 2018.

SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade** [online]. v. 21, n. 3, pp. 364-372, 2009.

_____. Currículo do sistema currículo Lattes. [Brasília], 27 ago. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0549152788983892> Acesso em: 04 dez. 2022.

SAWAIA, B. B.; SILVA, D. N. H. Pelo reencantamento da Psicologia: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. Especial, p. 343-360, out., 2015.

SCHÜHLI, V. M.; **Tendências e contratendências do trabalho com grupos no contexto de disputa de modelos de atenção em saúde mental**: uma análise a partir de dois Centros de Atenção Psicossocial. Tese (doutorado) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2020.

SILVA, D. N. H.; MAGIOLINO, L. L. S. Dimensões (est)éticas e políticas da paixão entre Simone e Nelson. **Psicologia & sociedade**, 28: 45-54, 2016.

SILVEIRA, D.; CAVALLINI, M. PIB do Brasil avança 0,4% no 3º trimestre, na quinta alta seguida. **G1, ECONOMIA**, 01 de dez. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/12/01/pib-do-brasil-avanca-04percent-no-3o-trimestre.ghtml>>. Acesso em: 22/02/2023.

SOBKIN, V.; KLIMOVA, T. Vigotski desconhecido: a experiência de tradução literária do hebraico antigo. **Teoria e Prática da Educação**, 22(1), 03-24, 2019.

SOUZA, M. T. C. C. de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, Vol. 27, n. 2, pp. 249-254, Abr-Jun. 2011.

SOUZA, V. L. T. de; ANDRADA, P. C. de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 30: 355-365, 2013.

SUPERTI, T.; **Vygotski, Machado de Assis e a Psicologia da Arte**: do objeto, do método e das contribuições para a humanização do homem. 221 f.: il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Maringá, 2013.

TRANCOSO, A. E. R. **Juventudes: o conceito na produção científica brasileira**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

TOASSA, G.; **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. Vigotski contra James-Lange: crítica para uma teoria histórico-cultural das emoções. **PSICOLOGIA USP**, São Paulo, 23(1), 91-110, 2012.

TORRES, J. F.; COBUCCI, B.; SANTOS M.; MARTINS, A. Quem foi Fernando González Rey. **Fernando González Rey**. Disponível em: < <https://www.fernandogonzalezrey.com/> >. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

VALENTE, J. Covid-19: governo declara transmissão comunitária em todo o país. **Agência Brasil**, 20/03/2020. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/covid-19-governo-declara-transmissao-comunitaria-em-todo-o-pais> >. Acesso em: 02/03/2023.

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. In: _____. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Psicologia da Arte**. Tradução: Bezerra, P. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Bezerra, P. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Psicologia pedagógica**. Tradução: Schilling, C. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. A crise dos sete anos. Traduzido de: VIGOTSKI, L. S. La crisis de los siete años. **Obras esco-gidas**. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.

VIGOTSKY, L. S. **Teoria de las emociones**. Estudio Histórico-Psicológico. Tradução: Viaplana, J. Madrid: Akal, 2004.

VYGOTSKI, L. S. El método instrumental en psicología. In Vygotski, L. S. **Obras Escogidas I**. Madri: Visor, 1991.

_____. Método de Investigación. In Vygotski, L. S. **Obras Escogidas III** Madri: Visor, 2000.

_____. Desarrollo de las funciones psíquicas superiores em la edad de transición. In VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas IV** (Kuper, L., Trad., pp. 117-205) Madri: Visor, 2006

WHITAKER, R. **Anatomia de uma epidemia**: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o assombroso aumento da doença mental. [2010] Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.

WIKIPÉDIA. Tragédia de Armero. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Trag%C3%A9dia_de_Armero>. Acesso em:01/03/2023.

WORTMEYER, D. S.; SILVA, D. N. H.; BRANCO, A. U. Explorando o território dos afetos a partir de Lev Semenovich Vigotski. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 285-296, abr./jun. 2014.

ANEXOS

Anexo 01 – artigos tabulados para a pesquisa da teoria das emoções na contemporaneidade

Título	Autor	Ano
Percurso e percalços na investigação da emoção na Psicologia de Vigotski	Luz, Heriel ; Martins de Souza, Ana Lucia ; Dos Santos, Livia Gomes	2015
Teoria das emoções em Vigotski	Machado, Letícia Vier ; Facci, Marilda Gonçalves Dias ; Barroco, Sonia Mari Shima	2011
El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski (<i>artigo publicado em revista nacional</i>)	Fernando L. González Rey (associado UNB)	2000
DIMENSÕES (EST)ÉTICAS E POLÍTICAS DA PAIXÃO ENTRE SIMONE E NELSON	Silva, Daniele Nunes Henrique ; Magiolino, Lavínia Lopes Salomão	2016
Análise sobre as emoções no livro Teoría de las emociones (Vigotski)	Costa, Áurea Júlia de Abreu ; Pascual, Jesus Garcia	2021
Dimensão ideológica da emoção na gestão de vendedoras de cosméticos em uma empresa multinacional	Jost, Rossana Cristine Floriano ; Bulgacov, Yára Lucia Mazziotti ; Camargo, Denise de	2018
Pelo reencantamento da Psicologia: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano	Sawaia, Bader Burihan ; Silva, Daniele Nunes Henrique	2015
A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito	Magiolino, Lavínia Lopes Salomão	2014
Vigotski contra James-Lange: crítica para uma teoria histórico-cultural das emoções	Toassa, Gisele	2012
VIVÊNCIA E AFETAÇÃO NA SALA DE AULA: UM DIÁLOGO ENTRE VIGOTSKI E ESPINOSA	Marques, Eliana Sousa Alencar ; Carvalho, Maria Vilani Cosme de	2014
Explorando o território dos afetos a partir de Lev Semenovich Vigotski	Wortmeyer, Daniela Schmitz ; Silva, Daniele Nunes Henrique ; Branco, Angela Uchoa	2014
Emoção, primeira forma de comunicação	De Camargo, Denise	1999
Pressupostos espinosanos da crítica histórico-psicológica	Castro Freitas, Flávio Luiz de	2013
A emergência da reação estética da criança na atividade musical	Prestes, Zoia Ribeiro ; Tunes, Elizabeth ; Pederiva, Patrícia Lima Martins ; Tercei, Carla	2018
As Emoções do Professor Frente ao Processo de Inclusão Escolar: uma Revisão Sistemática	FARIA, Paula Maria Ferreira de ; CAMARGO, Denise de	2018
A perspectiva estética e expressiva na escola: articulando conceitos da psicologia sócio-histórica	Camargo, Denise de ; Bulgacov, Yara Lúcia Mazziotti	2008
IMPLICAÇÕES EMOCIONAIS NA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE DIRIGENTES DO PSDB/ES	Meira, Everton Faria ; Palassi, Márcia Prezotti ; Silva, Alfredo Rodrigues Leite da ; Fantinel, Letícia Dias	2015
A sagração da Portela: música, letra e contexto social na produção de reações estéticas em um samba-enredo 1	Mauricio Ernica ; Sergio Molina	2016
Música e psicologia na escola: mobilizando afetos na classe de recuperação	Neves, Maura Assad Pimenta ; Souza, Vera Lúcia Trevisan de	2018
As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico	COSTA COELHO DE SOUZA, Maria Thereza	2011
A vontade em Vygotski: contribuições para a compreensão da “fissura” na dependência de drogas	Santos, Júlia Loren dos ; Vecchia, Marcelo Dalla	2018
Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano	Barroco, Sonia Mari Shima ; Superti, Tatiane	2014
Brincando de roda com bebês em uma instituição de Educação Infantil	Silva, Elenice de Brito Teixeira ; Neves, Vanessa Ferraz Almeida	2019
Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora	SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de ; DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz ; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves dos	2018
O ENSINO DA MÚSICA PARA CRIANÇAS EM ÁREA DE VULNERABILIDADE JUVENIL: UM ESTUDO DE CASO	Bernardes, Maria Eliza Mattosinho ; Oliveira Filho, Eliseu de	2019
A EMOÇÃO COMO FUNÇÃO SUPERIOR	Hilusca Alves Leite ; Renata da Silva ; Silvana Calvo Tuleski	2012
Teatro e desenvolvimento psicológico infantil	Porto, Andreia Anna Amaral ; Kafrouni, Roberta	2012